



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS**



MARIA IVANILCE SILVA DA MOTA

**POEMAS AMAZÔNICOS EM SALA DE AULA: UM INCENTIVO
À VALORIZAÇÃO DA CULTURA, LEITURA E PRODUÇÃO DE
TEXTOS NO ENSINO FUNDAMENTAL.**

**Santarém – Pará
2019**

MARIA IVANILCE SILVA DA MOTA

**POEMAS AMAZÔNICOS EM SALA DE AULA: UM INCENTIVO
À VALORIZAÇÃO DA CULTURA, LEITURA E PRODUÇÃO DE
TEXTOS NO ENSINO FUNDAMENTAL.**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Oeste do Pará como requisito final para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Ana Maria Vieira Silva

**Santarém – Pará
2019**

MARIA IVANILCE SILVA DA MOTA

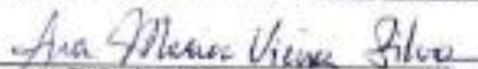
**POEMAS AMAZÔNICOS EM SALA DE AULA: UM INCENTIVO
À VALORIZAÇÃO DA CULTURA, LEITURA E PRODUÇÃO DE
TEXTOS NO ENSINO FUNDAMENTAL.**

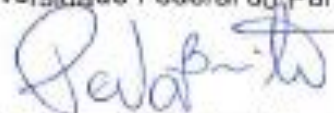
Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal do Oeste do Pará como requisito final para obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Vieira Silva

Conceito:

Data de Aprovação 14 / 02 / 2019


Prof.^a Dr.^a Ana Maria Vieira Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Pará - UFOPA


Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto
Universidade Federal do Pará – UFOPA (Avaliador interno)


Prof. Dr. Odenildo Queiroz de Sousa
Universidade Federal do Pará – UFOPA (Avaliador externo)

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, que me deram a oportunidade de estudar, mesmo sentindo a minha ausência, quando, aos nove anos de idade deixaram eu começar a traçar o meu caminho para que eu pudesse chegar até aqui.

À minha tia Maria Léa Silva, minha segunda mãe, que sempre acreditou em mim, encorajando-me e dando-me apoio em todos os momentos que precisei.

Ao meu esposo Raul Douglas Gonçalves Viana e aos meus filhos: Samuel Douglas da Mota Viana e Emanuel Henrique da Mota Viana, que sempre me apoiaram e me compreenderam, principalmente nos momentos em que precisei ficar ausente de casa para estudar.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para a concretização, não apenas deste trabalho escrito, mas deram as suas contribuições em outros momentos em que precisei, direta ou indiretamente. Mesmo assim, destaco aqui alguns nomes, agradecendo:

Primeiramente a Deus, pois acredito que ele é o ser supremo, aquele que define a nossa existência.

À professora Dra. Ana Maria Vieira, que teve a árdua tarefa de me orientar, pois sei da dificuldade que tenho, e ela, sempre com paciência, me chamando a atenção, quando necessário; mas também me dando a segurança de que tanto precisei.

A todos os professores do Profletras, que nos deram a oportunidade de discutir, concordar, discordar, mas sempre com um propósito de compartilhar conhecimentos que, certamente, servirão para o nosso crescimento enquanto profissionais, pesquisadores e, principalmente, enquanto seres humanos.

A toda a minha família, em especial, meus pais: Martinho Maceió da Mota e Maria Rosa da Silva, que me deram a vida e a oportunidade de estar concretizando mais um dos meus objetivos.

A todos os meus amigos, principalmente os colegas e direção da Escola São Francisco, que sempre me incentivaram nesta caminhada.

A literatura não é um fenômeno alheio ao mundo, indiferente à vida do ser humano – seus anseios, sofrimentos e esperanças. É na verdade a sua expressão. A criação literária é uma evocação dessa relação tensiva, ávida e apaixonada do escritor com a realidade, com a sua época.

Tenório Telles

RESUMO

O presente trabalho tem como título principal *Poemas Amazônicos em sala de aula: um incentivo à valorização da cultura, leitura e produção de textos no ensino fundamental*, e traz como título da proposta de intervenção *Amazônia em versos: Leitura de poemas em sala de aula, como um incentivo à valorização da produção literária de poetas amazônicos*. A proposta metodológica resultou em um material pedagógico como sugestão para ser utilizado pelos professores do ensino fundamental. No entanto, a título de testagem, a referida proposta foi aplicada em uma turma de 6º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco, município de Óbidos-Pa. Para alcançar os resultados pretendidos, esta dissertação utilizou-se da pesquisa bibliográfica, qualitativa e participante. Nesse sentido, teve como objetivo geral fazer um estudo de poemas de autores de expressão amazônica, identificando os possíveis entraves da ausência desses textos no ensino básico e, com esse estudo, usando metodologias voltadas para a leitura, produção oral e escrita, criar possibilidades para o exercício dessas leituras na vida cotidiana do aluno do ensino fundamental. Com o intuito de alcançar esse objetivo, este trabalho discute, em quatro capítulos, temas que contribuirão para o desenvolvimento da leitura, produção oral e escrita dos alunos no ensino fundamental, assim como as atividades que irão favorecer o despertar da valorização das produções literárias da região amazônica. Assim, nos resultados é visível a necessidade que os alunos têm de conhecer obras de autores desta região, o que se percebeu durante as discussões feitas em sala de aula. E tudo se confirmou a partir da avaliação, momento em que os alunos, através de suas falas demonstraram a satisfação em ter feito leitura de poetas da região amazônica. Os principais teóricos que embasaram esta dissertação foram: Candido, Britto, Moisés.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Literatura. Literatura Brasileira de Expressão Amazônica. Poemas Amazônicos. Produção Oral e Escrita.

ABSTRACT

The present work has as main title Amazon Poems in the classroom: an incentive to the valorization of the culture, reading and production of texts in the elementary school, and brings as title of the Amazon intervention proposal in verses: Reading of poems in class, as an incentive to the valorization of the literary production of Amazonian poets. The methodological proposal resulted in a pedagogical material as a suggestion to be used by elementary school teachers. However, as a test, this proposal was applied in a 6th grade class of the Municipal School of Elementary Education of São Francisco, municipality of Óbidos-Pa. In order to achieve the desired results, this dissertation was based on bibliographical research, qualitative and participant. In this sense, the main objective of this study was to study the poems of Amazonian authors, identifying the possible obstacles to the absence of these texts in primary education and, using this method, using methodologies for reading and writing and oral production. the exercise of these readings in the daily life of the elementary school student. In order to reach this objective, this work discusses, in four chapters, themes that will contribute to the development of reading, oral and written production of students in elementary school, as well as activities that will favor the awakening of the valorization of literary productions Amazon region. Thus, the results show the need for students to know the works of authors of this region, which was noticed during the discussions in the classroom. And everything was confirmed from the evaluation, at which point the students, through their lines, demonstrated their satisfaction in having read poets of the Amazon region. The main theorists who supported this dissertation were: Candido, Britto, Moisés.

KEY WORDS: Reading. Literature. Brazilian Literature of Amazonian Expression. Amazon Poems. Oral and Written Production.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. LITERATURA E POESIA.....	15
1.1 LITERATURA E O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA.....	15
1.1.1 O que é literatura? Existe uma definição, um conceito? Como classificá-la?.....	15
1.2 O QUE É LER? POR QUE LER, E LER LITERATURA?.....	19
1.2.1 O que é ler?.....	19
1.2.2 E por que ler literatura?.....	29
1.3 LEITURA DE POEMAS NA ESCOLA.....	35
1.3.1 O que é poema? O que é poesia?.....	35
1.3.2 Por que estudar o gênero poema em sala de aula? Como está sendo ou como poderia ser esse estudo?.....	39
2. LITERATURA BRASILEIRA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA: PRODUÇÃO POÉTICA.....	44
2.1 LITERATURA BRASILEIRA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA EM SALA DE AULA.....	44
2.1.1 Breve panorama da Literatura Amazônica.....	44
2.1.2 O que é Literatura Brasileira de expressão Amazônica?.....	49
2.1.3 Por que trabalhar Literatura de Expressão Amazônica em sala de aula.....	55
2.2 POEMAS DE AUTORES AMAZÔNICOS EM SALA DE AULA.....	58
2.2.1 Importância de se estudar os poemas de autores amazônicos.....	58
2.2.2 Conhecendo os poetas: João de Jesus Paes Loureiro, Thiago de Mello e Paulo Nunes.....	60
3. PROPOSTA METODOLÓGICA: AMAZÔNIA EM VERSOS: LEITURA DE POEMAS EM SALA DE AULA, COMO UM INCENTIVO À VALORIZAÇÃO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE POETAS AMAZÔNICOS.....	66
3.1 APRESENTAÇÃO.....	66

4.	CAPÍTULO 4: RELATÓRIO E ANÁLISE DA APLICAÇÃO DA PROPOSTA METODOLÓGICA: AMAZÔNIA EM VERSOS: LEITURA DE POEMAS EM SALA DE AULA, COMO UM INCENTIVO À VALORIZAÇÃO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE POETAS AMAZÔNICOS.....	101
4.1.	INTRODUÇÃO.....	101
4.2	FALANDO UM POUCO SOBRE A CIDADE DE ÓBIDOS.....	102
4.3	CONHECENDO A REALIDADE DA ESCOLA.....	104
4.4	CONHECENDO A REALIDADE DOS PROFESSORES.....	104
4.5	CONHECENDO A REALIDADE DOS ALUNOS.....	105
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
	REFERÊNCIAS.....	143
	ANEXOS.....	147

INTRODUÇÃO

Discutir a questão da leitura literária nas escolas brasileiras não é tão simples assim. Uma discussão respaldada em uma única teoria não daria conta de explicar o universo do texto literário e a sua grande influência na leitura, já que a literatura não existe isolada, ela está intimamente ligada ao contexto histórico, que é determinado por fatores sociais, políticos e econômicos. Por considerar esses aspectos, podemos dizer que a leitura de textos literários é, sem dúvida, uma das formas mais eficazes de levar o aluno a adquirir o hábito da leitura, podendo iniciá-lo mesmo antes de ir para a escola, visto que a família é importante no processo de aquisição da leitura, por ser responsável, na maioria das vezes, pela mediação de leitura inicial da criança. Já na escola, nós, professores, precisamos encontrar meios que nos levem a também compartilhar esse mundo de leitura com esses alunos, pois se eles não têm o hábito de ler, então, precisamos demonstrar na prática essa necessidade, levando-os a perceberem a leitura como uma necessidade e não como obrigação. Para os que já possuem o hábito, precisamos dar continuidade ao processo, pois o ato de ler é muito mais do que juntar palavras e decodificá-las. Pressupõe entendimento, participação; é um diálogo entre autor e leitor.

O objetivo geral desta pesquisa é trabalhar a produção oral e escrita dos alunos a partir da leitura de poemas dos poetas de expressão amazônica. Thiago de Melo, Paulo Nunes e João de Jesus Paes Loureiro são os poetas eleitos para essa finalidade. Porém, para que isso seja possível, primeiramente precisamos traçar um caminho de reflexões. E partindo de uma realidade que já conhecemos bem, e de uma pesquisa bibliográfica de autores que tratam do assunto, iremos propor uma metodologia para trabalhar a leitura de poemas de autores amazônicos em sala de aula.

Perguntas como: Por que estudar literatura? Ou ainda: Qual a importância de se trabalhar a leitura de gêneros literários em sala de aula? Por que o gênero poema? E ainda mais: Por que poemas de autores amazônicos? São questionamentos que serão respondidos durante este trabalho. Para iniciar esta reflexão, faremos uma breve abordagem sobre o conceito de literatura. O que é literatura? Será que podemos chegar a uma definição ou a um conceito? Em seguida, uma reflexão sobre importância da leitura literária nas escolas, em sala de

aula, e ainda, reforçando a presença dos pais nesse processo de aquisição da leitura, que levará a criança a gostar de ler e, de maneira gradativa, adquirir o hábito da leitura.

Para tratar sobre o conceito de literatura, partimos das dúvidas que encontramos no dia a dia em sala de aula, quando os nossos professores de literatura, em sua maioria, apenas trabalham as escolas literárias, suas características e principais autores. Falo disso com propriedade porque sou professora de literatura, e posso confessar que em alguns momentos ainda reproduzo em minhas aulas essa metodologia, pois assim fui ensinada na graduação, realidade que aos poucos está sendo mudada a partir das discussões feitas no curso de mestrado Profletras, que nos ajuda a refletir acerca das falhas do ensino de literatura no ensino básico e construir práticas de ensino de literatura mais eficazes. Penso que uma das falhas está na falta de esclarecimento, de se saber o que realmente se quer com esse estudo. Eu preciso dizer ao meu aluno o conceito? Talvez, não, mas eu preciso entendê-lo para poder levá-lo a ler e entender a importância que a leitura de literatura tem em sua vida.

Massaud Moisés, em sua obra *A criação literária: poesia e prosa*, faz uma extensa reflexão sobre o conceito de Literatura, assim como a sua utilidade para a vida. Utiliza-se de vários teóricos, que fazem essa comparação, desde o conceito do dicionário, da poética de Aristóteles, até os conceitos contemporâneos, o que nos leva a entender que conceituar literatura não é tão simples, se assim o fosse, teóricos não continuariam essa discussão e já teriam chegado a um consenso. Mas vou mais além, esses estudos nos levam a entender, também, que a literatura não é algo estático, mas é algo que muda de acordo com as transformações que acontecem na sociedade, com ações e ideais dos homens e mulheres, chegando, na maioria das vezes, ser visto como um problema. Um problema que precisa ser resolvido. Segundo Moisés (2012):

Não é de hoje que filósofos, estetas, críticos e historiadores vêm procurando conceituar a Literatura de modo convincente e conclusivo. Entretanto, por mais esforços que tenham sido feitos, o problema continua aberto, pelo simples fato de que, neste particular, somente podemos falar em *conceito*, nunca em *definição*. (MOISÉS, 2012, p.9)

A leitura é indispensável na vida de um cidadão que queira ver de forma mais nítida o mundo que o cerca, pois é a partir daí que o leitor poderá tomar decisões

mais maduras acerca dos problemas ou acontecimentos diversos impostos pela sociedade.

O processo de leitura, que tem a literatura como base, apresenta-se como uma atividade que possibilita a participação do homem na vida em sociedade, em termos de possibilidades e de transformação cultural; o que não implica na perda de identidade, mas em atitudes mais acertadas dentro do convívio social; acertadas no sentido de contribuir para o bem estar da sociedade.

É também objetivo deste trabalho discutir sobre a importância de se trabalhar poemas em sala de aula. E quando se fala em trabalhar os poemas, não se trata simplesmente de ler o poema mecanicamente ou, então, utilizá-lo apenas para análises gramaticais, mas sim compreendê-lo o máximo possível para, a partir daí, traçar metodologias no sentido de proporcionar possibilidades de leitura e produção escrita.

E os poemas de autores de expressão amazônica? Por que trazê-los para sala de aula? Inserir o aluno na poética amazônica é necessário, visto que o aluno do ensino fundamental não tem conhecimento sobre os poetas da região amazônica, o que é perceptível de acordo com a experiência que temos em sala de aula. Sabemos que muitos dos nossos autores são conhecidos, uns até internacionalmente, mas se perguntarmos aos alunos ou até mesmo aos professores, dificilmente terão conhecimento desses autores. Com algumas exceções, é claro. E esta pesquisa, durante o seu desenvolvimento, busca um esclarecimento maior sobre esse não conhecimento, pois se fala muito em desvalorização daquilo que é da nossa região, mas pouco se faz para despertar esse espírito valorativo. Ora, só se pode valorizar aquilo que se conhece.

Procuramos enfatizar aqui três poetas da região amazônica que já foram citados anteriormente, selecionando apenas seis poemas que serão analisados e, posteriormente apresentados aos alunos e, a partir daí, desenvolver um projeto de leitura, cujo alvo será os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. Para realizar este trabalho me utilizei das pesquisas bibliográfica, através da qual fui em busca de embasamento teórico para sustentar as minhas argumentações, de acordo com os temas que foram abordados durante a realização de todo o trabalho; qualitativa, uma vez que analisei, a partir da realidade dos meus alunos, a situação do ensino-aprendizagem, principalmente quando se trata da leitura e da escrita. Para isso, foi necessária a aplicação da proposta metodológica em sala de aula, com a

participação direta dos alunos, o que me leva a identifica-la, também, como pesquisa- participante.

CAPÍTULO 1 – LITERATURA E POESIA.

1.1 LITERATURA E ENSINO DE LÍNGUA MATERNA.

1.1.1 O que é literatura? Existe uma definição, um conceito? Como classificá-la?

Não podemos realizar um trabalho voltado para o ensino de literatura ou de língua materna em sala de aula, sem antes, termos conhecimento da parte conceitual referente aos assuntos que serão abordados. Pois são esses conceitos que nos darão suporte para que possamos desenvolver uma proposta metodológica que contribua para a mediação da leitura de textos literários em sala de aula.

Diante disso, resolvemos partir do geral para o particular. E começamos com alguns questionamentos, que, acreditamos serem necessários para esta discussão: Será que nós, professores de língua portuguesa, refletimos sobre o conceito de literatura? Existe um conceito ou vários conceitos? Façamos a seguinte reflexão: é comum dizer que as pessoas precisam ler literatura, mas não qualquer uma, tem que ser uma boa literatura. Há também aqueles que leem pensando que estão lendo literatura, e não é. E as obras que vêm sendo produzidas no decorrer da história da literatura? Há de se dizer que umas foram consagradas, valorizadas e tornaram-se famosas, sendo considerada literatura de qualidade, outras, infelizmente, permaneceram no anonimato. Pergunta-se: seriam literaturas de baixa qualidade?

“O vocábulo “literatura” provém do latim *littera*, que significa o ensino das primeiras letras. No sentido original – arte de escrever ou arte da palavra, como é comum, e manteve-se até o século XVIII”. (MOSÉS, 2012, p. 5). Porém, com o passar do tempo, essa palavra foi perdendo a sua “definição inicial” e ganhando novos conceitos, o que nos leva a entender que falar de definição não seria adequado, uma vez que o conceito de literatura é mutável. Segundo Massaud Moisés, não é fácil o trabalho de conceituar Literatura, por trás de todo conceito sempre haverá um posicionamento crítico, sempre haverá algo a acrescentar, pois esse estudo já tomou uma dimensão bem maior do que aquele feito no passado. Assim, teóricos sempre estão à procura de novas explicações, de novos conceitos para que esse estudo responda às expectativas dos leitores de literatura, uma vez que a discussão acerca dessa indefinição, só aumenta. E no que diz respeito a essa preocupação em conceituar literatura, Moisés (2012), afirma:

Não é de hoje que filósofos, estetas, críticos e historiadores vêm procurando conceituar Literatura de modo convincente e conclusivo. Entretanto, por mais esforços que tenham sido feitos, o problema continua aberto, pelo simples fato de que, neste particular, somente podemos falar em conceito e nunca em definição. (MOISÉS, 2012, p. 9)

Definir, então, seria ignorar as mudanças que ocorrem na humanidade, o que seria impossível, uma vez que a literatura está ligada intimamente a todo um contexto histórico. Aristóteles, dono da teoria mais antiga sobre literatura, em sua obra *Poética*, já dizia que literatura é arte, e como toda arte, é uma imitação, pois, por natureza, o homem é imitador, o que se justifica pelo fato deste realizar ações que foram aprendidas com os outros. E a literatura é a arte com palavras, e como arte, é recriação. No entanto esse conceito, tido durante muito tempo como o único, parece não ser mais adequado ou suficiente para dar conta do grande significado que a literatura traz em seu íntimo. E sobre a ineficácia desse conceito aristotélico, Moisés (2012) diz que se contempla aí apenas a criação poética, que tem uma relação mais com a divindade de que com a realidade, não levando em conta outras produções que poderiam ser consideradas literárias, como afirma Massaud Moisés, em sua obra *A criação literária: poesia e prosa*:

O conceito aristotélico suscita duas observações: 1ª: refere-se apenas à poesia, uma vez que a prosa literária (conto, novela, romance e expressões híbridas) ainda não eram cultivadas; 2ª) não se pode afirmar que a significação da palavra “mimese” esteja definitivamente assentada. (MOISÉS, 2012, p. 10)

Dentre os estudiosos utilizados por Moisés (2012) para conceituar literatura, está Fidelino de Figueiredo: “A arte literária é, verdadeiramente, a ficção, a criação de uma suprarrealidade com os dados profundos, singulares e pessoais da intuição do artista” (FIGUEIREDO apud MOISÉS, 2012, p. 11)

Já para Raul Castagnino, “A arte literária caracteriza-se por um sinfronismo [...] Caracteriza-se também, ‘por sua função lúdica, por ser compromisso, por traduzir ânsia de imortalidade”. (CASTAGNINO apud MOISÉS, 2012, p. 11)

Fazendo uma análise dos dois conceitos em questão, percebemos que um não elimina o outro. A literatura é ficção porque é uma imitação da realidade, uma realidade que vai além das nossas realizações, de fato, na vida real. É uma criação do artista, é fruição, é o imaginário do escritor, com todo o seu potencial e seu

entendimento da realidade. É o imaginário sendo transformado. Ele pensa, ele cria e recria. E a partir do momento em que a sua obra está pronta, ela passa a fazer parte do universo do leitor que ouve, que lê a obra e se vê presente nela. O sentimento agora, não é mais do artista, mas do leitor.

A literatura não está isolada dos acontecimentos da sociedade. Ela sofre também transformações no decorrer da história. E por isso, é natural que as concepções também sejam modificadas ou transformadas. Mesmo assim, percebe-se que há ainda autores que tendem a definir literatura, ter seus conceitos como verdades, não dando espaço para uma segunda ou terceira opinião, conforme observa Abreu (2006, p. 41) “o prestígio social dos intelectuais encarregados de definir Literatura faz que suas ideias e seu gosto sejam tidos não como uma opinião, mas como a única verdade, como um padrão a ser seguido”.

Mesmo assim, diante de várias reflexões, parte dos nossos professores e alunos ainda veem a literatura apenas como um passatempo, sem muita importância, como algo que serve apenas para o deleite, para quem não está se importando com a realidade, que só a concebe como forma de apreciação, de reflexão, de imaginação. Literatura é também isso, mas não só isso, ela vai mais além. A arte literária não se reduz a uma forma de entretenimento, apesar de ser também, pois uma vez sendo arte, não dá para dissociar. Porém esse jogo entre arte e literatura deve ter um objetivo maior, o desenvolvimento, o pensar, o refletir, o reagir, o mudar, o transformar, de conhecer o mundo, de desvendar mistérios, conscientes ou inconscientemente, através das obras literárias. Nesse sentido, a literatura apresenta muitas possibilidades, não de conceito, mas de funções na vida do ser humano.

Assim concebida, a arte literária não se reduz (ou não deve reduzir-se) a uma forma banal de entretenimento. Quando é entretenimento, espera-se que o seja de maneira superior, visto que o jogo e a arte nunca se dissociam. Entretanto, mais do que recriação de alto nível, a Literatura constitui uma forma de conhecer o mundo e os seres humanos... E, portanto, se a vida de cada um corresponde a um esforço persistente de conhecimento, superação e libertação, à Literatura cabe um lugar de relevo, como ficção expressa por meio de vocábulos polivalentes. (MOISÉS, 2012, p. 28)

O que, então considerar como literatura? Que aspectos são relevantes para que se classifique uma obra literária, para que se diga “isso aqui é literatura”, “isso aqui não é”? Quanto à arte em geral, que tem a ver também com gosto estético,

posso dizer que o que é arte para mim, pode não ser para o outro, ou vice-versa? E em relação à literatura, que também é arte, posso dizer a mesma coisa? Será que algo pode ser literatura para mim e para outro não? São questionamentos interessantes que merecem atenção especial. Para nos ajudar nessa reflexão, Abreu (2006) contribui esclarecendo alguns pontos sobre o conceito de literatura.

Um dos pontos abordados pela autora, com relação ao que seja literatura, é não conceituar do ponto de vista que vem sendo feito no decorrer da história, como algo acabado, definitivo, mas levar em consideração, primeiramente, as mudanças que acontecem na sociedade, a evolução do próprio ser humano. Discutir o que é Literatura é e sempre será necessário, pois o mundo muda, as pessoas mudam, as produções não são mais as mesmas. A cada época surgem novas ideias. De acordo com Abreu (2006):

O conceito de Literatura foi naturalizado – ou seja, tomado como natural e não como histórico e cultural – e por isso se tornou tão eficiente. Por esse motivo, em geral, são tão vagas e pouco aplicáveis [...]. Nós temos que discutir o que é Literatura, pois ela é um fenômeno cultural e histórico e, portanto passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais. (ABREU, 2006, p. 41)

Segundo a autora, se definirmos o que é literatura, levando em consideração as características da Literatura erudita, o que normalmente é feito, teremos somente as obras que são canonizadas, outras produções ficariam do lado de fora. Para isso, foram criadas algumas adjetivações, como Grande Literatura, Literatura Erudita ou Alta Literatura, sempre escritas em letras maiúsculas. Estas abrigam aqueles textos que interessam, separando-os dos outros, que não têm tanto valor ou que não se quer valorizar, mas que também têm características literárias. Estes, por sua vez, recebem outras denominações, como literatura popular, literatura infantil, literatura feminina, literatura marginal e outros.

Assim, queira ou não, a divisão de classes e a supremacia da classe dominante é bem presente. E sempre será, no meu ponto de vista. Aí está a explicação para autores e obras que possuem características literárias suficientes para serem considerados como obras de grande valor acabarem ficando no anonimato, ou então, recebendo outras denominações, como é o caso da Literatura Brasileira de Expressão Amazônica. Então, o que é necessário para que uma obra seja considerada Grande Literatura?

Para que uma obra seja considerada Grande Literatura, ela precisa ser declarada Literária pelas chamadas “instâncias de legitimação”. Essas instâncias são várias: a universidade, os suplementos culturais dos grandes jornais, as revistas especializadas, os livros didáticos, as histórias literárias etc. Uma obra fará parte do seletivo grupo da Literatura quando for declarada literária por uma (ou, de preferência, várias) dessas instâncias de legitimação. Assim, o que torna um texto literário não são as suas características internas, e sim o espaço que lhe é destinado pela crítica e, sobretudo, pela escola no conjunto dos bens simbólicos. O prestígio social dos intelectuais encarregados de definir Literatura faz que suas ideias e seu gosto sejam tidos não como uma opinião, mas como a única verdade, como um padrão a ser seguido. (ABREU, 2006, p. 40-41)

Passando por essa breve análise do que seja Literatura, de que ela não possui uma definição, um único conceito, mas vários, o que depende de muitos fatores, principalmente do fator histórico e social, mas que, infelizmente, pela maioria das nossas escolas ainda não seja entendida dessa forma, a nossa tarefa como professor que almeja a formação de alunos leitores de bons livros, é árdua e desafiadora; pois sabe-se que o que se leva para a escola, através dos benefícios do governo, é muito pouco. Alunos e professores são educados, quando são, para trabalhar só as obras que são canonizadas, como se só essas tivessem importância, e outras, por não serem conhecidas, acabam ficando sem público para consumo. No entanto, não é necessário que se abandone as obras canonizadas e nem que se trabalhe obras pouco ou quase não conhecidas. É necessário que se dê valor a todas, pois não temos só um tipo de leitor. São muitos os tipos, até aqueles que não leem formalmente, mas que ouvem, e que gostam de escutar histórias que fazem parte do seu cotidiano, que querem conhecer também outros mundos diferentes.

1.2 O QUE É LER? POR QUE LER, E LER LITERATURA?

1.2.1 O que é ler?

Para iniciar esta discussão, partiremos de frases que estamos acostumados a ouvir no cotidiano, como por exemplo: “o número de pessoas analfabetas no Brasil ainda é muito grande”, ou seja, não conhecem nem o alfabeto para juntar as letras e escrever uma palavra. Tendo como base o senso comum, a pessoa que não sabe ler, realmente é essa que não sabe decodificar. Assim é a realidade de nossas escolas, em que muitos alunos chegam ao 6º ano e não sabem nem mesmo decodificar as palavras; outros, bem precariamente; e outros, até que decodificam

bem palavras e textos; porém, quando se fazem perguntas a respeito do que “leram”, não conseguem responder muita coisa; quando sabem, é somente o superficial. As perguntas que necessitam de uma reflexão maior, eles não conseguem responder, pois o nível de interpretação deles é muito limitado.

Vivemos, então, uma realidade em que parte dos nossos alunos não sabe ler? Ou depende da concepção de leitura que se leva em consideração? Para nos auxiliar nessa reflexão, tomamos como base alguns autores que, em suas obras abordam sobre a questão da leitura, enfatizando concepções que contribuirão para esta reflexão. Ressalto aqui que o objetivo principal não é defender esta ou aquela opinião sobre o que se entende por leitura, mas fazer uma abordagem sobre alguns conceitos; pois sabemos que os autores que abordam ou defendem tais concepções, ora serão criticados ora serão aceitos e seguidos por outros autores e leitores. Isabel Solé, em seu livro *Estratégias de Leitura*, faz uma abordagem sobre a leitura, aquela ensinada ou que, pelo menos, deveria ser ensinada na escola. Segundo a autora, “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto, neste processo tenta-se satisfazer os objetivos que guiam a sua leitura” (SOLÉ, 1998, p. 22).

Entendemos, então, que para cada leitura que se faz, há um objetivo. Dessa forma, a leitura passa a ser uma tarefa a ser cumprida. O leitor, ao final da leitura deverá ter alcançado um objetivo. Então, para cada finalidade temos um tipo de texto. Se por exemplo, vou ler uma bula de remédio, o meu objetivo é saber as informações básicas, como por exemplo, para que serve, as precauções que se deve tomar e o modo de utilizar esse remédio. Se ao final desse processo eu conseguir alcançar o meu objetivo, a minha leitura foi realizada com sucesso. Por isso “os objetivos da leitura são elementos que devem ser levados em conta quando se trata de ensinar as crianças a ler e escrever”. (SOLÉ, 1998, p. 22)

A escolha do gênero textual para a realização da leitura também é fundamental para que o leitor realize a sua leitura com sucesso. Se vamos trabalhar contos, temos um tipo de leitura, se vamos trabalhar romances, temos outros tipos de leitura, se for poema que é o nosso caso, na proposta metodológica, é importante observar que tipo de leitura vamos fazer, e qual é o tipo de leitor que temos, pois cada leitura é entendida de forma diferente, principalmente o gênero literário, e, além disso, o ato da leitura é individual, particular, cada leitor possui a sua forma de fazer a sua leitura, de entender, de compreender, e, a partir do momento que o leitor

começa a compartilhar a sua leitura, vão surgindo outros gêneros, os gêneros do discurso. Então, a infinidade de gêneros discursivos depende também da infinidade de leituras que o leitor possui. Assim explica Bakhtin:

Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*. A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003 p. 262)

Nessa perspectiva, não há leitura sem um objetivo. “Ler por ler” não teria nenhum significado, não estaria sendo uma leitura de fato, se não se alcançasse o objetivo proposto. Dizer para o aluno que ele tem que ler porque é bom, não vai ajudar em muita coisa. O leitor tem a função de dar um significado ao texto, extrair dele aquilo que está nas entrelinhas, e não apenas o superficial. Para isso, o conhecimento prévio se torna tão indispensável para que se atinja o objetivo desejado. Cada texto que lemos apresenta características diferentes, informações diferentes. E o entendimento do leitor não pode e nem deve ser o mesmo do que o do autor. Há muitas possibilidades de interpretação, que permitem ao leitor concordar ou não com o que leu, utilizando para isso a sua capacidade argumentativa, apresentando justificativas coerentes. Mas ele só poderá fazer isso quando conseguir ler, de fato o texto.

O leitor constrói o significado do texto [...]o significado que um escrito tem para um leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos[...]a leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita. (SOLÉ, 1998, p. 22-23)

Além de construir o significado do texto, alcançar os objetivos desejados, a leitura vai mais além, ela desempenha um papel fundamental na vida do leitor, algo que vai ficar para a vida toda, pois através da leitura não se adquire apenas conhecimentos que vão ficar estagnados no tempo; a partir desses conhecimentos, ele terá mais condições de exercer seu papel de cidadão, com reflexões coerentes e atitudes transformadoras.

Ezequiel Teodoro da Silva (1999) contribui com a nossa reflexão, nos apresentando, em seu artigo “Concepções de leitura e suas consequências no ensino”, uma abordagem de leitura com base interacionista. Segundo o autor, “ler é sempre uma prática social de interação com signos, permitindo a produção de sentido (s) através da compreensão-interpretação desses signos (SILVA, 1997, p.16). O autor faz uma reflexão sobre a leitura com base interacionista, defendendo-a como uma das práticas mais eficazes, uma vez que a leitura é uma prática social. Sendo assim, necessita que aconteça um elo de ligação entre texto e leitor. O autor reforça que é a partir dessa concepção que podemos observar a densidade conceitual de leitura, pois o que estamos acostumados a ver em sala de aula, e a praticar cotidianamente, são metodologias baseadas em concepções denominadas pelo autor de concepções redutoras de leitura, uma concepção simplista, que não dá conta da grande dimensão da leitura. Estas são as concepções denominadas de redutoras por Silva (1999): Ler é traduzir a escrita em fala; ler é decodificar mensagens; ler é dar respostas a sinais gráficos; ler é extrair a ideia central; ler é seguir os passos da lição do livro didático; ler é apreciar os clássicos.

Diante dessas concepções, surgem alguns questionamentos: podemos descartar essas concepções simplistas? Elas nunca serviram para alguma coisa? Acredito que elas são válidas, mas precisamos fazer reformulações desses conceitos, acrescentando elementos que direcionem o leitor a um entendimento maior, que não seja apenas a decodificação. É preciso que não aceitemos apenas a resposta do livro didático, que não identifiquemos apenas os sinais gráficos ou identifiquemos a ideia central do texto, como se as outras ideias não significassem nada. É necessário que o leitor seja instigado a ir mais além, que a leitura produza efeito na sua vida, que seja vista como uma prática social.

Assim, o autor defende a concepção interacionista da leitura, em que **ler é interagir**, e só há interação à medida em que há uma conexão entre leitor e texto, pois o leitor já deve possuir experiências anteriores; e o conhecimento prévio aí é indispensável, pois quando há diálogo, interação entre texto e leitor, este poderá recriar, dar sequência ao que leu, tomar atitudes que vão revelar o seu entendimento. Surge, então, uma segunda concepção: **Ler é produzir sentidos**, ou seja, um texto pode proporcionar vários sentidos de acordo com o leitor. Não se pode prever o sentido único de um texto. Cada leitor, de acordo com a sua competência vai entender de forma diferente. E de acordo com a prática que o

professor tiver em sala de aula, sempre haverá um leitor que o surpreenderá, pois o sentido dado à leitura do texto por ele, às vezes fica bem distante daquele esperado. E certamente esse é um dos maiores problemas nossos, quando propomos a leitura de um texto ao aluno, pois esquecemos que um texto sempre terá vários sentidos para o leitor.

A outra concepção de Silva (1999), **ler é compreender e interpretar**, provém da constatação do autor, ao afirmar que “toda leitura envolve um *projeto* de compreensão e um *processo* de interpretação”. Nesse sentido, não há leitura se o texto não for compreendido, se ele não proporcionar ao leitor algum sentido, de nada irá adiantar. A decodificação aqui, então, não seria o suficiente para termos um leitor competente. É preciso que o leitor vá além do superficial, entenda o que está nas entrelinhas. Porém isso só será possível se o leitor já tiver experiências anteriores, conhecimento adquiridos que o ajudarão perceber ou criar os vários sentidos que um texto pode proporcionar, ` pois, de acordo com Silva (1997):

A riqueza maior de um texto reside na sua capacidade de evocar múltiplos sentidos entre os leitores. Além disso, mesmo que um texto estabeleça limites aos processos de interpretação, quando ele inicia a sua circulação em sociedade, não existe forma de prever que sentido (s) ele terá. Assim, cabe aqui o entendimento de que repertórios diferentes produzirão diferentes sentidos ao texto, a menos que, conforme muitas vezes ocorre na escola, um único significado protocolar seja o privilegiado para efeito de reprodução e avaliação. (SILVA, 1997, p. 16)

Olhando por esse lado, penso que os nossos professores, principalmente os de língua portuguesa, até que se preocupam com a questão da compreensão e interpretação. Mesmo raramente, já observo professores que trabalham com leitura, não com base totalmente interacionista, mas já adotam critérios que ajudam bastante nessa compreensão leitora, mas ainda não é suficiente, ou talvez nunca seja. As implicações que se tem para realizar um trabalho eficaz na sala de aula, infelizmente, não é somente a falta de conhecimento do professor de conceitos ou metodologias adequadas, existem outros, como por exemplo, a superlotação das salas de aula, a falta de livros para leitura, o espaço que nos é oferecido, a superlotação no que diz respeito à carga horária, e outros problemas que acontecem no dia a dia, que só sabe quem vive essa realidade.

Kleiman (2008), ao analisar o porquê de muitos alunos não se sentirem estimulados a ler, aponta como práticas desmotivadoras aquelas que “provêm,

basicamente de concepções erradas sobre a natureza do texto e da leitura, e, portanto, da linguagem” (KLEIMAN, 2008, p.16).

Essa autora afirma também que a concepção de leitura que a escola considera como a que deve ser ensinada não é aquela que usa a leitura como mero pretexto para outras atividades, mas sim a que está embasada em modelos já bem definidos sobre como as informações são processadas. E quais são esses modelos? São os que lidam com os aspectos cognitivos da leitura, aspectos que apresentam relação entre o sujeito leitor e o texto enquanto objeto, entre linguagem escrita e compreensão, memória, inferência e pensamento. Para Kleiman, esses modelos “incorporam aspectos socioculturais da leitura, uma vez que vão desde a percepção das letras até o uso do conhecimento armazenado na memória” (KLEIMAN, 2008, p.31).

Semelhante a essa concepção de leitura, Cosson (2011), diz que a leitura não deve estar limitada apenas à decodificação da escrita; toda pessoa é capaz de fazer uma leitura de acordo com o seu conhecimento de mundo, o que pressupõe outros tipos de leitura, e não apenas a da palavra escrita. De acordo com o autor:

A leitura não está restrita às letras impressas em uma página de papel. Os astrólogos leem as estrelas para prever o futuro dos homens. O músico lê as partituras para executar a sonata. A mãe lê no rosto do bebê a dor ou o prazer. O médico lê a doença na descrição dos sintomas do paciente. O agricultor lê o céu para prevenir-se da chuva. O amante lê nos olhos da amada a traição. (COSSON, 2011, p. 38).

Ricardo Azevedo em seu poema “Aula de leitura”, brincando com o jogo de palavras, leva-nos a fazer uma reflexão sobre o ato de ler:

<p>A leitura é muito mais Do que decifrar palavras. Quem quiser parar pra ver Pode até se surpreender: Vai ler nas folhas do chão, Se é outono ou se é verão; Nas ondas soltas do mar, Se é hora de navegar; E no jeito da pessoa, Se trabalha ou se é à-toa; Na cara do lutador, Quando está sentindo dor; Vai ler na casa de alguém O gosto que o dono tem; E no pelo do cachorro, Se é melhor gritar socorro; E na cinza da fumaça,</p>	<p>O tamanho da desgraça; E no tom que sopra o vento, Se corre o barco ou vai lento; e também na cor da fruta, E no cheiro da comida, e no ronco do motor, e nos dentes do cavalo, e na pele da pessoa, e no brilho do sorriso, vai ler nas nuvens do céu, vai ler na palma da mão vai ler até nas estrelas e no som do coração. Uma arte que dá medo É a de ler um olhar, pois os olhos têm segredos difíceis de decifrar.</p>
--	---

(Dezenove poemas desengraçados. São Paulo, Ática, 1999.)

Este poema reforça a ideia de que ler não diz respeito somente à leitura de textos verbais escritos, mas de outros tipos de códigos, ou até mesmo de situações. É o que chamamos de leitura de mundo ou conhecimento de mundo. Isso mesmo, a leitura, tomada como conhecimento e entendimento pode abranger outros tipos de leitores. E se formos ver por essa concepção, sempre teremos um leitor ao nosso lado, ou lendo palavras escritas, ou lendo imagens, acontecimentos e uma infinidade de situações. Ao contrário, como poderíamos explicar em uma ficha de leitura, casos em que o livro em análise é construído apenas de imagem? Alguém pode dizer que isso é outro tipo de leitura. Então teríamos outros tipos de leitores e outras formas de ler. Teríamos outros leitores, não do código escrito, mas de imagens, de situações, de outros códigos, o que implicaria em outros tipos de leituras, leituras específicas que só poderia ser compreendida pelo seu leitor, como por exemplo, a “leitura da mão” feita pelo (a) vidente.

Discutir sobre o ato de ler, assim como o conceito de literatura, também é algo que vem gerando discussões, isso porque talvez o conceito de leitura, no decorrer do tempo também tenha tomado outros rumos. Fica muito fácil dizer que qualquer pessoa pode ler à sua maneira, como enfatiza o poema. Mas será que essa pessoa é considerada para a sociedade como leitora? Se assim fosse, o Brasil não seria considerado um país com alto índice de analfabetos, ou ainda, um país onde menos se lê.

Assim, é visível a necessidade que se tem de se ter clareza sobre qual o sentido de leitura, até porque precisamos ter um direcionamento para mediar esse processo em sala de aula. Ao contrário, a leitura acabará sendo qualquer coisa. É nesse sentido que Britto (2012) faz uma reflexão. Segundo o autor, em sua obra *Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio*, a leitura é um vocábulo extremamente polissêmico, com muitas acepções e aplicações; o que nos leva a entender, em primeiro momento, que há vários tipos de leituras. Talvez por isso, há quem diga que não precisamos de palavras escritas para fazer uma leitura, basta a nossa observação, o nosso conhecimento para dizer que estamos lendo.

Segundo o mesmo autor, o que deve ser levado em consideração, é a diversidade de gêneros que o leitor deve dar conta de ler. Por causa dessa diversidade e de acordo com a competência do leitor, uns textos serão lidos e compreendidos, e outros, não. Mas o ato de ler é saber decifrar, saber o que está

escrito. O que vem depois, a compreensão, o entendimento, a transformação, as atitudes, é o resultado da leitura. Na obra antes citada, Britto (2012), afirma que:

As duas ações básicas de ler (decifrar e compreender) estão de tal modo interligadas que, em princípio, uma implica a outra [...]. A leitura de uma notícia não tem as mesmas características e dinâmica que a leitura de uma carta ou de um e-mail, que é distinta da leitura de um ensaio, que não se faz de um mesmo modo que a leitura de um romance. De tal modo, em primeira instância, o texto escrito aparece como elemento base do ato de ler, de tal forma que as significações possíveis estão no plano da linguagem verbal codificada pela escrita (BRITTO, 2012, p. 21)

Os outros sentidos da palavra leitura são metafóricos, ou seja, adquirem significados de acordo com o que se deseja dizer ou se quer saber. Daí surgirem várias denominações, o que levam autores a valorizarem esses novos sentidos. E são esses novos sentidos, em certos momentos, que passam a ser banalizados. Britto (2012), ainda na obra citada, nos lembra das expressões mais comuns utilizadas enfatizando a palavra leitura, cada uma delas com sentidos diferentes: “leitura da mão”, “leitura da luz”, “leitura do jogo”, “minha leitura”, e vários outros tipos de leituras, como bem enfatiza o autor:

É razoável considerar que esse uso da palavra leitura se faz por relação metafórica, com o sentido aproximado de “encontrar significado pessoal com base nas suas observações e vivências”. Nessa perspectiva, seria semelhante a conhecida expressão de Paulo Freire “leitura do mundo”, que, em muitas instâncias pedagógicas e de promoção de leitura, tem sido usado como exemplo de leitura “criativa”, “verdadeira”. (BRITTO, 2012, p. 26)

Pelo que se percebe sobre as considerações do autor, seu objetivo não é ignorar a leitura em outros sentidos, o que, segundo ele, são metafóricos, mas sim, fazer uma reflexão sobre o ato de ler, que, em algumas vezes é tido com um conceito banal. Entretanto, deixa claro que tudo o que se lê parte da base fundamental, tem como precedente o código escrito.

Ressalto aqui que esta discussão não é para concordar ou defender concepções de leitura, mas é para, acima de tudo, perceber e refletir sobre o que os autores dessa área pensam sobre isso. Entretanto, é necessário e urgente que a partir dessas concepções possamos direcionar nossas práticas no que diz respeito à mediação da leitura em sala de aula, pois é a partir da leitura que o aluno terá condições de mudar também a sua prática social.

É do senso comum dizer que ler é compreender o mundo. Sim, compreender o mundo com todas as suas complexidades, o que não significa concordar com tudo

ou discordar de tudo, ou ainda, num passe de mágica, fazer com que haja mudanças. Comungo da ideia de que a leitura tem o poder de transformar as pessoas, de abrir horizontes, de conhecer coisas e lugares, de fazer com que as pessoas se transformem em cidadãos mais comprometidos com o bem da sociedade. Mas para que isso aconteça, o processo de leitura deve acontecer de forma natural, sem imposição, e se for uma exigência, que seja de nós mesmos; e é essa leitura sem imposição, mas por gosto, transformado em necessidade, que os escritores de obras literárias chamam de prazer, não apenas de deleite, algo espontâneo. Sobre esse modo de pensar a leitura, Fanny Abramovich, na introdução de sua obra “Literatura Infantil: gostosuras e bobices”, afirma:

Ler pra mim, sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens[...] Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível [...] E continua, lindamente, sendo exatamente isso! (ABRAMOVICH, 1997, p.14)

Esse mesmo entendimento sobre leitura tem Ângela Kleiman (2008), quando afirma que “para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura”, e desta forma apresenta-nos o pensamento de Lionel Bellenger, da obra *Os métodos de leitura*, em que a leitura se baseia no desejo e no prazer:

Em que se baseia a leitura? No desejo. Esta resposta é uma opção. É tanto o resultado de uma observação como de uma intuição vivida. Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abrir o parêntese do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido próprio e figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até mesmo do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas leem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é esperar alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amar sem a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer. (BELLENGER, apud KLEIMAN, 2008, p. 15).

Entendemos até aqui, que tanto texto quanto leitores são imprescindíveis para o processo da leitura. Então, para a produção de sentido é necessária a interação entre autor, texto e leitor. O significado não fica restrito nem no texto nem no leitor, porém na interação entre texto e leitor. Neste âmbito, o ato de ler passa a ser visto como um processo que integra tanto as informações contidas no texto quanto as informações que o leitor traz para o texto. E o leitor só poderá trazer informações para o texto se ele tiver alguma experiência, algum conhecimento, e mais uma vez faço referência ao conhecimento prévio, que cada leitor já possui. A leitura, então,

aqui deve ser entendida como uma prática social, uma relação de interação entre autor-texto-leitor, interação que vai mais além do simples decodificar, ou até mesmo compreender, sendo apenas um receptor passivo, mas é, sobretudo o ato de interagir com o texto para, em seguida, tecer opiniões, tomar decisões diante do que leu. Segundo Koch e Elias:

Na concepção interacional (dialógica), a língua, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que dialogicamente se constroem e são construídos no texto considerando o próprio lugar da interação e da construção dos interlocutores (KOCH & ELIAS, 2006, p. 10-11).

Creio que a reflexão sobre o significado de leitura, ou mais especificamente, o que é ler merece ainda muitas reflexões. Porém, para este momento, acredito que podemos, a partir daqui, tecer alguns caminhos que nos levarão à prática metodológica em sala de aula, pois as concepções aqui apresentadas, de acordo com o meu entendimento, nenhuma delas descarta totalmente a outra ou coloca-se mais eficiente, mas acrescenta. Ao meu ver, uma vez que o mundo sofre transformações em todos os aspectos, é natural que as concepções também sofram transformações, modificações, pois um conceito que um dia foi eficiente, hoje pode não ser mais, e o que é eficiente hoje, no futuro também sofrerá modificações.

Diante disso, pensar na leitura como apenas uma decodificação de palavras, não seria errado, mas estaria incompleto diante da visão de mundo que se tem hoje, as crianças não vão para a escola apenas para saber ler e escrever, mesmo que muitos ainda entendam apenas dessa forma. A responsabilidade da escola se torna maior, quando o papel da educação é contribuir na formação do aluno de forma integral. E isso só vai acontecer à medida que aluno passar do nível da decodificação, pois entendemos que a leitura é um dos principais caminhos para que o aluno adquira conhecimentos; que ler é muito mais do que somente decodificar símbolos; o ato da leitura necessita da interação do leitor com o texto e com o autor, extrapolando o universo linguístico do texto. A leitura é, assim, um dos meios pelos quais acontece a interação entre os seres humanos, além de promover a reflexão sobre diferentes assuntos, favorecendo, com isso, a formação de um leitor crítico.

1.2.2 E por que ler literatura?

Ao fazermos a abordagem sobre leitura, percebemos que ainda precisamos fazer muito para que possamos ter leitores eficientes, pois a falta de práticas de leitura em nossas escolas, ainda deixa a desejar, e por isso carece de muitas reflexões e tomadas de atitudes. E dentre essas atitudes está a prática de leituras de textos literários, uma das práticas mais eficientes, por inúmeros benefícios, que merecem algumas observações. Porém, antes de começarmos essa discussão, reflitamos sobre a seguinte pergunta: o que é um leitor literário competente? O papel principal da escola sempre foi o de inserir o aluno no mundo da leitura e da escrita, e isso é histórico. E nem podemos ir muito longe para saber disso. Quantos de nós ouvimos os nossos pais dizerem que tínhamos que ir à escola para aprender a ler e escrever? Formar os alunos como cidadãos da cultura escrita é um dos principais objetivos da escola. Assim, a finalidade da educação literária poderia resumir-se à formação do leitor competente. No entanto, sabemos que o papel da escola não se limita apenas a ensinar literatura aos alunos, e nem deve, mas ensinar os alunos a lerem literatura. Levá-los a conhecerem as obras literárias, a se educarem através de leituras literárias. Entender que leitura de literatura contribui para a sua formação enquanto ser humano. Sobre isso Colomer (2007), afirma:

É a partir desse valor formativo que se pode afirmar que o objetivo da formação literária é, em primeiro lugar, o de contribuir para a formação da pessoa, uma formação que aparece ligada indissolavelmente à construção da sociabilidade e realizada através da confrontação com textos que explicitam a forma em que as gerações anteriores e as contemporâneas abordam a avaliação da atividade humana através da linguagem. (COLOMER, 2007, p. 31)

A leitura de literatura é mais do que um simples olhar, ela nos leva a perceber com mais nitidez os acontecimentos à nossa volta. A partir do imaginário, o leitor vai dando sentido a sua leitura e participando de uma espécie de jogo, em que o autor é quem dita as regras, os leitores são os jogadores, que, dependendo do resultado desse jogo, no final teremos ou não um leitor consciente da sua participação na sociedade, sempre em busca de conhecimentos e criando novas possibilidades, novas expectativas. Através da leitura da literatura, vivemos uma outra realidade, aquela que não experimentamos na vida real, por isso ficcional, mas que nos leva a imaginar, questionar, a pensar novas possibilidades de tomada de atitudes. Mas só

sabe disso quem vivencia essa experiência. De acordo com Evangelista; Brandão e Machado (2003):

A leitura é um jogo em que o autor escolhe as peças, dá as regras, monta o texto e deixa ao leitor a possibilidade de fazer combinações. Quando ela faz sentido, este ganha a aposta. Mas isso só acontece porque o leitor aceita as regras e se transporta para o mundo imaginário criado. Se ele resiste, fica fora da partida. Ao mergulhar na leitura, entra em outra esfera, mas não perde o sentido do real e aí está, a nosso ver, a função mágica da literatura: através *dela vivemos uma outra realidade*, com suas emoções e perigos, sem sofrer as consequências daquilo que fazemos e sentimos enquanto lemos. (EVANGELISTA; BRANDÃO; MACHADO, 2003, p. 254)

Nesse processo de leitura, ela amplia os horizontes através de algo que parece uma “brincadeira”, que não só tem a ver com o lúdico, mas que vai além, e a leitura da literatura será muito melhor se provocar o seu leitor. É para essa provocação que os leitores precisam despertar, pois só assim, teremos leitores críticos.

Antoine Compagnon (2009) em seu livro “Literatura para quê”, faz uma reflexão acerca dos benefícios da literatura, mas afirma que, infelizmente, muitos fatores acabam se tornando entraves para que ela, a boa literatura se torne algo não muito consumível. E um desses fatores está ligado às tecnologias, que, se não for utilizada de forma adequada, passa a ser uma espécie de “vilã”. E isso é fato. Estamos vivendo um momento em que a tecnologia toma conta da vida dos jovens e adolescentes, independente de classe social. Com isso, a leitura de literatura acabou sendo substituída por jogos virtuais, por livros condensados ou sendo lidos, quando solicitados, para aquisição de notas. Outros, ainda, por estarem fazendo sucesso na mídia. O fato é que a leitura da literatura ainda está longe para ser consumida com mais frequência pelos jovens e adolescentes. Estes não se sentem tão à vontade para ler, pois não estão acostumados; muitos destes jovens acreditam ser a leitura um tanto entediante, uma vez que gostam de movimento, e uma boa leitura precisa de concentração. É uma luta que vamos ter que enfrentar diariamente, se quisermos ajudar a formar uma base leitora no ensino fundamental. Eis o que pensa a esse respeito Compagnon (2009):

Pois o espaço da literatura tornou-se mais escasso em nossa sociedade há uma geração: na escola, onde os textos didáticos a corroem, ou já a devoraram; que atravessa ela uma crise, funesta talvez, e onde as páginas literárias se estiolam; nos lazers, onde a aceleração digital fragmenta o tempo disponível para os livros. Tanto que a transição entre a leitura infantil – que não se porta mal, com uma literatura para a juventude mais atraente

que antes – a leitura adolescente, julgada entediante por que requer longos momentos de solidão imóvel, não mais está assegurada [...]. (COMPAGNON, 2009, p.25)

Ao analisarmos essas reflexões, somos levados a fazer alguns questionamentos: por que mesmo sendo do conhecimento de todos educadores a grande importância da leitura na vida do estudante, o incentivo e os métodos utilizados, muitas vezes, parecem não funcionar? Até onde vai o papel da escola e dos pais na formação de leitores? Por que tantas pessoas encaram a leitura literária como uma atividade penosa? Por que os livros clássicos não são desejados pelos jovens como os computadores e eletrônicos? São questionamentos que nos levam a buscar o entendimento do porquê de no Brasil se ler tão pouca literatura.

No entanto, a tarefa de despertar na criança o hábito da leitura não é apenas da escola; o incentivo deveria iniciar dentro de casa, com os pais lendo para seus filhos, a começar pelas imagens, o que contribuirá para o despertar da curiosidade literária. Curiosidade que vai aumentando a partir do momento em que a criança começa a entrar no processo de alfabetização, que ela começa a identificar as palavras e dar sentido a elas. Se ela já tinha curiosidade antes, agora vai poder saborear a leitura, fazendo a sua própria leitura. E com o passar do tempo esse gosto pela leitura só aumentará, pois ler literatura é uma experiência que permite ao leitor fazer parte, não apenas como observador, mas como participante ativo. Para Cosson (2011):

A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência. Ou seja, a ficção feita matéria na poesia são processos formativos tanto na linguagem do leitor quanto do escritor [...] (COSSON, 2011, p.17)

É importante ressaltar que esse processo em formar leitores literários deve ser contínuo. E como já foi mencionado antes, o ideal seria começar na família e nas séries iniciais da escola; porém, nem sempre isso acontece. De um lado temos a família com seus inúmeros problemas, e na escola, às vezes com a pressa em alfabetizar as crianças, os professores acabam priorizando o abecedário deixando as leituras de lado. Fragmentos de textos estão longe de serem interessantes, "servem" apenas para ensinar gramática no método tradicional. É preciso, então, que sejam incluídos textos literários nas aulas de língua portuguesa, mesmo que gradativamente; e numa nova perspectiva, que não seja apenas para análise

gramatical. Se rompemos com as leituras literárias nas séries iniciais, como querer que posteriormente, na adolescência, eles retomem o gosto pela leitura? Como recuperar o prazer em se debruçar em textos na íntegra e não vê-los lendo resumos da internet, com o intuito de apenas passar nos vestibulares? Como trabalhar a literatura na sala de aula, tratando-a não como matéria aprisionada, mas como expressão criadora, tornando as atividades estimulantes e criativas? Infelizmente, a prática da leitura literária ainda não é a realidade das aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, pois sabemos que o que prevalece, ainda, é a leitura como uma mera forma para aquisição de nota, algo forçado e sem muito objetivo, uma tarefa a cumprir. Sobre isso, Gebara (2012), afirma:

Para nós, já inseridos no processo de letramento, o ato de ler aprendido em sala de aula, por vezes, pode parecer um passo para a leitura de tudo, dentro e fora desse meio. Mas o que se vê depois da euforia de um primeiro momento, em que as crianças tentam ler de tudo, rigorosamente tudo o que surge à sua frente, é a leitura limitar-se a uma atividade predominantemente escolar. Entre as paredes de sala de aula, o leitor atribui sentido, não só ao que lê, como também ao tempo despendido na ação e na reflexão que a tarefa exige. A escola ensina, desde cedo, que há recompensas para o que é desenvolvido em sala de aula. (GEBARA, 2012, p. 23)

E é assim que a leitura é utilizada, como um objeto de troca. Acredito que, sem muita motivação para a leitura, os professores não veem outra forma de promover a leitura em sala de aula, a não ser que se tenha uma recompensa para isso, no caso aqui, uma determinada nota. E pela experiência que temos em sala de aula, o aluno já está tão habituado com essa recompensa, que quando o professor faz atividade de leitura, o aluno logo pergunta “quanto vale”, ou seja, o que ele ganha com isso. Porém, sabemos que a leitura não deve ser assim, e em se tratando de leitura de literatura, o cuidado deve ser maior, uma vez que o texto literário é plurissignificativo, dando liberdade ao leitor para que este construa várias interpretações.

Sobre a importância de ler literatura, Brito, em seu livro “Ao revés do avesso, leitura e formação”, faz também uma abordagem a respeito das razões de se ler literatura. Para isso, ele se utiliza do artigo de Antônio Cândido, que trata da literatura como um direito. A sua reflexão parte do princípio de que a literatura não serve para nada e, ao mesmo tempo serve para tudo. A afirmação é um tanto contraditória, mas nos leva a pensar. Realmente, ela não serve para nada do ponto de vista material, não é um bem que se possa colocar um preço e sair por aí

vendendo, visando um lucro. Ou algo que seja considerado como primeira necessidade. Aliás, por muitos, nem é visto como uma necessidade. E isso não acontece só com a literatura, mas com arte em geral. E queira ou não, essa concepção que se tem de literatura, como algo que serve apenas para apreciar, para deleite, ainda pertence ao conceito tradicional. E, pensando bem, a posse da literatura continua nas mãos de quem tem maior poder aquisitivo. Quem vai deixar de comprar comida para comprar livros? Para contribuir com esse comentário, Britto (2015, 53) comenta “a literatura não serve para nada... Enfim, não se presta muito para coisas práticas e aplicadas. Não produz realidades mensuráveis e aplicáveis”.

Entretanto, vindo por outro lado, a literatura serve para tudo. Ela serve para que o leitor amplie o seu modo de ver, de analisar o mundo que o cerca. Dá a possibilidade para o ser humano viver aquilo que não pode viver na realidade. E não é se iludindo, por exemplo, com um paraíso, onde não vai mais haver fome, guerra, divisão de classes ou com um amor perfeito. Mas é se questionando, especulando a existência das coisas. É uma leitura desinteressada, sem retornos imediatos. Ela se constrói à medida que aumenta a capacidade de percepção do leitor. E a partir da sua percepção, pode tomar incitativas, atitudes, que poderão influenciar no seu mundo real. Britto diz que:

A literatura presta pra tudo. O texto literário é um convite a uma ação desinteressada, gratuita, uma ação que não espera que dela resulte lucro ou benefício... Nela a gente se informa e se conforma, perde-se e salva-se, se consola e se estimula, aprende e ensina a viver em realidades incomensuráveis, ainda que realmente, inatingíveis. (BRITTO, 2015, p. 55-56)

Portanto, a leitura de literatura, vai além do prazer de ler. Ela ajuda grandemente na formação do ser humano. Pois, ao ler uma obra literária, o leitor passa também a fazer parte desse mundo. No entanto, só recebe esse benefício, quem entra em contato com a literatura e não desapega mais. Para isso, o ideal é que a criança, desde cedo entre em contato com a leitura literária, mesmo que seja apenas para ouvir, quando ainda não se conhece as letras. E quem não teve esse contato, desde criança, que comece agora. Pois como foi mencionado, a literatura presta para tudo. Então quem lê, mesmo inconscientemente, certamente terá o seu benefício garantido. Mas não é por isso que vamos fazer qualquer coisa com uma obra literária. Ela nos dá a liberdade de interpretação, permite-nos alargar os

nossos horizontes, permite-nos dar continuidade, até mudar o rumo da história, mas tudo dentro das possibilidades que uma obra oferece, pois é preciso respeito às obras literárias; ao contrário, a leitura de literatura acaba por ser banalizada. Nesse sentido, Umberto Eco, em seu artigo *A literatura contra o efêmero*, contribui com a seguinte afirmação:

A leitura das obras literárias obriga a um exercício de fidelidade e de respeito dentro da liberdade de interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica dos dias de hoje, segundo a qual é possível fazer qualquer coisa com uma obra literária. Não é verdade. As obras literárias convidam à liberdade de interpretação porque propõem um discurso com muitos planos de leitura, defrontando-nos com a ambiguidade da linguagem e da vida. (ECO, 2011)

A literatura tem o poder de transformação, no entanto, não “faz milagre”. Ao fazer uma reflexão sobre o poder que a literatura tem sobre as pessoas, suas atitudes e seu modo de ver o mundo, de compreendê-lo, de analisá-lo, não quer dizer que todas as pessoas que leem literatura vão tornar-se melhores seres humanos. A leitura é uma forte arma contra a alienação do ser humano. E ler literatura é mais ainda: uma vez tomada como o resultado de um processo histórico e social, que reflete a vida dos seres humanos, independente de classe social ou de grau de instrução, não se tem dúvida de que ela é indispensável.

Mesmo assim, essa leitura de literatura nunca chegou e talvez nunca chegue às mãos de todos. É histórico o fato de que a leitura sempre pertenceu às classes privilegiadas, e a leitura de textos literários, mais ainda. E por que será que nunca chegou? Porque alguém que lê pode fazer mudanças, revoluções, pode não querer mais aceitar as injustiças, pode se igualar aos outros e não aceitar mais ser dominado. Antonio Candido diz que Literatura é um direito de todos, um direito básico, assim como moradia, saúde e escola, que não deve ser negado à ninguém.

São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o Direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura. (CANDIDO, 2013, p. 172)

Concordo, mas reflito: se escola, moradia e saúde, que já está na lei desde há muito tempo, não é igual para todos, imagine o acesso à literatura! Que criança conseguiria estudar de estômago vazio? Ou doente? Ou sem moradia? E vou mais além, acredito que quando Antonio Candido fala em Literatura, não está se referindo

à Literatura popular, mas à “Boa Literatura”, aquela conceituada pela elite intelectual. Acredito, sim, que a literatura tem o poder de humanizar as pessoas, de transformá-las em seres humanos melhores, ou piores, mas para isso, precisa-se de mecanismos que façam valer, de fato, esse direito.

1.3 LEITURA DE POEMAS NA ESCOLA.

1.3.1 O que é poema? O que é poesia?

Ao tratarmos sobre leitura de poemas em sala de aula, é indispensável um breve esclarecimento a respeito do seu conceito, uma vez que há ainda uma confusão sobre o que é poema e o que é poesia. Muitos pensam que não têm dúvidas, que as duas são palavras sinônimas, ou seja, poema é poesia, e poesia é poema. Engano. É que no decorrer da história, não houve a preocupação de fazer tal diferença; tanto é que, quando o professor pede ao aluno que identifique entre vários textos, qual deles é poema e qual é poesia, ele, rapidamente há de dizer que uma carta de amor não é poema, muito menos poesia, pois, para a maioria dos alunos do ensino fundamental, ou até mesmo do ensino médio, só foi ensinado a trabalhar com poesia, e para ele, a poesia tem que ser constituída de frases (versos) que rimam no final, dividida em estrofes e refrãos. Para um melhor esclarecimento, a seguir, veremos algumas reflexões acerca dessa questão.

Assim como a discussão sobre conceito de literatura, a discussão sobre poesia ou poema também merece uma atenção especial, o que já vem sendo feita há muito tempo por vários estudiosos. Mesmo assim, não se chega a um conceito definido, pois nessa discussão leva-se em consideração vários fatores. De acordo com o pensamento aristotélico “Poesia é imitação, imitação de uma ação [...] o poeta imita uma ação possível, capaz de suceder, análogas às ações praticadas no campo da realidade concreta” (MOISÉS, 1989, p. 107).

A poética de Aristóteles acerca do fenômeno poético sustentou-se até o final do século XVIII, rompendo-se com o Romantismo, que, baseado na teoria de vários estudiosos, como Hegel, proporcionou uma nova interpretação para a poesia. Assim, dentro de sua obra Estética, uma de suas principais obras, o estudioso procurava analisar esse fenômeno, tendo como principal ponto de partida, a beleza, a criação, a imaginação. De acordo com o pensamento hegeliano:

Todos aqueles que tem escrito acerca da poesia experimentaram certa repulsa em defini-la ou em descrever o fenômeno poético; quando nos pomos a falar de poesia como de uma arte, sem previamente termos examinado quais são os conteúdos e os modos de representação de arte em geral, é muito difícil saber onde convém buscar a natureza própria do poético[...] a natureza do poético coincide com o conceito de belo artístico e de obra de arte, pelo fato de a imaginação poética, em vez de permanecer encerrada por suas criações, como as artes plásticas e a música, nos limites impostos pela natureza dos materiais empregados, deve somente satisfazer às exigências essenciais de uma representação ideal e artística” (MOISÉS, 1989, p. 109)

Poesia é arte, e como toda arte, é o resultado da criação do artista. De acordo com o dicionário de termos literários: Poesia – Grego *poiesis*, ação de fazer, criar alguma coisa” (MOISÉS, 1992, p. 402). E esse conceito não se perdeu no tempo, ele apenas vem ganhando novas contribuições, novas acepções, que norteiam as nossas reflexões sobre os termos poema e poesia na atualidade. Quando refiro-me aos termos poema e poesia, é justamente porque em estudos anteriores não houve uma preocupação em diferenciar poema e poesia, e sim a poesia e a prosa. No entanto, um dos objetivos desta discussão é deixar claro que, mesmo os termos estejam interligados, podemos conceituá-los separadamente.

As poesias são caracterizadas pela utilização de recursos para expressar a linguagem de forma especial e diferente do normal, e provoca diversos efeitos de sentido naqueles que recebem a mensagem. É esta forma de escrita que é responsável por dar sentimento ao conteúdo descrito pelas palavras em obras. Graças à ela, os textos possuem emoções e transpassam aos leitores. Podemos afirmar que a linguagem da poesia é uma linguagem metafórica por excelência, pois é essa uma das características que a torna diferente dos outros gêneros textuais. E a tarefa do leitor, não é, meramente a de apreciador, mas é ele, somos nós leitores, que damos sentido à poesia. Somos nós que a tornamos interessante ou não; também somos nós que, a partir do nosso ponto de vista, vamos perceber o seu grau de significação. Daí, seria até sem sentido, perguntar ao aluno o que o autor quis dizer através da sua poesia. Segundo Massaud Moisés, em *Criação Literária: poesia e prosa*, o autor reforça a importância do leitor para a existência da poesia:

A poesia, nós é que arquitetamos e a sentimos em obediência e a sentimos em obediência ao nosso ser mais íntimo, quando temos capacidade para tanto. Não o poeta, que não mais sente o que sentiu ao redigir o poema, mas a poesia que pode estar nele como leitor. O poema independe do seu criador, tem vida própria, mas somente comunica poesia em nós: sem o

leitor, é letra morta ou hieróglifo à espera de decifração. (MOSÉS, 2012, p. 74)

Um poema é o arranjo de palavras que contém significado. É uma escrita que expressa o pensamento e os sentimentos do escritor. Pode ser feliz ou triste, simples ou complexo. Assim, um poema pode rimar ou não rimar, usar símbolos ou não. Daí dizer, que, de modo geral, poemas são também poesias, o que o diferencia das outras formas, como por exemplo, uma pintura, é que o poema usa a palavra como matéria prima; refere-se à arte de retratar no papel a poesia. Uma outra diferença entre poema e poesia é que, enquanto o poema está ligado somente à literatura, a poesia pode estar em qualquer tipo de produção artística, o que nos leva a concluir que todo poema contém poesia, porém nem toda poesia precisa ser um poema. Mesmo assim, não há dúvida que poema e poesia estão intimamente ligadas. Pois, a origem da palavra poema já nos leva a esse entendimento. Assim, esse termo é apresentado no dicionário de termos literários:

Poema – Grego *poiema*, o que faz. Palavra semanticamente instável, vincula-se pela etimologia e por natureza, à poesia: considera-se poema toda composição literária de índole poética, um organismo verbal que contém, suscita ou segrega poesia. (MOISÉS, 1992, p.400)

O poema, elemento pertencente ao gênero lírico, é um gênero textual que apresenta características que permitem identificá-lo entre os demais gêneros: é um texto composto em versos e estrofes, em uma oposição aos textos compostos em prosa (textos escritos em parágrafos, ou seja, em linhas longas). Um bom poema geralmente está carregado de poesia, mas há também poemas que recusam qualquer lirismo. São recursos muito empregados no poema a musicalidade, a repetição e a linguagem metafórica, essa última responsável por conferir ao texto maior subjetividade.

Todos os poemas rimam? De acordo com a experiência que temos com os alunos quando se trata de poemas, a maioria acredita que só é poema aquele que possui rima. No entanto, sabemos que os poemas podem, ou não rimar, que podem ser em verso ou em textos mais longos, construídos em parágrafos. A poesia, através da palavra, em especial para a criança, é encarada de forma lúdica, sem grandes intenções. É como diz José Paulo Paes em seu poema Convite:

Poesia é brincar com palavras, como se brinca com bola, papagaio e pião. Só que bola, papagaio, pião, de tanto brincar se gastam. As palavras, não. De tanto brincar com elas, mais novas ficam [...]. (PAES apud ABRAMOVICH, 97, p. 67).

E em seu livro *É isso ali*, dá a seguinte explicação:

A poesia não é nada mais do que uma brincadeira com palavras. Nessa brincadeira, cada palavra pode e deve significar mais de uma coisa ao mesmo tempo: isso aí é também isso ali. Toda poesia tem que ter surpresa. Se não tiver, não é poesia, é papo furado. (PAES, apud ABAMOVICH, 97, p. 67)

Mesmo assim, é necessário que o mediador da leitura de poemas, possibilite a criança a ir além da decodificação; é entender que por trás de palavras existe todo um sentido, um mistério a ser desvendado; porém esse mistério só será desvendado a partir do momento em que o leitor ler não só o óbvio, o superficial, mas o que está nas entrelinhas, e isso depende de cada leitor, da forma que lê, do conhecimento que tem. De acordo com Gebara (2012):

Assim, a poesia promove uma ampliação dos modos de ler. A simples descodificação pode ser superada, ganhando novos contornos com a leitura de poemas, pois durante esses eventos não há simplesmente a inserção da criança num mundo criado pelo texto, mas também um perambular pelos processos linguísticos que o constituem (GEBARA, 2012, p. 14)

A poesia, então, presente dentro de um poema, sempre será um código a ser desvendado pelo leitor, o que é entendido por Gebara como descodificação, ação de desconstruir o código para dar um novo significado. Cada leitor, a partir da sua compreensão poderá traçar novos caminhos, novos rumos para a sua leitura, pois o seu nível de entendimento irá aumentando. No entanto, essa caminhada já deve vir de outras experiências de leituras anteriores ou do próprio conhecimento prévio, a leitura de mundo. E a leitura de poemas possibilita esse resgate. E esse tipo de leitura, os alunos dominam muito bem.

1.3.2 Por que estudar o gênero poema em sala de aula? Como está sendo esse estudo?

O poema, ao lado das fábulas, dos contos e de outras histórias infanto-juvenis, é um dos gêneros que, pela experiência que temos, é utilizado em sala de

aula, não como muita frequência, mas se utiliza, pelo menos para leitura e interpretação textual e, principalmente para análise gramatical. Então, a questão estaria em, por que não investir mais em leitura de poemas? E como está sendo feita a leitura desses poemas?

E o poema, por ser considerado um gênero artístico literário por excelência é, por sua vez, um dos textos que, por sua forma, principalmente em versos, poderá ser lido com mais facilidade pelos alunos. Quando me reporto à facilidade, não pretendo dizer que é menos importante que os outros gêneros textuais ou que seja fácil de compreendê-lo. O que quero dizer é, que para os alunos do 6º ano, principalmente os que dominam precariamente o código escrito, a forma em verso se torna menos complexo. E com relação à interpretação, depende muito da linguagem do poema. Porém, há muito tempo que muitas escolas insistem em não trabalhá-lo na sala de aula, com mais seriedade, preferindo usá-lo apenas para declamações, análises gramaticais e outras finalidades, ou então, dar preferência a outros gêneros que julgam ser mais interessantes para a reflexão do aluno. No entanto, a leitura de poemas oferece ao leitor a possibilidade de percorrer uma dimensão carregada de significados e garante a ampliação das habilidades leitoras e a aquisição do prazer estético.

Nesse sentido o trabalho com gênero poema possibilita a oportunidade de perceber a outra dimensão de leitura. O aluno irá perceber que as palavras podem ganhar novos sentidos, que não é interessante somente a decodificação. E este, por sua vez, poderá interagir, criando várias interpretações, pois o poema, assim como todos os gêneros artísticos literários, são plurissignificativos, carregados até o máximo de significados. Mas, para isso, a criança deverá entrar em contato com a poesia, desde cedo, para que ela vá percebendo a sua utilidade, ampliando o seu mundo de leitura. Assim, em sua obra *Poesia na escola*, Gebara (2012, p. 14-15) afirma “a poesia permite a recuperação de experiências anteriores e mesmo a incorporação das que são simultâneas ao convívio escolar”.

Trabalhar o poema visando apenas a sua estrutura e musicalidade, ou ainda, com o intuito de fazer análises gramaticais não alcança o sentido das palavras, e muito menos o interesse do aluno. Por isso, voltar o olhar à dimensão do prazer, da coautoria, da identificação, do conhecimento, do significado e da representação, podem gerar melhores resultados quando se deseja que o aluno obtenha o gosto e o hábito de ler. Mas para que isso venha a acontecer, é preciso que se prepare o

“terreno”, se trace uma meta para alcançar tal objetivo, o caminho da leitura, considerando a especificidade do gênero e o papel dele na vida do aluno. Papel que visa uma transformação no modo de pensar e agir, uma transformação pessoal, o que, certamente vai interferir no seu comportamento dentro da sociedade. E assim como a própria literatura, a poesia, segundo Faustino (1976), pode ser vista de duas formas, dependendo da sua função, ela pode ser passiva ou ativa. Ou seja, ora é vista apenas como representação de uma época, com suas histórias, suas características; ora, como uma forma de expressar o pensamento, revelando uma aceitação ou uma indignação, um sentimento de forma negativa ou positiva. Para fazer essa reflexão acerca da utilidade da poesia, Mário Faustino (1976) faz o seguinte questionamento:

Em que pode a poesia servir à sociedade? Creio que a questão pode ser encarada de duas maneiras, que poderíamos de boa vontade chamar de passiva e ativa. No primeiro caso, a poesia serve à sociedade, testemunhando-a, interpretando-a, registrando as diversas fases espaciais e temporais de sua expansão e evolução. Nisso a poesia é como toda arte: um documento vivo, expressivo, do estado de espírito de um certo povo, em dada região, numa época determinada...Por mim creio que, mesmo sem colocar-se dentro de um sistema ideológico, a poesia que se mostra consciente no mundo ou de uma época, que age sobre uma ou outra retratando-a, oferecendo-lhe nova escala de valores, criticando-os, etc. - uma poesia social consciente, enfim - presta importante serviço à sociedade, é o que podemos chamar de forma ativa. (FAUSTINO, 1976, p. 37).

É assim que a poesia deve ser vista, não como uma leitura passiva, que sirva apenas para o deleite do leitor, para que ele a decodifique bem e declame nas datas comemorativas, mas como uma forma de expressar e perceber o que está ao redor, de ir mais além da simples decodificação, é ver a parte boa e a parte infeliz da vida. É isso que vimos discutindo até então. A leitura literária cria possibilidades para que o leitor possa experimentar aquilo que não pode experimentar na realidade, não de maneira utópica, mas de forma reflexiva e consciente. É dessa forma que percebemos a função social da poesia, principalmente num mundo em que as pessoas, apesar de ouvirem a todo momento que tem seus direitos garantidos, muitas vezes são intimidados, são obrigados a calarem para não sofrerem as consequências. E como a poesia é uma forma de expressar os vários sentimentos, sempre encontrou resistência, principalmente diante de um mundo em que o que se valoriza é o que dá lucro.

Alfredo Bosi, em sua obra *O Ser e o tempo da poesia*, no capítulo que trata sobre poesia-resistência, o autor faz uma abordagem sobre a trajetória da poesia no tempo, fazendo uma comparação e fazendo observações com relação às transformações que ela vem sofrendo no decorrer da história, levando em consideração a transformação da sociedade. Pois a poesia, um dia já teve um papel indispensável na vida do ser humano, era ela, com todo o seu poder de criatividade, que dava sentido às coisas através do poeta: “O poeta é o doador de sentido” (BOSI, 1993, p. 141).

Infelizmente a poesia, hoje, acabou perdendo muito do seu poder. Não porque os poetas não queiram produzir mais poemas, mas porque a sociedade não os valoriza, é como se os poemas fossem realmente apenas para o deleite do leitor, que lê quando não tem o que fazer. Com o avanço tecnológico e de tudo o que transforma a humanidade, os poemas foram substituídos por outros tipos de leitura. As pessoas não param mais para ficar procurando o sentido das coisas através de um poema. Quem dá sentido às coisas é a ideologia dominante, e a ideologia que predomina não é aquela que prega o bem da humanidade, a união, a fraternidade, o equilíbrio das coisas, mas aquela que divide. Assim diz Bosi (1993):

No entanto, sabemos todos, a poesia já não coincide com o rito e as palavras sagradas que abriam o mundo do homem e o homem a si mesmo. A extrema divisão do trabalho manual e intelectual, a Ciência e, mais do que esta, os discursos ideológicos e as faixas domesticadas do senso comum preenchem hoje o imenso vazio deixado pelas mitologias. É a ideologia dominante que dá, hoje, nome e sentido às coisas. (BOSI, 1993, p. 142)

Outro motivo observado por Bosi, que acabou desvalorizando a poesia, é o próprio sistema capitalista em que o país vive desde a industrialização, o que já foi citado no trecho anterior. Com o capitalismo em alta, ninguém vai gastar dinheiro investindo em algo que não traz um retorno real, financeiro, algo material. As pessoas investem naquilo que lhe é conveniente, investem no novo, querem adquirir o que é novidade. E poesia é algo do passado, que não serve para vender e nem para comprar e acaba sendo substituída por outros conteúdos que não trazem nenhuma contribuição positiva para a formação do ser humano. Eis o que pensa Bosi a esse respeito: “Quanto à poesia, parece condenada a dizer apenas aqueles resíduos de paisagem, de memória e de sonho que a indústria cultural ainda não

conseguiu manipular para vender. A propaganda só “libera” o que dá lucro: a imagem do sexo, por exemplo”. (BOSI,1993, p. 142)

A reflexão do referido autor nos faz perceber que há sim a necessidade de se trabalhar poemas em sala de aula, é preciso que aconteça um resgate dessa poesia que se perdeu no tempo. E um dos espaços mais adequados é a sala de aula, porque é aí que o leitor poderá ter um contato maior com uma variedade de gêneros textuais, incluindo os poemas. E a responsabilidade do professor é mediar a leitura desses gêneros, para que o leitor perceba a riqueza que pode existir por trás das entrelinhas, dar um novo sentido às coisas, ou vários sentidos, pois os poemas são construídos a partir de palavras ou expressões que permitem uma multiplicidade de interpretações. Daí o diferencial, não só dos poemas, mas de outros gêneros literários, a possibilidade de dar vários sentidos ao texto.

A poesia precisa estar presente no cotidiano das pessoas e como literatura também é um direito e uma necessidade, pois assim como a poesia tem o poder de aliviar o nosso espírito, ela tem o poder de denunciar as injustiças, não de uma forma violenta, mas de uma forma mais humanizada: “A poesia não pode nem deve ser um luxo para alguns iniciados: é o pão cotidiano de todos, uma aventura simples e grandiosa do espírito”. (MENDES apud PINHEIRO, 2018, p.11)

É evidente que vale a pena trabalhar poesia em sala de aula, mas não qualquer poesia, nem de qualquer modo. Segundo Pinheiro (2018), precisamos de critérios estéticos para a escolha dos poemas. É preciso estarmos atentos ao uso do recurso, pois a simples recorrência não garante “literariedade” (grifo do autor). É necessário que observemos com muito cuidado o material que chega às mãos dos nossos alunos. Para o autor:

A leitura do texto poético tem peculiaridades e carece de mais cuidado do que o texto em prosa. Contudo, muitas das condições apontadas como essenciais para a leitura de poesia são também indispensáveis para o ato de leitura literária em geral. Não se trata de valorizar mais este ou aquele gênero literário. Trata-se de estar atento a procedimentos e cuidados específicos que convém a cada gênero[...] Tendo em vista que a poesia é, entre os gêneros literários, dos mais distantes das salas de aula, a tentativa de aproximá-las dos alunos deve ser feita de forma planejada. Deve-se pensar que atitude se tomará, que cuidados são indispensáveis e, sobretudo, que condições reais existem para a realização do trabalho” (PINHEIRO,2018 p.21)

Não podemos, então, introduzir o gênero poema em nossas salas de aulas, sem verificar as condições em que se encontram os nossos alunos. Antes de iniciar

o trabalho com poemas, é necessário que se leve em consideração todo um contexto, que vai desde o espaço físico, passando por todo o quadro docente da escola, até chegar ao aluno, na sala de aula. Por isso deve ser feita de forma planejada, como por exemplo, uma atividade de sondagem. É bom que comecemos a nos questionar primeiro: que gênero literário eu gosto de ler? Qual a minha experiência com determinado gênero? E qual a experiência dos nossos alunos? De que assunto eles gostam? Será que em algum momento eu já comentei isso com os meus alunos? É importante conhecermos os nossos alunos, é importante sabermos de que temas eles gostam de falar, qual é o conhecimento de mundo deles, o que eles já sabem, o conhecimento prévio, muito comentado aqui. Trazer coisas novas, assuntos novos, sem dúvida é interessante, mas partir daquilo que eles já conhecem, deve ser mais interessante ainda para dar continuidade num trabalho; e aqui, o trabalho de leitura com poemas em sala de aula.

CAPÍTULO 2: LITERATURA BRASILEIRA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA: PRODUÇÃO POÉTICA.

2.1 LITERATURA DE EXPRESSÃO AMAZÔNICA EM SALA DE AULA.

2.1.1 Breve panorama da Literatura Amazônica.

Ao tratarmos sobre Literatura de expressão amazônica, é importante que façamos uma abordagem breve sobre cultura. Afinal, o que está presente nessa literatura é a presença de uma cultura - a do homem amazônida. Assim como o conceito de literatura, o conceito de cultura também vem merecendo várias reflexões no decorrer da história. E sobre isso, estudiosos, vem colaborando, nos trazendo algumas reflexões sobre esse conceito, ou pelo menos o que vem sendo considerado cultura no decorrer da história, e nos ajudando, assim, a compreender também a cultura amazônica, nosso foco principal. Para isso, colaboram conosco Laraia, Geertz, Sanches e Loureiro.

Laraia (2001) em sua obra denominada “Cultura: um conceito antropológico”, utilizando-se da concepção de pesquisadores, como Taylor, traz para o leitor, uma reflexão sobre o conceito de cultura numa visão antropológica. Para isso, utiliza-se de vários exemplos, buscando explicações a partir do determinismo biológico e geográfico. Porém, nenhuma dessas visões foi suficiente para definir com clareza o que é cultura. Sobre esse comentário, afirma o autor:

Tanto o determinismo geográfico, quanto o determinismo biológico, foram incapazes de resolver o dilema proposto[...] os antropólogos estão convencidos de que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais (LARAIA, 2001, p. 14 e 15)

Assim o determinismo biológico seria falho, não dando conta de explicar o comportamento do ser humano de acordo com a sua origem, uma vez que ele pode nascer de um seio familiar e, em seguida passar para outra família ou outro lugar, adquirindo os hábitos e costumes que não pertencem a sua família de origem. Portanto, uma criança brasileira que for adotada ainda bem pequena por uma família de outra nacionalidade, poderá apreender os costumes desse povo que tem outra nacionalidade. Ou seja, a criança adquire os costumes e aprende de acordo com lhes é ensinado. Sobre esse comentário, Kessing afirma:

Não existe correlação significativa entre a distribuição dos caracteres genéticos e a distribuição dos comportamentos culturais. Qualquer criança humana normal pode ser educada em qualquer cultura, se for colocada desde o início em situação conveniente de aprendizado[...]O comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada. (KESSING apud LARAIA, 2001, p.17)

O determinismo geográfico considera que as diferenças do ambiente físico condicionam a diversidade cultural. Porém, essa afirmação é refutada por estudiosos, que comentam a ineficácia do determinismo geográfico. E que este não seria determinante, uma vez que pessoas, mesmo vivendo em ambientes físicos iguais, com as mesmas características, podem ter modos diferentes de realizar suas atividades, seus costumes, sua cultura pode ser diferente. De acordo com o estudo de Laraia (2001):

A partir de 1920, antropólogos como Boas, Wissler, Kroeber, entre outros, refutaram este tipo de determinismo e demonstraram que existe uma limitação na influência geográfica sobre os fatores culturais. E mais: que é possível e comum existir uma grande diversidade cultural localizada em um mesmo tipo de ambiente físico. (LARAIA, 2001, p. 21)

Assim, definir cultura não seria uma tarefa simples. É uma longa história, que vem, desde a antiguidade. Todavia, a discussão que Laraia faz nos permite entender a concepção de cultura que se tem hoje. Segundo o autor, quem primeiro definiu cultura, como a concebemos atualmente, foi Edward Taylor, resultando a seguinte definição:

Do vocábulo inglês Culture, que "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade [...] (TAYLOR apud LARAIA, 2001 p. 26)

Com esta definição, Taylor abrangia em uma só palavra todas as possibilidades de realização humana, além de marcar fortemente o caráter de aprendizado da cultura em oposição à idéia de aquisição inata, transmitida por mecanismos biológicos. A cultura foi tomada, até então, como sendo todo o comportamento apreendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, como diríamos hoje.

Outro estudioso que aborda o conceito de cultura, mas de uma forma interpretativa, é Cliford Geertz. Em sua abordagem, não descarta o conceito de Taylor (definição apresentada por Laraia), sendo como a que mais se aproxima dos conceitos utilizados atualmente. Porém, diz que em vez de esclarecer, Taylor acaba complicando mais o entendimento do que seja cultura, pois o conceito de cultura defendida por Geertz é essencialmente semiótica, o que contradiz o determinismo biológico e geográfico, visto por Laraia, quando apresenta a análise dos estudiosos que realizaram as pesquisas. Para esclarecer o seu objetivo ao tratar da cultura a partir de uma visão interpretativa, apresenta a seguinte afirmação:

O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação. (GEERTZ, 2008, p. 4)

Acredito que quando Geertz faz referência à interpretação da cultura, ele nos direciona não para o entendimento de um conceito definitivo, mas para uma possibilidade de interpretação a partir do significado, do que se quer transmitir em dado momento, daquilo que se entende. Percebemos isso a partir dos exemplos dados por ele no decorrer da discussão, como por exemplo quando ele fala no ato de “piscar” (grifo do autor), a piscadela pode ser do mesmo jeito para quem vê, quem está do lado de fora, porém, para quem está piscando, o significado pode ser outro, ou pode ter vários significados. E ainda acrescenta: Quem piscou pode ter “tic nervoso” (grifo do autor) ou pode também estar fazendo sinal para alguém.

Compreendo que, ao lado desse exemplo, poderíamos perceber os costumes das pessoas em seus ambientes. O que pode ser algo sem sentido pra mim, pode ser representar a cultura de uma outra pessoa. Ou seja, não poderíamos ter uma definição, mas tudo depende de interpretação, do valor que algo tem pra mim, que está presente nas crenças, nos costumes, na minha prática do dia a dia, no ambiente em que vivo.

Mesmo assim, de uma coisa temos certeza: o homem é o protagonista da existência dessa cultura, com seus costumes, suas crenças, suas atitudes, sua linguagem, suas conquistas, suas descobertas e todas as suas produções num

determinado período da história. E, através do seu imaginário, da sua experiência, da sua vivência vai transformando o que faz parte do seu dia a dia em “verdades”, (grifo do autor). Verdades, porque essa cultura que é vivida por ele se torna, inquestionável pelos que assimilam essas “verdades”, (grifo do autor). É assim que Cleber Sanches refere-se à cultura brasileira, de onde partiremos para a literatura de expressão Amazônica.

Assim, por um conjunto de símbolos, o homem registra seu poder criador, imaginário, transformando a própria natureza psíquica, imaterial, seus sentimentos e emoções em elementos palpáveis, capazes de serem transmitidos, recepcionados, entendidos e retransmitidos (SANCHES, 2009, p.33)

Portanto, tratar sobre a cultura não é limitar-se ao artesanato, às crenças, aos poemas, à música, às comidas típicas de uma determinada região, representada pelo folclore, como é comumente concebida pela maioria das pessoas.

Tudo o que é produzido por um povo é cultura, assim como a ciência e a religião, a economia, a medicina. O que deve ficar claro é que existe uma **cultura popular** e uma **cultura elitista**. Quando falamos em credences, por exemplo, em benzedeadas, em danças, em comidas típicas de uma região, em lendas, estamos falando de cultura popular, aquela que não precisa ser comprovada, o povo acredita e isso já é o suficiente. É comum ouvir alguém dizer que gosta mesmo é de ouvir uma boa música, ou ainda que tem pessoas que não têm cultura porque não têm bom gosto ou não sabem se comportar em certos ambientes.

O que se percebe é que, para muitos, o conceito de cultura está ligado ao domínio da leitura e escrita, ou até mesmo, ao poder econômico. De fato, é assim que parte da sociedade concebe cultura, e assim sendo, ela sempre estará ligada ao poder aquisitivo. Alguém pode não gostar de Beethoven, de Roberto Carlos, de Caetano Veloso, mas pode gostar de brega, de sertanejo, de carimbó. Mas nem por isso vai deixar de ter cultura. São, sim, culturas diferentes, mas cada uma tem o seu valor. Alguém não leva seu filho (a) uma benzedeadas quando o mesmo está doente, porque não acredita que pode alcançar essa cura, mas o leva ao médico para que este receite um remédio. Do ponto de vista cultural, não podemos questionar quem está certo ou qual é o melhor; quem tem mais conhecimento, o médico ou a curandeadas. Ou ainda, quem tem mais cultura? Não podemos ignorar nem uma nem

outra. Ambos têm conhecimentos, mas conhecimentos diferentes, culturas diferentes:

Uma referente às elites, que passam a ter acesso a determinadas informações cada vez mais especializadas, e assim essa classe elitizada cria conceitos próprios de cultura, o que poderíamos chamar de erudição, que estaria ligada a um entendimento mais complexo e especializado de técnicas relativas a tudo o que está adstrito a essa classe social e outra ligada às ações, conceitos e sentimento do povo, daquelas pessoas comuns que fazem parte de um ou mais níveis sociais imediatamente abaixo das elites. (SANCHES, 2009, p. 35)

É justamente esse choque de culturas que acaba gerando um certo desentendimento entre as pessoas, uma rivalidade. Pois sabe-se que a nossa sociedade é bastante estratificada, então, é natural que aconteça esse choque entre pessoas de culturas diferentes. É interessante notar aqui que esse conflito acontece não só entre culturas de regiões diferentes, mas entre pessoas de classes sociais diferentes dentro de uma mesma região, em que uma acredita ser superior à outra. E por esse motivo uma acaba sendo desprestigiada, desvalorizada.

Dessa forma, o que nos interessa aqui é deixar claro que quando tratarmos de Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, de valorizar a cultura amazônica, não significa deixar de valorizar esta ou outra, mas de entender que a nossa cultura é rica, que ela precisa ser entendida, que ela precisa também ser transmitida, veiculada, que não serve apenas para um determinado momento em que se fazem festivais. E a cultura de nossa região, mesmo sendo resultado de todo um processo histórico de colonização, de procurar manter a sua originalidade, não perde o seu caráter universal. Porém, quando se trata de universalismo, não podemos homogeneizar, dizendo que todas as regiões se expressam da mesma forma, pois mesmo pertencendo a um mesmo país, cada região possui as suas especificidades, as suas particularidades. E falar da Região Amazônica e da sua cultura é procurar entender, também os seus mistérios e seus encantos, sua mitologia. Segundo Paes Loureiro (1995):

A cultura de cada país ou de cada povo tem sua maneira própria de realizar de forma original a experiência universal da vida, não só no conjunto das diferentes atitudes do indivíduo ou do grupo, como no âmbito das circunstâncias humanas que os envolvem[...] Inclusive na Amazônia, que representa um contexto em que a presença de crenças e costumes indígenas é muito evidente, a visão que a maior parte da população rural e das pequenas cidades tem do mundo apresenta-se unificada por um

repertório do imaginário revelado pela mitologia, pela visualidade estetizada ou pela criação artística, que são evidências de uma cultura configuradas por experiências humanas plenamente realizadas, tendo como dinâmica o imaginário estético-poetizante na expressão cultural. (LOUREIRO, 1995, p.102)

A partir dessas concepções, podemos entender que a cultura está ligada à experiência de cada indivíduo ou grupo de indivíduos, e que não precisamos competir com alguém para ver quem vence, que cultura prevalece, ou qual é a melhor, mas entender que podemos compartilhar experiências, mesmo sabendo que existe a cultura elitista, comentada por Sanches. E não adianta nos iludirmos, acreditando que todos irão viver em harmonia, convivendo com as várias culturas. Sempre vai haver um embate. Sempre vai ter alguém defendendo a sua cultura e a colocando como superior.

2.1.2 O que é Literatura Brasileira de Expressão Amazônica?

Para esta abordagem, nos propomos fazer uma reflexão sobre o que considerar: literatura amazônica ou literatura brasileira de expressão Amazônica? Seriam obras produzidas só por autores amazônicos? Seriam obras, mesmo de autores de outras regiões, mas que expressam a cultura da Amazônia, ou que expressam a cultura popular da Amazônia?

Ao considerarmos esses questionamentos, não podemos esquecer que, até pouco tempo era comum chamarmos de literatura regional para a representação cultural em forma de poema, música e obras literárias que representassem a cultura de uma determinada região, o que era chamado por estudiosos da literatura de regionalismo. E é a influência desse regionalismo que contribui para o desenvolvimento da literatura brasileira. Talvez, por isso, não seja adequado chamar de literatura regional, ou ainda literatura paraense, nordestina ou de qualquer outra região. Porém, essa denominação já foi muito utilizada, e surgiu a partir do Romantismo e do Realismo, quando se começou a explorar esse Brasil regional, tendo como ponto de partida, a valorização da cultura local, influenciada por vários fatores, como afirma Afrânio Coutinho:

As influências geográficas, econômicas, folclóricas, vidas, costumes, temperamento, linguagem, expressões artísticas, maneiras de ser e sentir,

agir e trabalhar, fizeram-se perceber na vida intelectual política e cultural (COUTINHO, 2004, p. 234)

No entanto, há uma diferença entre o Regionalismo do Romantismo e o Regionalismo do Realismo. Enquanto que o primeiro buscava em suas obras um escape do presente para o passado, o segundo apresentava uma obra mais realista, voltada para a realidade momentânea, considerando a existência contemporânea e o ambiente vizinho. O Realismo desvestiu-se do escapismo e do saudosismo. Autores como José de Alencar, Gonçalves Dias, Bernardo Guimarães, apresentavam em suas obras o regionalismo como uma forma de fugir para o passado, um passado idealizado, um desejo de realização, de compensação. Ao mesmo tempo que supervaloriza o pitoresco e a cor local, acaba encobrendo a realidade. Tudo passa a ser idealizado. Não se mostra a realidade como ela é, mas como se almejava que fosse. E prova disso, é a figura do indígena, tanto do homem, quanto da mulher na obra *Iracema*, de José de Alencar. O índio representado pelo homem branco, e a índia, com sua beleza deslumbrante. O saudosismo e o ufanismo são tão grandes, que tudo é apresentado em sua perfeição.

De acordo com Coutinho (2004) há vários modos de interpretar o regionalismo:

Do simples localismo ao largo regionalismo literário, há quem o veja aliado à mediocridade e à estreiteza, confundindo-o destarte com o provincianismo de mau sentido, que é deformante quando o cosmopolitismo é uma contrafação do universalismo. É um regionalismo confiante, autossuficiente, que provoca a rivalidade entre as regiões. (COUTINHO, 2004, p. 234)

Acredito que esse é o tipo de regionalismo que a maioria das pessoas assimila quando fala em identidade. Identidade dá ideia de posse, de único, algo fechado, que não pode pertencer a outro. E quando se trata de identidade cultural, é como se o que considero pertencente à minha cultura, que me representa, seja superior, melhor do que a do outro. No entanto, sabemos que podemos e devemos valorizar a nossa cultura sem precisar deixar de valorizar a do outro. O que se questiona na maioria das vezes é quanto ao fato de o morador local ser indiferente à sua própria cultura, aos seus costumes, a sua linguagem, as peculiaridades da sua região. O que, sem dúvida é histórico, pois sabemos que a formação cultural brasileira tem influências marcantes da cultura europeia, desde muito tempo

mantendo uma submissão. E queria ou não, o lugar onde essa submissão e esse espírito de inferioridade é mais visível, é na Amazônia, mais especificamente na Região Norte. De acordo com Coutinho:

Outra concepção é a que reduz o regionalismo a sinônimo de localismo literário, a literatura regional não passando da exploração e exposição do pitoresco, das formas típicas, do colorido especial das regiões. É outra forma de escapismo romântico, ou então é próprio de épocas e civilizações cansadas que se refugiam no passado ou no pitoresco local. (COUTINHO, 2004, p. 235)

Essa é uma das concepções bastante utilizadas, e que tem características do regionalismo apresentado pelo Romantismo, uma cultura idealizada, que apresenta a cultura de forma alegórica, sem compromisso com as adversidades, com os problemas que determinada região enfrenta, com o que acontece de fato. Esse regionalismo se resume ao artesanato, à pintura, as comidas típicas, às produções literárias; em alguns momentos, às apresentações de lendas e de shows musicais, o que acontece, geralmente na semana do folclore. Pergunta-se, então: qual seria o sentido dessas apresentações? O público que prestigia ainda acredita que ao assistir a essas apresentações está valorizando a cultura da sua região, mas, na maioria das vezes essa “valorização”, é apenas momentânea. Quando termina a semana do folclore, acaba também a valorização da cultura.

Uma das características marcantes de cada região, é a linguagem. As várias regiões do Brasil têm suas linguagens próprias, com formas diferenciadas de falar, o que decorre da variação linguística. Porém, no norte, principalmente, o típico caboclo ribeirinho, com a sua linguagem e seus costumes, acaba sendo motivo de chacota para muita gente. Entretanto, pesquisas feitas mostram que esse falar do caboclo amazônida que ainda hoje é notado, não é recente, vem de uma trajetória histórica que influenciou a vida do ribeirinho da região amazônica, desde o período da colonização. E mesmo diante dos discursos, principalmente universitários referentes à valorização de todas as classes, de todas as variedades linguísticas, o caboclo continua sendo visto como algo à parte, principalmente na sua linguagem, como se ele não soubesse “falar corretamente”. O interessante é que essa cultura cabocla, muitas vezes tida como primitiva, na maioria das vezes, só é percebida enquanto objeto de pesquisa, e vale lembrar, também, que o fato de ser caboclo, com uma cultura diferenciada, é um dos fatores de discriminação, que o

estigmatizam e conduzem-no a uma posição inferior na sociedade. Quando este sujeito ganha uma posição de destaque, é tido como algo não tão comum, merecendo atenção especial, inclusive ser alvo da mídia em geral. Assim refere-se Benchimol (2009) a esse povo tido como primitivo, que, para nós, que conhecemos a realidade, pouco mudou, nos dias atuais:

Pouquíssimos deles alcançaram notoriedade e respeito, a não ser por intermédio do exotismo folclórico e da exploração de artistas, viajantes e de alguns pesquisadores que precisam deles para fazer as suas exposições e teses de mestrado e doutorado. Por isso raramente assistimos um referencial de sucesso, prestígio e poder alcançado por algum descendente desses grupos primitivos nas universidades, profissões liberais, magistério, sacerdócio, empresariado, prefeituras, ou como representantes nas Assembleias Legislativas e no Congresso Nacional. Quando o conseguem, excepcionalmente, recebem a homenagem e o reconhecimento de seus pares e de outros grupos sociais, que passam a distingui-los com o apelido carinhoso ou irônico de seu linguajar típico: *caboclos suburucus, vento de prua, pupa de lancha, bandeira azul*. (BENCHIMOL, 2009. p. 41-42)

E é sobre esse caboclo da Amazônia, seus costumes, suas crenças, seus anseios, sua forma de agir, de ver o mundo, que serão objeto de nossa reflexão neste capítulo, pois não é de hoje que se discute sobre a cultura amazônica e suas influências e, grosso modo, sabemos que, quando se trata de cultura brasileira, de modo geral, a primeira influência da qual não temos dúvidas, é a influência europeia, assim como dos negros, e dos índios. É o que a história nos conta. E tudo começou, feliz ou infelizmente com a vinda dos portugueses para o Brasil, no período colonial, momento de aculturação, em que, mesmo a população indígena estando em vantagem, não tinha forças suficientes para conservar a sua cultura. A imposição dos colonizadores fez com o que o colonizado assimilasse os costumes dos seus senhores, uma vez que os deles eram vistos com algo sem valor. A submissão à cultura europeia foi inevitável. Samuel Benchimol, em sua obra *Amazônia: formação social e cultural*, faz uma abordagem sobre o caminho percorrido da cultura do povo amazônico, desde a colonização. Segundo o autor, o costume dos índios, com todas as suas crenças e sua riqueza na flora e fauna, ervas, animais e tudo o que tinha naquela natureza, despertava a cobiça do colonizador, que, certamente faria de tudo para ter esses habitantes sob controle, sob seu poder:

Assim começou a Amazônia Lusíndia, mais índia que lusa, porém, mesmo assim, suficientemente forte para influenciar os novos padrões culturais e

espirituais europeus a serviço da fé e do império. Estes acabaram por desintegrar a identidade cultural indígena, pelas tropas de resgate, aldeias, missões, reduções, catequese, queima de malocas. Dizimos e trabalho servil. (BENCHIMOL, 2009, p. 25)

Confirma-se, então, a grande influência cultural que a Amazônia sofreu a partir da dominação europeia, e que se perdura até hoje. Mesmo assim, não podemos ficar inertes diante dessa dominação. Por outro lado, não podemos ignorar o fato de que não vivemos num mundo isolado e que jamais estaremos livres da influência de outras culturas. O que não se pode é deixar ser dominado sem tomar nenhuma iniciativa, ou então, ficar limitado à uma cultura representada pelos mitos e lendas da região, pelas histórias do passado, pelo artesanato e outras manifestações artísticas saudosistas, que apenas exaltam a beleza e a grandiosidade da Amazônia. É necessário também perceber a cultura surgida a partir da modernidade, com a evolução tecnológica, com os novos costumes, com os novos modos de ser e de pensar e com a transformação da própria Amazônia, que não é mais a mesma do século passado.

Márcio Souza, em sua obra *A Expressão Amazonense* faz uma abordagem sobre essa cultura e suas influências, desde o colonialismo ao neocolonialismo. E já na introdução do livro, o autor diz que:

A expressão amazonense é um ensaio que foi elaborado com um olhar paradoxal da região. O problema é que o Brasil é fruto de um conjunto de paradoxos entre pobreza e riqueza, modernidade e arcaísmo, Norte e Sul. É necessário analisá-los para entender a formação do país. É preciso levar em conta também as particularidades do modelo colonial português. O que não podemos é evitar enfrentar os paradoxos (SOUZA, 2010, p.10)

Souza faz uma análise levando em consideração as transformações que a região amazônica vem sofrendo com o tempo, o que o faz pensar o país de uma forma paradoxal. Há um paradoxo entre pobreza e riqueza, entre o novo e arcaico. Ou seja, ficamos divididos entre uma cultura ribeirinha, tradicional, tímida e uma cultura nova, com novos ideais, acompanhadas de todas as mudanças ocorridas na atualidade, com novos costumes. Vivemos diante de uma cultura urbana e rural, rica e pobre, com todas as contradições possíveis. Todavia, essa contradição, esse paradoxo, não é de hoje, é histórico e vem desde os tempos da colonização. Dizer que a cultura da Amazônia é o resultado de todo um processo histórico é fato, não se pode ignorar, mas não podemos deixar que o colonizador continue ainda, até

hoje, impondo a sua cultura, tida como superior para intimidar aqueles que por ventura ainda continuam na luta para manter a sua identidade. Ao contrário, sempre ficaremos escondidos dentro do nosso casulo, ainda presos no passado. O choque de culturas vai continuar existindo, e não tem como evitar. O que precisamos é aprender a conviver sem precisar persistir nessa competição, em que uma cultura deve predominar sobre a outra. Segundo Souza (2010)

É hora de deixarmos bem claro e de meditarmos sobre essa inglória batalha de civilizações, onde aparentemente a mais forte é a que vence. Nossa cultura, como parte da totalidade, vem se emasculando nessa luta. É preciso que extrapolemos o conformismo colonizado por uma maior aproximação com a verdade regional. A Amazônia é ainda uma das pátrias do mito, onde ainda existe uma unidade entre o pensamento e a vida numa constante interação de estímulos e afirmação. A Amazônia estará livre quando reconhecermos definitivamente que essa natureza é a nossa cultura, onde uma árvore derrubada é como uma palavra censurada e um rio poluído é como uma página rasurada. A luta pela Amazônia está no processo geral de libertação dos povos oprimidos. (SOUZA, 2010, p.43)

Diante do que já foi discutido, percebemos que são as peculiaridades da Amazônia que são levadas em consideração quando se trata de expressar essa cultura através das obras literárias, o que não significa deixá-la isolada. É preciso que se tenha consciência do caráter universal que caracteriza a literatura. De acordo com Fares, em seu artigo *O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola*, “literatura de Expressão Amazônica, que, assim como toda literatura, é reflexo das ações sociais, pois é fruto da cultura, e, como tal, reflete tudo aquilo que está ligado ao homem e a sociedade a qual pertence”. (FARES, 2013, p. 6)

No entanto, considerar a Amazônia como um todo isolado é desconsiderar a dinâmica atual do mundo, em que as culturas se estabelecem em escala globalizada. A troca de informação constante e intensa permite o contato com os mais diversos hábitos, um conjunto variado de vivências. Poderia a região não sofrer nenhuma consequência com todo esse processo? Ou ainda, poderíamos ficar isolados, defendendo a nossa cultura que está sendo “ameaçada” pelos estímulos culturais externos? Acredito que não. E já vimos discutindo sobre isso. Mesmo com as suas peculiaridades, a Amazônia faz parte do mundo e, como tal está inserida dentro das transformações que acontecem na sociedade e é claro, sofre com todas essas transformações.

Portanto, os debates aqui postos em relevo acerca dos modos de compreensão da produção literária local não estão tão próximos de uma derradeira

finalização ou de um equilíbrio entre as opiniões. Todavia, perceber que são muito variadas as maneiras de encarar a Literatura de Expressão Amazônica é mais um fator que corrobora para identificar a capacidade significadora dessa arte escrita. Tais perspectivas, que por vezes beiram as polaridades dicotômicas, indiciam uma literatura multifacetada e plurissignificativa, mesmo sendo expressão simbólica de uma realidade específica, o que evidencia o caráter abrangente da arte literária local.

2.1.3 Por que trabalhar literatura de expressão Amazônica em sala de aula.

Quando se discute sobre o mau desempenho do ensino de literatura e da formação do leitor nas escolas brasileiras, em especial naquelas que oferecem o ensino público, costuma-se apontar como causas fundamentais as políticas educacionais equivocadas, a ausência de livros literários nas bibliotecas escolares, o desprezo de muitos professores em relação aos textos literários, o desinteresse dos alunos e a falta de preparo de alguns profissionais de Língua Portuguesa, que não atentam para as atividades voltadas para a leitura compromissada de obras literárias, principalmente no ensino fundamental.

Dizer que nos livros didáticos não são contemplados autores amazônicos é fato. Dos autores que são conhecidos nacionalmente ou até mesmo em outros lugares fora do Brasil, também é do nosso conhecimento. No entanto, os alunos da região amazônica e boa parte dos professores não têm conhecimento a respeito desses autores, muito menos de suas obras. Alguns sabem até o nome da obra, mas não se interessam muito em saber a autoria. Dessa forma, fica clara a falta de conhecimento por parte de alunos e professores.

Esse desencontro entre leitor e texto não acontece apenas diante de produções literárias canonizadas, mas também diante da literatura amazônica. Há tempos que, em congressos, simpósios e seminários acadêmicos de âmbito local se enfatiza a necessidade de se trabalhar a leitura de autores amazônicos na educação básica; fato que revela a busca por referências ao nosso local cultural amazônico, aquilo que expressa a nossa forma de perceber o mundo, a natureza, os povos que habitam esta região. No entanto, não podemos perder de vista o caráter universal da literatura; uma vez que temas como amor, ódio, paixão, esperanças e outros são universais. Mesmo assim, cada região possui uma característica específica,

representada pela sua cultura, a sua linguagem, os seus costumes, enfim o seu modo de viver. São essas particularidades que as tornam únicas.

Todavia, a região amazônica sempre foi vista como um lugar exótico, com costumes primitivos, onde o desenvolvimento pouco chegou. Pensando em desfazer esse conceito inadequado de literatura paraense, ou literatura regional, expandindo-o para um âmbito maior, é que Benedito Nunes é citado no artigo de José Guilherme dos Santos Fernandes (artigo publicado na internet, dez. 2004):

Nunes, através do ensaio *Literatura paraense existe?* Divulgado no site <http://www.portaldaamazonia.org.br>, afirma que 'a expressão literatura paraense, além de ser acanhada demais, fere a universalidade, princípio básico a qualquer manifestação que se deseja artística', completando que a manifestação literária de autores nascidos no Pará não pode cair na fórmula fácil de designações que induzem a uma afirmação de nossa cultura como 'exótica, regional, incapaz de difundir sentimentos universais'. Mais adiante, conclui: Precisamos, hoje, mais do que nunca, deixar de pensar acanhadamente. Até mesmo porque se formos aplicar a denominação pátrio-adjetiva para as literaturas regionais, teremos uma superfragmentação da chamada Literatura Brasileira (...). Por essas e outras – embora sendo professor de Literatura da Amazônia –, tenho optado por uma expressão que considero mais consequente em se tratando de literatura da/sobre a nossa região: literatura brasileira de expressão amazônica. Afinal, está na hora de (como fizeram os primeiros modernistas) os demais brasis redescobrirem este Brasil que está ao norte, e é demarcado pela linha do Equador. E a literatura, penso, é mais que pretexto, ela é, sem trocadilhos, passaporte. E que ela não seja somente paraense, seja brasileira quiçá universal. (NUNES apud FERNANDES, 2004, p.112)

Mesmo diante dessas reflexões, ainda persiste uma pergunta: qual o lugar da produção literária amazônica na vida das pessoas que vivem nesta e em outras regiões do Brasil?

Pela prática que temos em sala de aula, percebemos a ausência desses autores. No livro didático, material mais utilizado em sala de aula, não há a presença desses autores, até porque as aulas de literatura só acontecem no ensino médio, e os autores contemplados são apenas os autores consagrados, aqueles que pertencem ao cânone literário. Então, se o principal incentivo à leitura de obras desses autores deveria partir da escola, ainda não acontece no ensino fundamental. O que acontece são projetos, palestras, oficinas, mas em sua maioria, nas universidades e em algumas escolas. Mas é momentâneo, como dizem “uma forma de valorizar a cultura amazônica”. De acordo com Silva (2013):

Entretanto, há na região amazônica vários projetos e ações que incluem saraus, encontros com escritores, varais poéticos, rodas de leitura e narração de histórias promovidas tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Essas iniciativas quase sempre ocorrem por conta e risco de seus idealizadores, isto é, sem apoio governamental. Todavia, são de grande importância para enfrentar a invisibilidade imposta pela ineficácia das políticas educacionais voltadas ao segmento literário (SILVA, 2013, p. 99).

É preciso que essa literatura esteja presente no ensino básico, não apenas através de eventos, mas, também nos currículos escolares. E se não for possível, que, pelo menos os professores procurem introduzir em suas aulas. Por que falar que

a literatura de expressão amazônica não deve ficar isolada da literatura brasileira é fácil, que ela tem caráter universal, também; mas colocá-la em prática em sala de aula para que os nossos alunos possam conhecer melhor a sua história, saber que em nossa região também temos autores com produções muito ricas é o que vai fazer a diferença. Por outro lado, o problema para a maioria dos professores é o fato de não estar presente a literatura nos currículos escolares do ensino fundamental, e quando se trata dos currículos escolares da região, também não se contemplam os saberes escolares da Amazônia. Contribuindo com essa reflexão, Fares faz um comentário, enfatizando o problema da não presença dessa literatura em sala de aula. Assim afirma Fares, em seu artigo, O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola:

A discussão do tema implica refletir sobre alguns fatores de ordem geral e específico. O primeiro refere-se ao ensino da literatura nos currículos, o que implica uma análise dos PCNs, e o segundo, ao lugar que os saberes literários da Amazônia ocupam no currículo das escolas da região. Examinando as questões com base na discussão sobre as chamadas literaturas das bordas ou da margem, ou seja, pensar no cânone e o não cânone. (FARES, 2013, p. 2)

É será que vamos esperar que as instâncias maiores resolvam esse problema da não presença da literatura de expressão amazônica nas nossas salas? Ou vamos tomar as iniciativas? Por que não podemos ficar apenas no discurso. Não são poucos os trabalhos acadêmicos feitos abordando essas questões, porém o que percebo é que, na prática, não acontecem mudanças. É necessário que tomemos iniciativas em nossas salas de aula, termos autonomia de diversificar os nossos conteúdos, proporcionando aos alunos esse momento de encontro com a cultura amazônica, na qual eles estão inseridos. Para isso, precisamos urgente ir em busca

de conhecimentos sobre a literatura de expressão Amazônica, e isso ainda nos falta. E quando temos conhecimento, não levamos o nosso aluno a questionar, a entender de fato sobre a importância dessas leituras, pois só podemos oferecer os conhecimentos que temos. E, a partir do momento que nos dispusermos a ir em busca desses conhecimentos e colocá-los em prática, compartilhando com os nossos alunos, teremos mais leitores conhecedores da literatura de Expressão Amazônica. Ao contrário, o nosso trabalho de reflexão será em vão. E a maioria das produções poéticas de nossa região serão conhecidas apenas pelas pessoas que chegarem à universidade e, mais especificamente, os alunos do curso de letras. E aqueles que não terminam nem o ensino médio? Fares, em seu artigo faz uma reflexão em que observa:

Neste contexto, estar à margem ou nas bordas também significa, entre outras semânticas, não ter passagem para a escola, o sistema central da educação escolar. Estamos, então, na borda com as literaturas que admitem os adjetivos infantil, oral, popular e regional, africana, indígena, feminina, de testemunho, entre muitas outras. E, muitos de nós, professores de literatura, além dos autores de livros didáticos, desconhecemos essas literaturas e por isso não temos como estabelecer diálogos intertextuais não podemos considerar as diferenças, as heterogeneidades culturais brasileiras. E, o mais grave, quando conhecemos não estamos preocupados em discuti-las, inclui-las, valorizá-las, entronizá-las. Torcemos pelo homogêneo? (FARES, 2013)

Concordo com os questionamentos feitos pela autora. Se realmente queremos que a nossa cultura seja divulgada e reconhecida, que os nossos alunos conheçam e valorizem a cultura de nossa região, precisamos promover esse encontro, pois, deixá-la isolada e não querer que ela seja influenciada por outras culturas, não é o ideal. Permitir que ela seja desvalorizada, que ela desapareça, uma vez que eu posso fazer alguma coisa para essa permanência, é realmente torcer pelo homogêneo. E será que no fundo, é isso que queremos?

2.2 POEMAS DE AUTORES AMAZÔNICOS EM SALA DE AULA.

2.2.1 Importâncias de se estudar os poemas de autores amazônicos.

Até aqui já discutimos bastante sobre a necessidade e a importância de se inserir a Literatura Brasileira de Expressão Amazônica em sala de aula, o que pode vir através de qualquer gênero literário, por isso escolhemos trabalhar os poemas. E Por que os poemas? Porque muitos poemas de poetas amazônidas refletem a

cultura de sua região. Em seus versos a Amazônia é mostrada em seu íntimo, carregada de crenças, de mitos, de uma simbologia incomparável. Não há como estudar a região amazônica sem ter esse conhecimento sobre a simbologia dos rios, das florestas e dos outros elementos da natureza que fazem parte dessa região. São nesses elementos que o poeta encontra inspiração para escrever os seus poemas, que nada mais são do que as experiências vividas pelo ribeirinho, o seu modo de viver, o seu trabalho e as suas crenças, e por quem também não é, mas que se identifica com essa poética estetizante, que é revelada na Amazônia.

É assim que Paes Loureiro refere-se ao mundo Amazônico:

Há, no mundo amazônico, a produção de uma verdadeira teogonia cotidiana. Revelando uma afetividade cósmica, o homem promove a conversão estetizante da realidade em signos, através dos labores do dia-a-dia, do diálogo com as marés, do companheirismo com as estrelas, da solidariedade dos ventos que impulsionam as velas, da paciente amizade dos rios[...] um mundo único real-imaginário. Foi se constituindo nele uma poética do imaginário, cujo alcance intervém na complexidade das relações sociais. (LOUREIRO, 1995, p. 63)

E diante a essas reflexões acerca desta literatura de expressão amazônica, trabalhar os poemas de autores desta região é fazer com que seja válido o universalismo existente nos poemas ou em qualquer obra literária. Nesse sentido, Vitor Sales Pinheiro (2012), fazendo uma análise de poemas de poetas Amazônidas, na obra de Benedito Nunes, afirma:

Na análise da literatura regional, importa-lhe as obras que, como Verde Vagomundo, de Benedito Monteiro, souberam romper 'com as limitações do regionalismo', integrando, 'numa maneira universalmente representativa, o mais característico e o mais peculiar tanto no meio físico e cultural quanto do estado das relações humanas, inclusive sociais e políticas'. Esta universalidade, torna uma obra representativa do regional na medida em que o vincula ao nacional e ao mundial, e a universalidade concreta dos vários contextos _ linguísticos, sociológicos, religiosos, políticos". (PINHEIRO apud NUNES 2012, p. 18)

Assim, fica evidente a necessidade de se trabalhar os poemas de poetas amazônicos em sala de aula. Pois temos consciência de que, ao trabalhar com os poemas de João de Jesus Paes Loureiro, Paulo Nunes e Thiago de Mello, estaremos apresentando aos alunos apenas uma pequena parcela dos grandes poetas que existem em nossa região, pois trabalhar com poema em sala de aula é algo que precisa ser feito com mais frequência, e trabalhar com poemas de autores

paraenses e amazonenses é mais um desafio. E na sua particularidade, cada um dos autores possui a sua forma de representatividade em seus poemas.

2.2.2 Conhecendo os poetas: João de Jesus Paes Loureiro, Thiago de Melo e Paulo Nunes

A Poesia de João de Jesus Paes Loureiro

João de Jesus Paes Loureiro é um poeta contemporâneo que traz em seus poemas um retrato da Amazônia. Em suas narrativas poéticas, apresenta a história de uma Amazônia exuberante, com seus mitos, suas lendas, com as suas peculiaridades, mas também aborda as questões sociais e políticas, enfim, a vida do ribeirinho em todos os aspectos.

Nos escritos de Paes Loureiro, é como se a Amazônia se pensasse novamente, em largas pinceladas e finas miniaturas, uma narrativa plural, que é simultaneamente intuição e explicação, compreensão e fabulação, de tal forma que guardamos da sua leitura a multiplicidade colorida, sonora e movimentada da polifonia. Sintetiza e recria, retoma e transfigura, resgata e inventa, taquigrafando o presente, buscando o passado e imaginando o futuro, combinando os movimentos e as figurações da realidade com os enigmas e os deslumbramentos dos mitos. (IANNI, 2001, p.12)

A poesia de João de Jesus Paes Loureiro nos leva a viajar pelo nosso próprio mundo, pela nossa cultura, leva-nos a redescobrir o que realmente somos como indivíduos e como povo, como homens e mulheres, situados num contexto social em que as histórias e mitos são tidos como realidades; que se misturam com os costumes desse povo, com tudo o que fazem no seu dia-a-dia, o seu labor, as suas crenças, muitas vezes tidas como ingênuas por aqueles que não conhecem essa realidade e sobre isso posso falar com propriedade, uma vez que sou ribeirinha e desde criança vivo cercada dessas histórias, que eram contadas pelos meus avós e, atualmente pelos meus pais. E é claro que para eles todas as histórias, desde o boto, o curupira, o jurupari até a cobra-grande, são personagens reais. E quem sou eu para dizer que não são. Falo da minha experiência, porque quando pensei em trabalhar poemas de Jesus Paes Loureiro em sala de aula, foi por que me identifico com os temas trabalhados por ele em seus poemas, a forma como ele vê os elementos da região amazônica, como a floresta, chamada pelos ribeirinhos de mata, os rios e os seres que habitam esse espaço. E os acontecimentos ocorridos

nesses espaços são explicados através desses mitos e lendas. Assim, o homem amazônida torna-se íntimo de tudo o que constitui esse universo. E acompanha cada elemento, procurando sempre uma explicação para a existência de tudo. Poesia e mito se complementam. Assim, Paes Loureiro, em sua obra *Cultura Amazônica – uma poética do imaginário*, afirma:

O poético e o mítico sempre apresentaram constantes afinidades. Algumas vezes parecem imagens de espelhos paralelos. O mítico, muitas vezes, expressa a poética das coletividades humanas, ao relatar sua história idealizada. O poético, por seu lado, mitifica as palavras e os sentimentos, no ato de torná-los poetizados. Mítico e poético são produtos de um imaginário estetizante e, no entanto, apresentam-se como verdades aparentes ou formas de verdade, legitimadas pelo livre jogo entre imaginação e o entendimento. (LOUREIRO, 1995, p. 66)

Para João de Jesus Paes Loureiro a poesia representa a encantaria da linguagem, pois é através da linguagem metafórica que o poeta expressa o seu imaginário. Imaginário do povo amazônida, que cria e recria os mitos de sua região, com todo o seu encanto, pois uma das características marcantes desses mitos é que todos possuem como ponto crucial um ser encantado. Se formos observar, por exemplo, a lenda da cobra grande, a lenda da Vitória Régia, todas apresentam um ser encantado, alguém que só pertence ao plano espiritual. É essa crença nesse mundo encantado, seja das águas, seja da floresta, que alimenta a imaginação, o nosso imaginário coletivo. E, de certa forma, essa maneira de se ver e de se explicar as coisas através dos mitos tem uma beleza natural, sem máscaras e, talvez, seja essa relação harmônica entre mito e realidade, entre o homem e os seres sobrenaturais (para nós), é que João de Jesus chama de poética estetizante, porque para o ribeirinho, que vive nesse mundo, o que interessa é a crença. Essa intimidade com tudo o que a Amazônia significa para ele. Daí a poética receber a denominação de poética do imaginário.

Encantaria da linguagem, poética do imaginário, são expressões bem presentes nos trabalhos de João de Jesus. E, durante esta minha pesquisa, em conversas com colegas, alguns dizem que o referido autor fica muito no plano imaginário, como se a sua poesia não tivesse também uma função social, que a finalidade seria somente narrar lendas e mitos da região amazônica, mostrar o lado encantado, sem mostrar a realidade social e econômica do povo da região amazônica. Porém, acredito que não é só isso. O amazônida vive dentro de uma cultura, de costumes, de crenças, de tradições que influenciam grandemente a sua

vida social. As explicações que são encontradas para a existência dos fatos, como por exemplo, o boto que engravida a jovem, uma das lendas mais conhecidas, os dois irmãos que por um encantamento se tornaram cobras, a transformação da índia na vitória régia e a sua paixão pela lua... E assim vão surgindo os mitos.

Sobre esse mundo, tido como imaginário para nós, João de Jesus diz que:

Foi se constituindo nele uma poética do imaginário, cujo alcance intervém na complexidade das relações sociais. Veja-se dois exemplos ilustrativos: o da mãe solteira e o da mulher casada que têm um filho sem o concurso do marido. São situações que a moral reguladora local reprime, exige punição ou vingança. No entanto, se num caso ou noutro, for aceita a explicação de ser um “filho de boto”, o interdito desaparece, e o “anormal” repõe a normalidade. (LOUREIRO, 1995, p. 63)

É interessante observar aqui, que as obras de Paes Loureiro, principalmente em seus poemas, partem do conceito estético das “encantarias” – espécie de Olimpo submerso nos rios da Amazônia, onde habitam os encantados, os deuses da cultura amazônica – e da atmosfera universal que impregna toda a poesia.

As encantarias amazônicas são uma zona transcendente que existe no fundo dos rios, habitada pelas divindades encantadas que compõem a teogonia amazônica. É dessa dimensão de uma realidade mágica que emergem para a superfície dos rios e do devaneio os botos, as iaras, a boiúna, a mãe do rio, as entidades do fundo das águas e do tempo. Penso que representam o maravilhoso do rio, equivalente à poetização da história promovida pelo maravilhoso épico. Esses prodígios poetizam os rios, os relatos míticos, o imaginário, a paisagem – que é a natureza convertida em cultura e sentimento. Sentimento que alimenta a vida do amazônida, que vive na zona rural, que viaja pelos rios, que pesca, que tira da floresta o seu próprio sustento.

O suporte material da poesia é o poema. E o poema é uma construção de palavras, de palavras articuladas em linguagem e convertidas em signos. E sabendo que o poema de Paes Loureiro apresenta em seu íntimo a natureza, convertida em cultura e sentimento do povo amazônida, é que passamos a falar um pouco sobre os poemas do autor. O objetivo, aqui, não é fazer uma análise profunda desses poemas, mas levá-los ao conhecimento dos alunos para que eles percebam que esses poemas têm a ver com a nossa realidade, com as nossas crenças, com os nossos costumes, com a nossa cultura. E se esses alunos não

possuem nenhum conhecimento sobre isso, precisamos mediar para que passem a conhecer.

A Poesia de Thiago de Mello

Thiago de Mello é um dos raros poetas em quem a vida e a obra se expressam e se confundem. Um autor que, em seus poemas, faz uma reflexão sobre o existencialismo, sobre o ser humano de modo geral, suas angústias, suas atitudes; tudo dentro de um contexto social vivido pelo próprio autor. Acredito que as pessoas que têm a oportunidade de ler Thiago de Mello têm a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a vida, sobre o modo de viver e de agir do ser humano, característica universal que faz o seu poema ir além do regional, porque trata de temas universais. Para o autor, na literatura, o ser humano encontra um meio para expressar seus anseios, sofrimentos e esperanças.

Já na introdução da obra “A floresta vê o homem”, de Thiago de Mello, Tenório Telles afirma sobre o autor:

A poesia de Thiago de Mello é uma evidência dos compromissos do escritor com os dramas e os desafios de seu tempo. Thiago é um daqueles raros poetas em quem a vida e a obra se expressam, entrelaçam-se, formando um todo orgânico. Seus livros são quadros evocativos de seu itinerário poético-existencial. (TELLES, 2006, p. 21)

A produção poética de Thiago de Mello é resultante dos conflitos ocorridos em fins da Segunda Guerra Mundial. Seu primeiro livro foi Silêncio e Palavra, publicado em 1951, com apenas vinte e seis anos de idade, o que conquistou o reconhecimento do povo.

Dando sequência, cito aqui outras obras que fazem parte do acervo do autor: Narciso Cego, publicado em 1952; um artigo denominado “Artigo I dos Estatutos do Homem, em 1964; Faz Escuro, mas Eu Canto, em 1966, todas abordando temas que envolvem a busca do ser humano por um mundo melhor, com mais liberdade, com mais vontade, uma utopia que faz parte do ser humano, de qualquer um de nós que procura o equilíbrio da humanidade. É utópico porque pela nossa experiência de vida, jamais teremos um equilíbrio, uma sociedade onde todos vivam sem guerras e que os nossos direitos sejam respeitados, e a nossa liberdade de expressão não seja tolhida. Mas pensar ao contrário, seria deixar de sonhar. E a utopia, para

Thiago de Mello, não é apenas se acomodar e ficar pensando na mudança, é fazer com que o leitor pare e pense nas suas atitudes e o que cada um de nós está fazendo para buscar esse equilíbrio. Ainda sobre a poética de Thiago de Mello, Tenório Telles afirma:

Apesar dos caminhos e descaminhos vividos pela humanidade, da violência e da barbárie que nos ameaça, a vida não se perdeu porque a esperança ainda regurgita na consciência dos homens – facho de luz que ilumina-lhe os passos e os sonhos. A poesia de Thiago de Mello é afirmativa de sua fé num destino mais generoso e solidário para a civilização... Por vivermos neste tempo de morte, de almas fraturadas e de banalização do mal, sua mensagem torna-se urgente e imperativa, o que evidencia sua função libertadora e sua universalidade. Até porque, o sonho de dias radiosos e felizes, acalentado ao longo do tempo, ainda não se cumpriu – mas ainda assim o ser humano continua tecendo sua tapeçaria de sonhos (TELLES, 2006 p. 23-24)

Está claro que a poesia de Thiago de Mello é um convite à reflexão do ser humano, é uma forma que o autor encontrou para dizer que a humanidade ainda pode ser melhorada, ainda pode haver paz, ainda pode haver mais humanidade entre as pessoas. E acredito que é muito mais difícil interferir na atitude das pessoas, falando de forma direta do que dando a oportunidade para que ela faça uma reflexão, uma autoavaliação das suas atitudes enquanto ser humano e, conseqüentemente, responsável pelas transformações do meio em que vive. E a literatura tem esse poder, e aqui, mais especificamente, a poesia, e a poesia de Thiago de Mello nos presenteia com essas reflexões.

Ao falar de Paes Loureiro, justifiquei a minha a minha afinidade com o poeta. E com Thiago de Mello também não foi diferente, pois refletir sobre a existência do ser humano, infelizmente ainda é uma tarefa dos filósofos e poetas. Não que os outros não o façam. Mas um ser humano qualquer anda muito ocupado para fazer isso. Então deixam essas reflexões para quem não faz muita coisa, apenas pensa e escreve. Que bom! Então o poeta pensa e pensa muito. Graças ele, conhecemos poemas grandiosos de Thiago de Mello, poemas que retratam a minha vida, a vida de qualquer ser humano.

A Poesia de Paulo Nunes

Falar sobre Paulo Nunes é dialogar também com suas obras. O que não o torna um poeta complexo, mas uma poeta prático e múltiplo, que a través de suas

obras, conta a sua história, relata as suas lembranças, faz questão de retratar o local onde nasceu e viveu, de uma forma prazerosa ao leitor, sem deixar de se desvincular do universal.

“Paulo Jorge Martins Nunes, ou simplesmente Paulo Nunes, vive pendurado, feito uma aranha aprendiz, no fio da palavra; ora é professor, ora poeta” (Cruz, 2014). Sendo professor, a preocupação com a educação literária é uma das suas características marcantes, uma vez que a leitura ainda é uma das formas de educar o aluno. E se tratando de leitura literária, mais ainda; uma vez que foi através dos poemas que Paulo Nunes encontrou uma forma de enriquecer mais esse aprendizado, o que o torna um dos mais conhecidos escritores de expressão amazônica. Embora Nunes não seja considerado como pertencente ao cânone literário nacional, podemos dizer que o Pará está bem representado com poetas autores de obras literárias possuidoras de uma grande literariedade. Assim afirma Nathalia Cruz, em seu artigo:

Quanto ao processo criativo e a opção da modalidade de gênero, a escritura de Paulo Nunes passeia do conto ao poema, do infantil e juvenil ao erótico, do didático ao literário. Muito embora sua obra mais expressiva pertença à chamada literatura infantil, dada à complexidade e sutileza poética do fazer literário do escritor, ela não pode ser categorizada ou rotulada, recomendável para esta ou aquela faixa etária, como acontece nos catálogos das editoras devido à formatação e/ou edição dos textos. Não obstante alguns autores “recebam o rótulo de infantis, não escrevem intencionalmente para o público de faixa etária menor, mas são lidos com muito gosto por tal público e com prazer estético por adultos, dotados de fina sensibilidade e discernimento, para reconhecerem a arte na elaboração da obra” grifo da autora). Para os textos literários não existem fronteiras, são as linhas tênues da sensibilidade do leitor que delinham seu terreno. (CRUZ, 2014)

Paulo Nunes revela um ser múltiplo. Dessa forma, não poderíamos considerá-lo como um autor que escreve sobre um tema definido ou para um público em particular, como já foi mencionado anteriormente. O que se percebe, em Paulo Nunes, é manter a preocupação, manter vivas as lembranças e as memórias das raízes culturais da Amazônia, levando em consideração os mitos, os costumes, os motivos e os temas que ultrapassam as fronteiras do concreto e “mergulham no maravilhoso da imaginação simbólica” (cruz, 2014). E é tendo como ponto de partida essa imaginação simbólica, que para a proposta metodológica, achei interessante trazer para a sala de aula, poemas contidos na obra Banho de chuva (considerada pela crítica como literatura infantil).

CAPÍTULO 3: PROPOSTA METODOLÓGICA: AMAZÔNIA EM VERSOS: LEITURA DE POEMAS EM SALA DE AULA, COMO UM INCENTIVO À VALORIZAÇÃO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE POETAS AMAZÔNICOS.

3.1. APRESENTAÇÃO.

A leitura, sem dúvida ainda é uma das formas mais eficazes de enriquecer o conhecimento do ser humano e assim, contribuir para que ele mude as suas atitudes e compreenda com mais nitidez o mundo que o cerca. E esse mundo está relacionado, principalmente à sua cultura, aos seus costumes e, com todos os acontecimentos que fazem parte do seu dia a dia, e que, na maioria das vezes, não é percebido, e se não é percebido, não é valorizado.

Pensando nisso é que elaboramos a proposta metodológica **Amazônia em versos: Leitura de poemas em sala de aula, como um incentivo a valorização da produção literária de poetas amazônicos.** A referida proposta é uma sugestão direcionada aos professores de Língua Portuguesa que trabalham com as séries finais do ensino fundamental, 6º ao 9º ano, e servirá de subsídio para trabalhar a leitura de poemas de autores amazônicos, que nesta proposta apresenta com/o sugestão os poetas: João de Jesus Paes Loureiro, Thiago de Mello e Paulo Nunes. Assim, o objetivo principal desta proposta é criar possibilidades para que o aluno do ensino fundamental possa desenvolver o hábito da leitura, acompanhado da produção oral e escrita a partir de textos poéticos, mais especificamente de poemas de autores amazônicos, podendo, com isso, ampliar o conhecimento sobre esses poetas.

Este material pedagógico é o resultado de uma pesquisa bibliográfica, seguida de reflexão, não apenas dos autores em questão e seus poemas, mas achamos de grande importância, abordar desde as concepções de literatura, leitura e literatura de expressão amazônica até chegarmos à seleção dos poemas que serão lidos e que devem ser analisados de acordo com as limitações dos alunos. E afirmo isso por saber da realidade da maioria dos alunos, com deficiência na leitura e na escrita. Os poemas são estes: Paisagem com boiuna e Contemplação do rio, de João de Jesus Paes Loureiro, Como um rio e os barcos, de Thiago de Mello, Chuvisco e Garrafeiro, de Paulo Nunes.

Ressalto aqui, que o objetivo principal não é levar o aluno a produzir poemas, mas, proporcionar condições para que ele tenha uma visão mais amadurecida sobre a importância da leitura de poemas, tendo, como ponto de partida, a leitura de autores da região amazônica, identificando nessas obras a presença do seu cotidiano, da vida do caboclo da Amazônia, a reflexão que esses poetas fazem sobre a cultura Amazônica. Acredito que percebendo esses aspectos, o aluno iniciante no ensino fundamental II terá condições de ler, interpretar e produzir textos com mais criticidade, pois a maioria desses alunos só conhece, e quando conhece, muito superficialmente, poemas de autores de outras regiões, os que lhes são apresentados no livro didático, quando os são.

Sabemos que este material é simples, mas é de grande contribuição para o professor e, automaticamente, para o aluno do ensino fundamental II, que terá a oportunidade de começar a conhecer os poetas de região amazônica; assim como o professor, que terá mais um motivo para aprofundar os seus conhecimentos sobre a literatura de expressão amazônica, que até então só é vista na universidade. Porém, os procedimentos utilizados a seguir para a leitura de poemas dos poetas amazônicos em sala de aula são apenas sugestões e poderão ser modificados de acordo com a realidade do professor.

CADERNO PEDAGÓGICO



João de Jesus Paes Loureiro

Amazônia em versos



Paulo Nunes



Thiago de Mello

Leitura de poemas em sala de aula, como um incentivo à valorização da produção literária de poetas amazônicos.



PROFLETRAS



Maria Ivanilce Silva da Mota

Capa, Diagramação e Ilustração:



**AMAZÔNIA EM VERSOS:
LEITURA DE POEMAS EM SALA DE AULA, COMO UM INCENTIVO À VALORIZAÇÃO
E A PRODUÇÃO LITERÁRIA DE POETAS AMAZÔNICOS.**

2018

Caro Professor,

Estamos compartilhando como você, um material pedagógico que o ajudará no desenvolvimento da leitura e produção oral e escrita dos alunos, assim como proporcionará um conhecimento maior sobre produções poéticas da região amazônica, pois, durante o meu exercício enquanto professora de Língua Portuguesa, é visível a ausência de obras de autores da região Amazônica em sala de aula, principalmente no ensino fundamental, que é a base, momento crucial para a formação do leitor.

Todavia, é importante que o professor mediador adquira cada vez mais conhecimentos, que ele possa ir em busca de informações, de pesquisas que engrandecem cada vez mais este trabalho, pois este material é o resultado de uma pesquisa bibliográfica, em que autores contribuem com os seus pontos de vista, nos dando um norte para realizarmos a prática em sala de aula. E a aplicação desta proposta em sala de aula confirma o que já se percebe no dia a dia quando se trata de leitura.

A situação das nossas escolas daqui da região amazônica não é uma das melhores, assim como a situação da maioria das escolas do país. Mas não é por isso que vamos nos acomodar. Se queremos um público leitor mais eficiente, precisamos proporcionar aos nossos alunos esses momentos, e nada melhor do que começar pelos poemas de autores de nossa região.

O que lembramos aqui é que a proposta metodológica apresentada é apenas uma sugestão; o professor tem autonomia para adequá-la de acordo com a sua realidade. Precisamos ler, entender, socializar e produzir e fazer com que tudo isso nos ajude na nossa formação enquanto seres humanos, enquanto cidadãos. E partir da leitura de produções de autores da nossa região é mais gratificante ainda. Bom trabalho!

A poesia pode ajudar a romper o modo convencional de perceber e de julgar. E faz ver às pessoas o mundo com olhos novos ou descobrir novos aspectos deste. De quando em quando, ela pode dar-nos uma consciência mais ampla dos sentimentos profundos, ignotos, que formam o substrato do nosso ser, ao qual bem raramente acedemos; porque a nossa vida é, em geral, uma contínua evasão de nós mesmos e do mundo visível e sensível.

T.S. Eliot

SUMÁRIO

1.	RODA DE CONVERSA (INTRODUÇÃO SOBRE POEMA E POESIA).....	6
2.	CONHECENDO OS POETAS JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO, THIAGO DE MELLO E PAULO NUNES.....	8
3.	LEITURA DOS POEMAS.....	9
3.1	LEITURA DO POEMA DE JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO: “PAISAGEM COM BOIUNA”.....	10
3.2	. LEITURA DO 2º POEMA DE JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO: “CONTEMPLAÇÃO DO RIO”	14
3.3	LEITURA DO POEMA DE THIAGO DE MELO: “A LIÇÃO DO RIO”.....	19
3.4	. LEITURA DO POEMA DE THIAGO DE MELLO: “OS BARCOS”.....	22
3.5	LEITURA DO POEMA DE PAULO NUNES: “CHUVISCO”.....	25
3.6	LEITURA DO POEMA DE PAULO NUNES: “GARRAFEIRO”.....	29
4.	FINALIZANDO.....	33
5.	AVALIAÇÃO.....	33

1. RODA DE CONVERSA (motivação) – introdução sobre poema e poesia.

Tempo de atividade: 5 aulas de 45 minutos.

OBJETIVOS:

- ✓ Levar os alunos a identificarem o que é poema;
- ✓ Apontar a diferença entre poema e poesia;
- ✓ Perceber a linguagem diferenciada entre poemas e outros gêneros textuais;
- ✓ Entender a importância de se trabalhar poemas em sala de aula, valorizar o poema em sala de aula;
- ✓ Levar o aluno a ler e, a partir da leitura, compreender e interpretar textos;
- ✓ Praticar o exercício da oralidade, compartilhando o seu entendimento sobre o que leu;
- ✓ Entender a importância de se trabalhar poemas de autores amazônicos em sala de aula;
- ✓ Trabalhar esse gênero textual em sala de aula, voltando-se para os poetas da região amazônica, estimulando os alunos a participarem;

MATERIAL DIDÁTICO:

- ✓ O caderno do professor.
- ✓ Caderno de atividades do aluno.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- ✓ Atividade de sondagem com objetivo de verificar a concepção que os alunos têm a respeito de poema e poesia. Para isso, poderão ser distribuídos aos alunos uma variedade de gêneros textuais, entre eles alguns poemas, com e sem rimas, em versos e em prosa, para que os alunos possam identificar os poemas entre esses textos.

Para a amostragem, em sala de aula, esta primeira etapa foi realizada da seguinte forma:

- ✓ Apresentamos 11 textos aos alunos, incluindo poemas e outros gêneros. Os textos apresentados (já impressos) foram os seguintes: receita culinária, texto informativo, lenda, carta, mensagem para as mães, poemas, entre os quais destaque: *Paisagem com Boiúna*, de João de Jesus Paes Loureiro e *Chuvisco*, de Paulo Nunes;
- ✓ Após a distribuição dessa variedade de textos, o professor deverá solicitar aos alunos que façam a leitura silenciosa desses textos. Em seguida, pedir que identifiquem quais desses textos são classificados como poemas, e que critérios utilizaram para fazer essa identificação;

Para ajudar nessa identificação, poderão ser feitos os seguintes questionamentos:

- ✓ Dos textos que leram, quais deles consideram poemas? Por quê?
- ✓ Quais você diz que são poesias? Por quê?
- ✓ E os outros textos? Como vocês os classificariam?
- ✓ Existe diferença entre poema e poesia? O que acham?

COMENTÁRIO DO PROFESSOR: momento em que o professor faz os comentários, contribuindo com a fala dos alunos e fazendo os devidos esclarecimentos sobre poema e poesia, assim como a linguagem metafórica e sentido conotativo, que são características marcantes do poema.

Após o comentário e esclarecimento sobre o conceito de poesia e a diferença entre poema e poesia, será averiguado o conhecimento dos alunos sobre os poetas, primeiramente de modo geral, assim como a presença de poemas nos livros didáticos, até se chegar aos poetas da região Amazônica. Para isso, poderão ser feitos alguns questionamentos, como por exemplo:

- ✓ Você lembra do nome de poetas que aparecem nos livros didáticos ou em outros livros?
- ✓ Já leu alguns dos poemas desses poetas? Qual ou quais leu?
- ✓ Dentre esses, tem algum que é daqui da região amazônica?

- ✓ Você conhece poetas daqui da nossa região? Ou daqui da sua cidade? Quem são esses poetas?
- ✓ Você acha importante conhecermos esses poetas e suas obras? Por quê?

COMENTÁRIO DO PROFESSOR: a partir das respostas dos alunos, o professor dará continuidade, justificando a escolha do gênero poema e a importância de se conhecer poetas dessa região.

Observação: o professor deverá enfatizar, que o objetivo aqui não é de se isolar e querer apenas que se valorize poemas de autores amazônicos, mas é saber que as obras desses poetas podem também fazer parte dos conteúdos que são trabalhados em sala de aula.

2. CONHECENDO OS POETAS AMAZÔNICOS: Neste momento, o professor fará uma breve exposição sobre os poetas que serão trabalhados: **João de Jesus Paes Loureiro, Thiago de Mello e Paulo Nunes.**

Tempo de atividade: 3 aulas de 45 minutos.

OBJETIVOS:

- ✓ Conhecer um pouco sobre os poetas autores dos poemas que serão estudados;
- ✓ Conhecer os temas abordados nos poemas desses autores;
- ✓ Perceber a importância de se valorizar mais os poetas da região amazônica;
- ✓ Entender que esses poetas tratam de temas relacionados não apenas da nossa região, mas que vão mais além, tornando-se universal;
- ✓ Compreender que, estudar os poetas da região amazônica não significa fechar-se num mundo individual e deixar de valorizar os outros, mas permitir que aqueles também façam parte das nossas leituras;
- ✓ Conhecer um pouco sobre a vida, obra e temas abordados nos poemas de João de Jesus Paes Loureiro, o que ajudará na leitura dos poemas desse autor;

- ✓ Conhecer um pouco sobre a vida, obra e temas abordados nos poemas de Thiago de Melo, o que ajudará na leitura dos poemas desse autor;
- ✓ Conhecer um pouco sobre a vida, obra e temas abordados nos poemas de Paulo Nunes, o que ajudará na leitura dos poemas desse autor.

MATERIAL DIDÁTICO:

- ✓ Caderno do professor
- ✓ Caderno do aluno

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- ✓ Com o caderno de atividade em mãos, os alunos farão, individualmente, a leitura silenciosa da breve biografia do autor João de Jesus Paes Loureiro.
- ✓ Após essa leitura, o comentário do professor, que fará as considerações sobre o autor, respondendo possíveis questionamentos dos alunos.
- ✓ Leitura silenciosa da biografia de Thiago de Melo, seguido do comentário do professor.
- ✓ Leitura silenciosa da biografia de Paulo Nunes, seguido do comentário do professor.

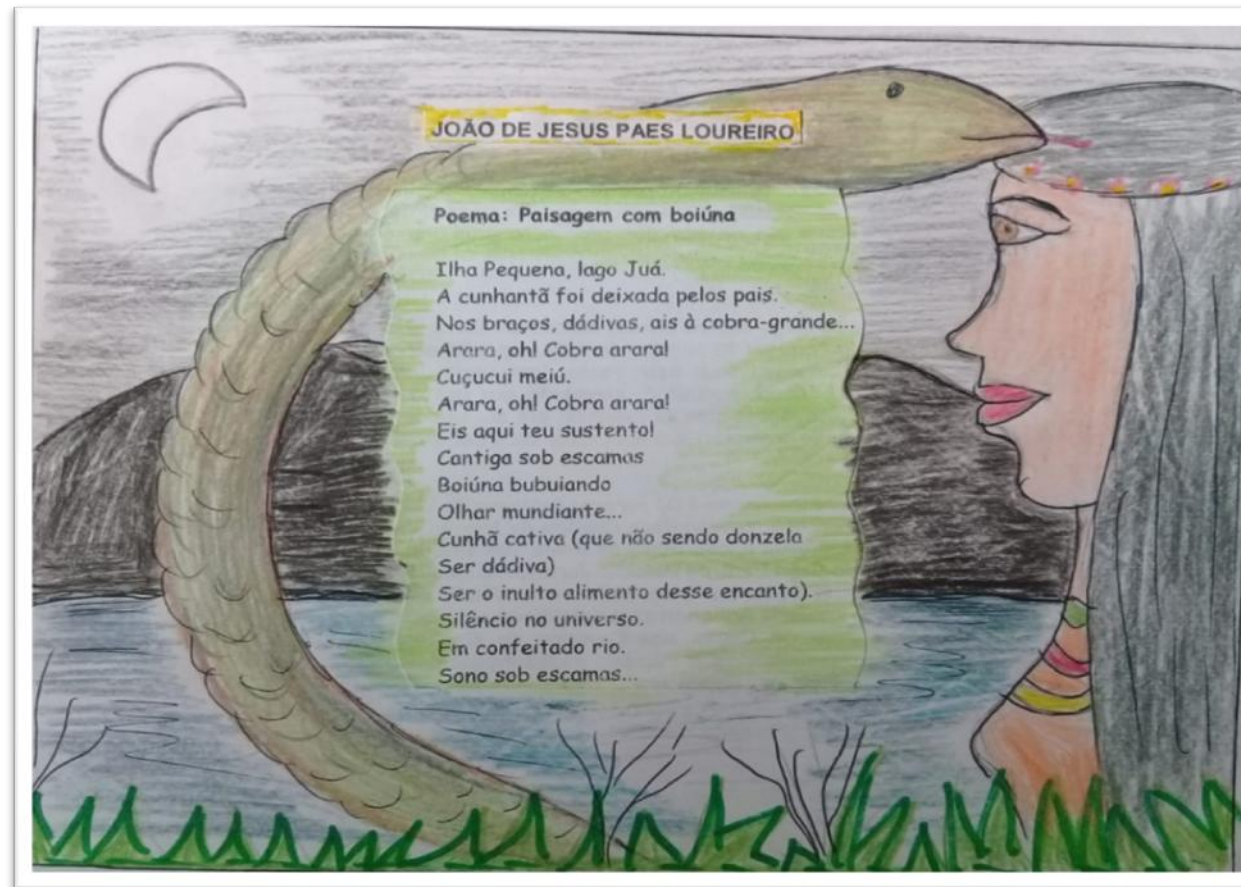
COMENTÁRIO DO PROFESSOR:

3. LEITURA DOS POEMAS: este terceiro momento é dividido em pequenas etapas, como veremos a seguir e se repetirá até que seja feita a leitura de todos os poemas propostos.

Tempo de atividade: 2 aulas de 45 minutos.

3.1 JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO

Este terceiro momento inicia com a leitura dos poemas de João de Jesus Paes Loureiro. Mas, de acordo com o professor, poderia iniciar com a leitura de qualquer um dos poetas. Neste caso, será feita a leitura de apenas de dois poemas: “Paisagem com boiúna” e “Contemplação do rio”.



OJETIVOS:

- ✓ A partir da leitura, o aluno poderá perceber nos poemas de João de Jesus Paes Loureiro, a presença de elementos; que fazem parte do dia a dia desse aluno;
- ✓ Levar os alunos a fazerem a relação do poema com as lendas contadas na região amazônica;
- ✓ Perceber a presença do universal nos poemas de João de Jesus Paes Loureiro;
- ✓ Conhecer e valorizar os poemas do autor;

MATERIAL DIDÁTICO:

- ✓ Caderno do professor
- ✓ Caderno de atividades do aluno

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- ✓ **Leitura silenciosa, ou leitura de reconhecimento**, momento em que o aluno poderá fazer a leitura do poema, individualmente, de preferência, mais de uma vez.
- ✓ **Leitura expressiva feita pela professora**: a professora faz a leitura em voz alta para que o aluno perceba que a leitura de poemas, principalmente se estes forem estruturados em versos, merece maior cuidado, especialmente na entonação da voz. Após a leitura, é necessário proporcionar aos alunos um momento de escuta para que eles possam também perceber a sonoridade, a diferença da leitura entre um poema e outros gêneros textuais. E, além disso, o professor é que conhece bem o texto, tendo condições de ler com qualidade.
- ✓ **Leitura expressiva feita pelos alunos** – agora é a vez do aluno, que fará a leitura em voz alta, podendo ser compartilhada, de forma coletiva ou não, pois levamos em consideração que nem todos os alunos gostam de ler em voz alta. É importante deixá-lo à vontade para que ele se expresse. Mas é necessário que o professor incentive o aluno a participar.

INTERPRETAÇÃO.

Tempo de atividade: 3 aulas de 45 minutos.

Para este momento, a leitura será feita por etapas ou pequenos momentos, seguida dos comentários dos alunos e do professor. Para a realização desse processo de leitura, temos:

- ✓ **Socialização da leitura compreensiva:** Momento em que o aluno irá compartilhar com a turma o seu entendimento sobre o poema. Esta leitura começa com a **leitura de superfície**, depois, a **leitura inferencial** e, por último, a **leitura interpretativa**.
- ✓ **Leitura de superfície:** expressão utilizada por Ferrarezi Jr e Carvalho (2017), em que a leitura corresponde a um nível mais elementar, é a leitura compreensiva, caracterizada pela possibilidade de entender somente o superficial, sem aprofundamento, é se familiarizar com o que se está lendo.

Para início de conversa poderíamos perguntar se gostaram do texto e por que gostaram? Já conheciam esse poema? Que personagens bem conhecidas nas lendas daqui da região aparecem nesse poema? Você conhece histórias que tratam sobre cobra-grande? Que histórias mais você conhece com personagens dessa natureza? É um momento em que se deve motivar os alunos a se expressarem.

- ✓ **Leitura inferencial:** momento em que o aluno deverá ser capaz de inferir o sentido de uma palavra contextualmente, o que o conduzirá a um entendimento maior. Essa já é uma prática conhecida no ambiente de sala de aula e se tem observado que muitas vezes o aluno não consegue resolver questões diversas só pelo fato de não conhecer determinado vocábulo, o que acaba prejudicando parte da sua compreensão.

Nesse caso, se leva em consideração, principalmente, o contexto em que determinada palavra está sendo utilizada.

Para direcionar a discussão, propor alguns questionamentos, como:

- ✓ Quem é boiúna, que aparece no título do poema?

- ✓ O que é paisagem?
- ✓ Qual o significado da palavra paisagem no poema?
- ✓ Que elementos do poema você conhece? Comente.
- ✓ Que expressões do poema você sabe o significado?
- ✓ Que expressões ou palavras você não tem noção do que significam?

A partir de agora o aluno já tem mais conhecimento da leitura que fez. Dessa forma, ele começa a adquirir melhores condições para a interpretação do que leu. Assim, passamos para outro momento, o da leitura interpretativa.

Observação: Vale lembrar aqui, que essas etapas, dependendo do nível de leitura dos alunos, o resultado será bem diferente. Assim como a turma pode desconhecer muitas palavras ou expressões, poderemos ter turmas ou alunos que não terão nenhuma dificuldade em fazer a leitura.

Interpretação/Debate – leitura interpretativa. Proporcionar um momento de debate, em que um aluno poderá tecer comentários, dar opiniões, concordar ou discordar da opinião do colega, tanto que haja uma justificativa.

Para direcionar esta discussão, deverão ser lançadas perguntas, como por exemplo:

- ✓ Em se tratando de mitos e lendas. O que são mitos? O que são lendas? Por que é importante conhecê-las?
- ✓ É importante que neste momento se faça uma abordagem sobre mitos e lendas, uma vez que o que temos nesse poema é uma espécie de narrativa, a história da cobra-grande, as ações desenvolvidas nessa narrativa/poema.
- ✓ Por que será que o poeta colocou esse título no poema?
- ✓ Você acha que os elementos, como por exemplo, cunhantã, cobra-grande, rio, lago, escama, encanto, que aparecem no poema, têm relação com a nossa região e com a realidade do povo ribeirinho? Justifique.
- ✓ Em se tratando de mitos e lendas, o que são mitos? O que são lendas?

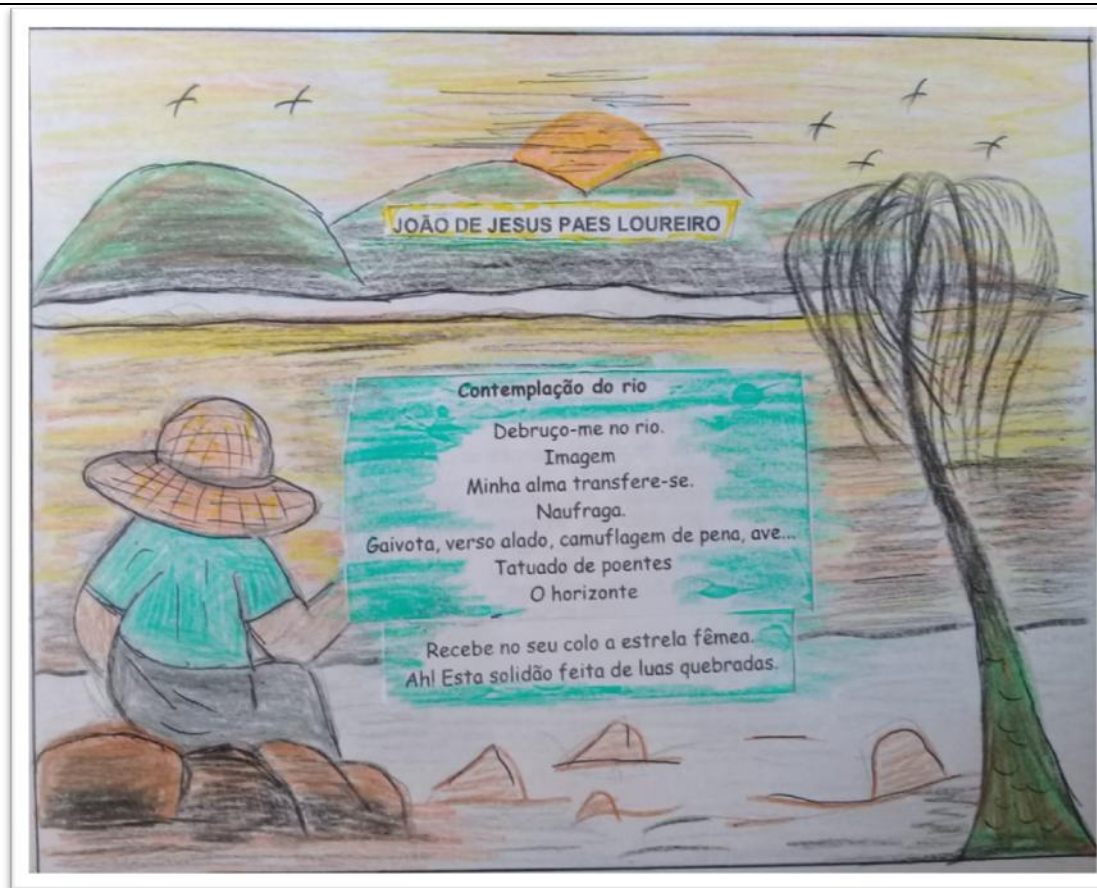
- ✓ Por que são muito usados em nossa região?
- ✓ Sobre a linguagem utilizada no poema, você achou fácil, difícil ou muito difícil? Justifique.
- ✓ Que reflexão poderíamos fazer a partir dessa leitura? Se pararmos para pensar sobre a Amazônia e suas histórias, esse poema retrata acontecimentos contados pelo povo da região amazônica?
- ✓ Na sua opinião, essas histórias devem ser preservadas, devem continuar existindo ou devem ser esquecidas e tidas apenas com histórias do passado? Por quê?

Observação: Estimular o aluno a argumentar (perguntas que o levem a perceber que o que está nos poemas são características do seu lugar: os animais, os costumes, a mitologia, a fauna, a flora, os aspectos semânticos e linguísticos peculiares da Amazônia)

COMENTÁRIO DO PROFESSOR

3.2 LEITURA DO 2º POEMA DE JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO: PAISAGEM COM BOIUNA.

Tempo de atividade: 2 aulas de 45 minutos



OBJETIVOS:

- ✓ Fazer a leitura do poema “Contemplação do rio”;
- ✓ Perceber a simbologia do rio no poema em questão;
- ✓ Relacionar este poema com o primeiro, levando em consideração os elementos que os compõem: água, rio, cobra, lagos, pássaros etc.

- ✓ Perceber a grande importância que os elementos da natureza têm para os ribeirinhos, e isso é bem presente nos poemas de Paes Loureiro;
- ✓ Entender o sentido metafórico, a linguagem conotativa presente no poema;
- ✓ Exercitar a oralidade;
- ✓ Exercitar a argumentação.

MATERIAL:

- ✓ Caderno do professor.
- ✓ Caderno de atividades do aluno.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

Com o caderno de atividades em mãos, os alunos farão a leitura dos poemas, de acordo com as seguintes etapas, que já foram mencionadas e explicadas anteriormente:

- ✓ Leitura silenciosa.
- ✓ Leitura expressiva feita pela professora.
- ✓ Leitura expressiva feita pelos alunos

INTERPRETAÇÃO: Para esta etapa, começamos pela leitura compreensiva, que compreende as leituras de **superfície**, **inferencial** e **interpretativa**.

Tempo de atividade: 3 aulas de 45 minutos.

Socialização da leitura de superfície: a partir do que foi comentado sobre a leitura de superfície, podemos primeiro perguntar aos alunos: Gostaram ou não desse poema? Acharam difícil fazer a leitura? Conseguiram entender? De maneira geral, de que trata o poema? Deixar que comentem sobre isso, lembrando que devemos ouvir as suas justificativas, a sinceridade deles com relação ao texto lido, uma vez que uns podem gostar e outros não.

Socialização da leitura inferencial:

Já na leitura de inferência, fazer alguns questionamentos, como:

- ✓ Qual o significado de contemplação, no título do texto?
- ✓ Que elementos do poema você conhece, sabe o que é?
- ✓ Que expressões do poema você sabe o significado?
- ✓ Que expressões ou palavras você não tem noção do que significam?

Socialização da leitura interpretativa:

Para este momento, poderíamos iniciar com os seguintes questionamentos:

- ✓ O que você consegue compreender com o título do poema?
- ✓ Qual o significado de “Debruçar-se”? de “naufragar”; de “colo”; de “estrela fêmea”? de “Luas quebradas”?
- ✓ Esse poema tem relação com o dia-a-dia do amazônida? Como você explica essa relação?
- ✓ Será que hoje em dia as pessoas ainda contemplam o rio, assim como aparece no poema?
- ✓ Será que contemplar é suficiente para demonstrarmos a nossa admiração pela natureza, por essa região amazônica? Justifique.
- ✓ Você observa relação entre este e o primeiro poema? Qual é essa relação?

COMENTÁRIO DO PROFESSOR**PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA**

Tempo de atividade: 3 aulas de 45 minutos

OBJETIVOS:

- ✓ Produzir textos a partir do entendimento da leitura do poema;
- ✓ Exercitar a argumentação, atentando para a coesão e coerência nas produções textuais;

- ✓ Perceber a diferença entre a produção oral e a escrita;
- ✓ Fixar o entendimento sobre o que foi lido;
- ✓ Trabalhar as questões ortográficas e de pontuação a partir do texto produzido sobre o entendimento do poema lido.

MATERIAL DIDÁTICO:

- ✓ Caderno do professor.
- ✓ Caderno de atividades do aluno.
- ✓ Folhas de papel com pauta para produção dos textos

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- ✓ Produção escrita será feita ao final do estudo dos poemas de cada um dos autores, momento em que o aluno irá:
- ✓ Selecionar somente um dos poemas para a produção escrita, lembrando que o que ele irá fazer é transformar a sua produção oral em texto escrito.
- ✓ O professor irá, no decorrer da produção dos alunos, olhar os textos à medida em que eles vão produzindo, e colocar as observações necessárias para ajudar na produção textual.

SOCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA.

Tempo de atividade: 2 aulas de 45 minutos

OBJETIVOS:

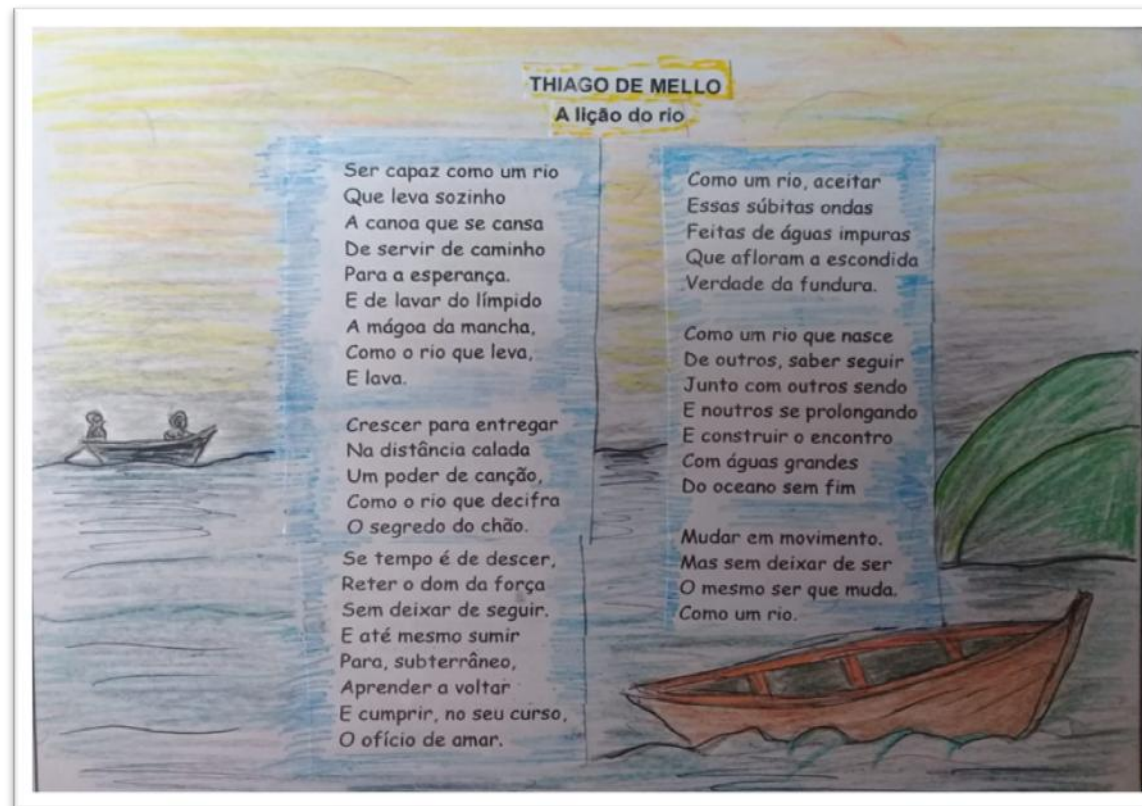
- ✓ Exercitar a leitura expressiva;
- ✓ Compartilhar o seu entendimento sobre o poema lido;
- ✓ Demonstrar a diferença entre a oralidade e a escrita, o que vai ser percebido durante a leitura do texto, uma vez que o que ele está fazendo, é apenas transformando a oralidade em texto escrito.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- ✓ Leitura da produção textual escrita feita pelos alunos. Após o término de cada atividade, o professor fará uma roda de leitura dos textos produzidos. Para a amostragem desta proposta, todos os alunos devem entregar suas produções, mas apenas alguns serão lidos. Fica, então, a critério do professor.

3.3 LEITURA DO POEMA: “A LIÇÃO DO RIO”, DE THIAGO DE MELLO.

Tempo de atividade: 2 aulas de 45 minutos



OBJETIVOS:

- ✓ Fazer a leitura dos poemas de Thiago de Mello;
- ✓ Perceber a temática abordada nos poemas de Thiago de Mello;
- ✓ Relacionar o poema lido com os elementos do cotidiano do amazônida;
- ✓ Entender que o tema retratado no poema não reflete apenas o ambiente do homem da região amazônica, mas a vida do ser humano em geral;
- ✓ Perceber a simbologia do rio e das águas presentes no poema em questão;
- ✓ Perceber a linguagem metafórica, a comparação presente no poema;

MATERIAL DIDÁTICO:

- ✓ Caderno do professor.
- ✓ Caderno de atividades dos alunos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- ✓ Leitura silenciosa.
- ✓ Leitura expressiva feita pela professora
- ✓ Leitura expressiva feita pelos alunos

INTERPRETAÇÃO: Para esta etapa, começamos pela leitura compreensiva, que compreende as leituras de **superfície, inferencial e interpretativa.**

Tempo de atividade: 3 aulas de 45 minutos

A partir do que foi comentado sobre a **leitura de superfície**, inicialmente, podemos perguntar aos alunos: Gostaram ou não desse poema? Acharam difícil fazer a leitura? Conseguiram entender alguma coisa? De maneira geral, de que trata o poema? Esse poema tem relação com os poemas anteriores? Deixar que comentem sobre isso, lembrando que devemos ouvir as suas justificativas, a sinceridade deles com relação ao texto lido, uma vez que uns podem gostar e outros não.

Socialização da leitura inferencial.

Já na leitura de inferência, fazer alguns questionamentos, como:

- ✓ Iniciando com o título do poema: O que significa a palavra lição?
- ✓ Que elementos do poema você conhece? Sabe o significado?
- ✓ Que palavras ou expressões você não sabe o que significa?
- ✓ É importante lembrar que, durante essa socialização da leitura inferencial, poderão surgir outros questionamentos, outras dúvidas, e que o professor deverá esclarecer de acordo com o contexto.

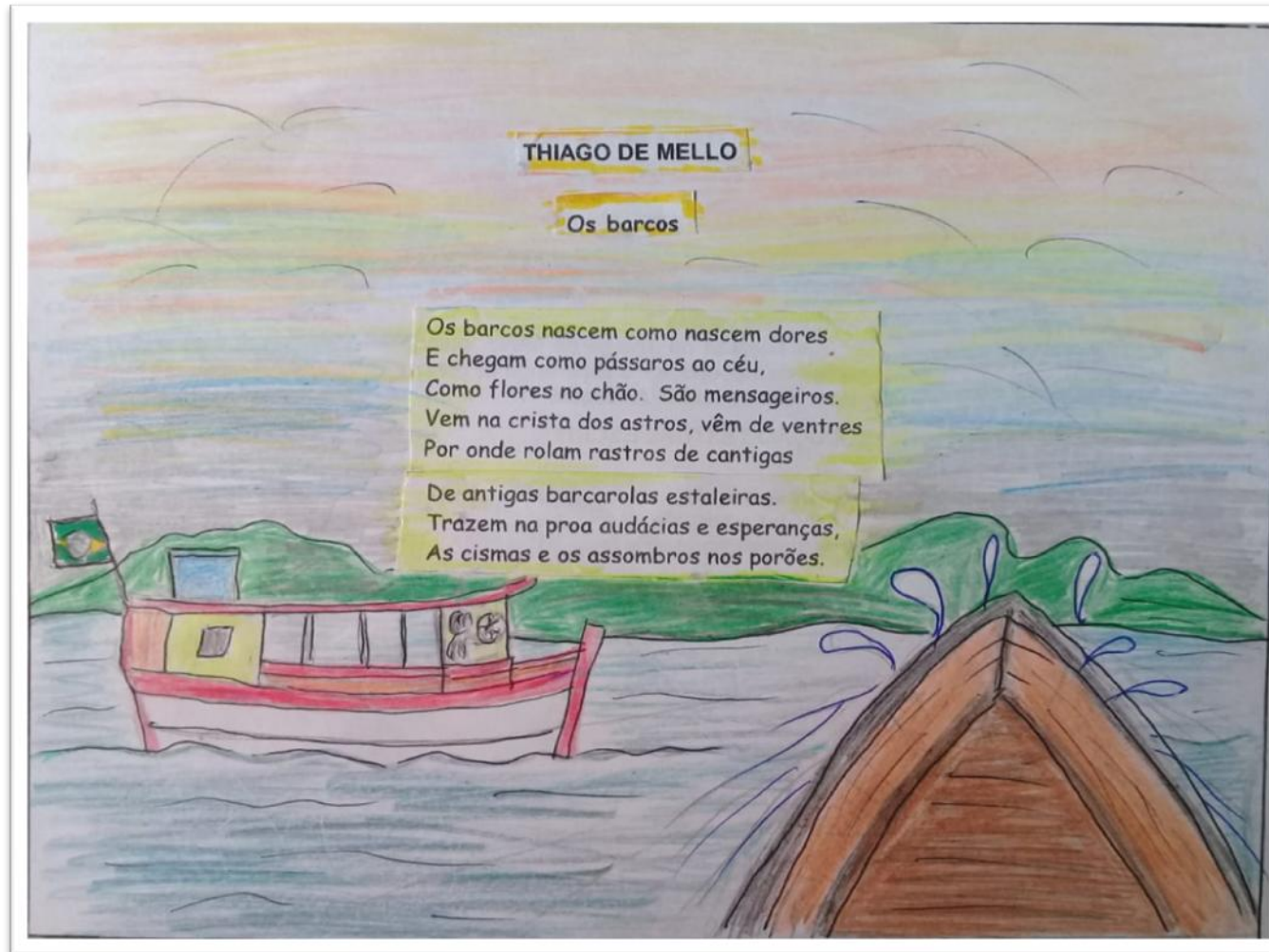
Socialização da leitura interpretativa:

Neste momento o professor poderá iniciar com os seguintes questionamentos:

- ✓ O que você entende com o título do poema “A lição do rio”? O que poderíamos dizer sobre isso?
- ✓ A quem você acha que é direcionado o poema?
- ✓ Entre que elementos é feita uma comparação? Justifique.
- ✓ Que vantagem tem o rio em relação ao homem, segundo o poema?
- ✓ De modo geral, que tema ou assunto é abordado no poema?
- ✓ Poderíamos dizer que esse poema tem a ver com a nossa realidade, com as nossas atitudes, com a nossa existência enquanto seres humanos?

3.4 LEITURA DO POEMA “OS BARCOS”, DE THIAGO DE MELLO.

Tempo de atividade: 2 aulas de 45 minutos



OBJETIVOS:

- ✓ Continuar a leitura dos poemas de Thiago de Mello;
- ✓ Perceber a temática abordada no poema “Os barcos”, de Thiago de Mello;
- ✓ Fazer a relação do poema lido com os elementos do cotidiano do amazônida;
- ✓ Entender que o tema retratado no poema não reflete apenas o ambiente do homem da região amazônica, mas a vida do ser humano em geral;
- ✓ Perceber a simbologia do rio e das águas e, principalmente dos barcos, presente no poema em questão;
- ✓ Reforçar a presença da linguagem metafórica, principalmente da comparação presente no poema;
- ✓ Desenvolver cada vez mais a oralidade, o que se percebe com a leitura expressiva feita pelos alunos.

MATERIAL DIDÁTICO:

- ✓ Caderno do professor.
- ✓ Caderno de atividades do aluno.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- ✓ Leitura silenciosa feita pelos alunos.
- ✓ Leitura expressiva feita pela professora.
- ✓ Leitura expressiva feita pelos alunos.

INTERPRETAÇÃO: Para esta etapa, começamos pela leitura compreensiva, que compreende as leituras de **superfície, inferencial e interpretativa.**

Tempo de atividade: 3 aulas de 45 minutos.

A partir do que foi comentado sobre a leitura de superfície, podemos primeiro perguntar aos alunos: Gostaram desse poema? Acharam difícil fazer a leitura? Conseguiram entender alguma coisa? De maneira geral, de que trata o poema? Esse poema é tem relação com os poemas anteriores? Deixar que comentem sobre isso, lembrando que devemos ouvir as suas justificativas, a sinceridade deles com relação ao texto lido, uma vez que uns podem gostar e outros não.

Socialização da leitura inferencial.

Já na leitura de inferência, fazer alguns questionamentos, como:

- ✓ Iniciando com o título do poema: Por que o título “Os barcos”?
- ✓ Que elementos do poema você conhece? Sabe o significado?
- ✓ Que palavras ou expressões você não sabe o que significa?

Lembramos aqui que é durante essa socialização da leitura inferencial que poderão surgir outros questionamentos, outras dúvidas, e que vamos esclarecer de acordo com o contexto, sem ainda ir ao dicionário. Porém, se necessário, os alunos poderão consultar o dicionário para verificação dos significados.

Socialização da leitura interpretativa: Neste momento o professor poderá iniciar com os seguintes questionamentos:

- ✓ O que podemos entender quando o poeta diz: “Os barcos nascem como nascem as dores”? Por que ele faz essa comparação?
- ✓ Que dores são essas? De quem?
- ✓ Por que os barcos são considerados como mensageiros?
- ✓ O que conseguimos entender quando o poeta diz que os barcos: “Trazem na proa audácias e esperanças”, “As cismas e os assombros nos porões”?

- ✓ Os poemas de Thiago de Mello, como vimos, expressam as angústias de sua época e a esperança de dias melhores. É possível perceber isso no texto? Justifique.

PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA

Tempo de atividade: 2 aulas de 45 minutos.

- ✓ A produção escrita será feita ao final do estudo dos poemas de cada um dos autores, momento em que o aluno irá selecionar somente um dos poemas para a produção escrita, lembrando que o que ele irá fazer é transformar a sua produção oral em texto escrito.

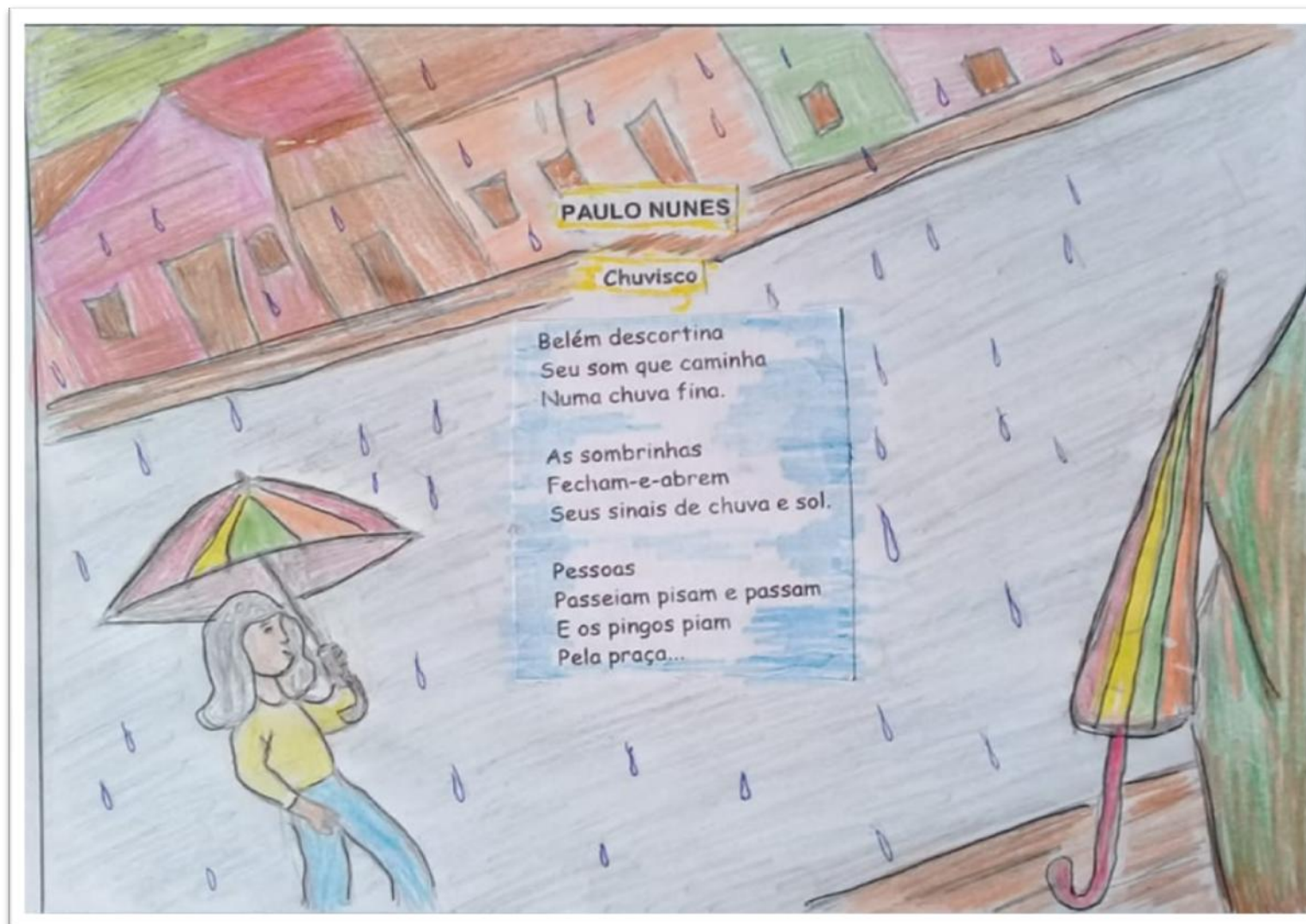
SOCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA. (2 aulas de 45 minutos para produções relacionadas a cada autor) = 6 aulas

- ✓ Leitura da produção textual escrita feita pelos alunos. Após o término de cada atividade, o professor fará uma roda de leitura dos textos produzidos. Todos os textos serão recebidos, mas somente alguns alunos farão espontaneamente a leitura de seus textos.

3.5 LEITURA DO POEMA: CHUVISCO, DE PAULO NUNES.

Os poemas de Paulo Nunes: “Chuvisco” e “Garrafeiro”, pertencem à obra *Banho de Chuva*, que aborda cenas e personagens que provavelmente remetem à cidade de Belém, visto que são acontecimentos do cotidiano da cidade, narrados em forma de poema. Nesses poemas, o eu lírico traz para o leitor as memórias de sua infância, carregada de emoção e sentimento. E *Chuvisco* é um dos primeiros poemas que compõem a 5ª edição de *Banho de Chuva*.

Tempo de atividade: 2 aulas de 45 minutos.



OBJETIVOS:

- ✓ Conhecer e ler os poemas de Paulo Nunes;
- ✓ Perceber a relação e a diferença entre este poema e os outros que foram lidos, diferença na linguagem, principalmente;
- ✓ Perceber o tema tratado no poema, o qual faz uma relação com a infância do autor;
- ✓ Perceber o local onde se passou a infância como algo muito importante na vida das pessoas;
- ✓ Aprimorar a oralidade;
- ✓ Aprimorar a argumentação;
- ✓ Valorizar as lembranças da infância;

MATERIAL DIDÁTICO

- ✓ Caderno do aluno.
- ✓ Caderno do professor.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS:

- ✓ Leitura silenciosa.
- ✓ Leitura expressiva feita pela professora.
- ✓ Leitura expressiva feita pelos alunos.

INTERPRETAÇÃO: Para esta etapa, começamos pela leitura compreensiva, que compreende as leituras de **superfície, inferencial e interpretativa.**

Tempo de atividade: 3 aulas de 45 minutos.

A partir do que foi comentado sobre a leitura de superfície, para início de conversa, podemos primeiro perguntar aos alunos se gostaram ou não desse poema? Se acharam difícil fazer a leitura? Conseguiram entender alguma coisa? De maneira geral, de que trata o poema? Esse poema é tem relação com os poemas anteriores? O que de diferente ele tem dos outros poemas? O que mais chamou a sua atenção na hora da leitura? Por quê?

Deixar que comentem sobre isso. Lembrando que devemos ouvir as suas justificativas, a sinceridade deles com relação ao texto lido, uma vez que uns podem gostar e outros não. É importante observar aqui se os alunos perceberam que o poema possui uma linguagem mais acessível, mais simples. Pois os poemas de Paulo Nunes aqui apresentados são caracterizados como poemas infantis, justamente por trazer o colorido e as lembranças da infância do poeta, na cidade de Belém.

Socialização da leitura inferencial.

Já na leitura de inferência, o professor pode iniciar com os seguintes questionamentos, como:

- ✓ A partir do título do poema, o que é chuvisco?
- ✓ Que elementos do poema você conhece? Sabe o significado?
- ✓ Que palavras ou expressões você não sabe o que significa?

É durante essa socialização da leitura inferencial que poderão surgir outros questionamentos, outras dúvidas, e que vamos esclarecer de acordo com o contexto, sem ainda ir ao dicionário. Porém, se necessário, os alunos poderão consultar o dicionário para verificação dos significados.

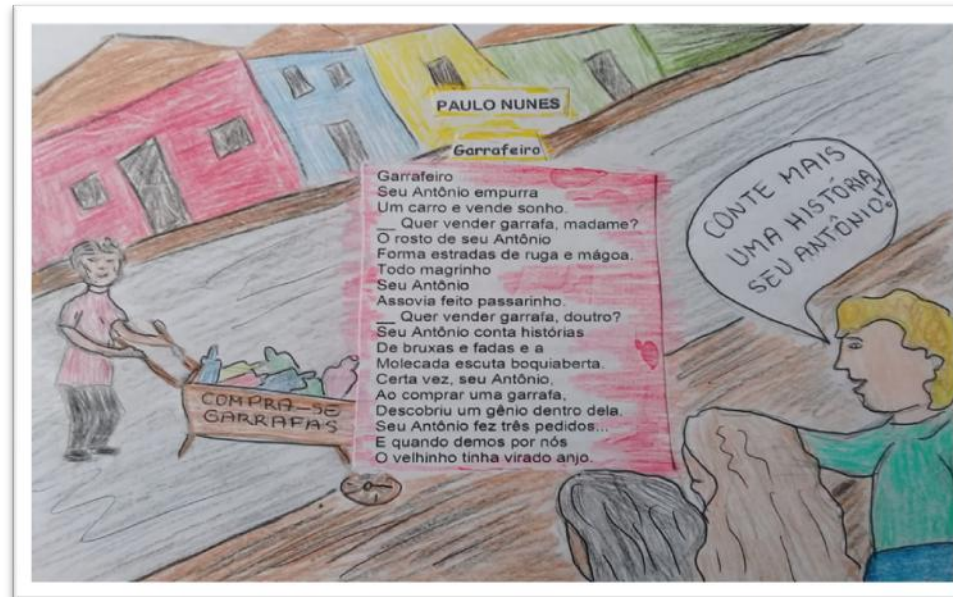
Socialização da leitura interpretativa: Neste momento o professor poderá iniciar com os seguintes questionamentos:

- ✓ De modo geral, qual o tema, assunto abordado no poema? Como você descobriu?
- ✓ O poema, certamente, retrata a infância do autor. Que palavras sugerem isso?

- ✓ O poema se torna uma espécie de narrativa, uma vez que narra acontecimentos. Onde acontecem os fatos?
- ✓ A metáfora presente no poema e jogo das palavras fazem com que haja uma certa harmonia, como se o autor brincasse com as palavras, uma característica marcante dos seus poemas em Banho de Chuva. Que sentido poderíamos atribuir às seguintes expressões: “Belém descortina”, “os pingos piam” “o som que caminha”?
- ✓ É comum termos lembranças da nossa infância. Será que essas lembranças ajudam de forma positiva no nosso crescimento enquanto ser humano? Justifique.

3.6 LEITURA DO: “GARRAFEIRO”, DE PAULO NUNES.

Tempo de atividade: 2 aulas de 45 minutos.



OBJETIVOS:

- Fazer a leitura do poema “Garrafeiro”, de Paulo Nunes;
- Perceber a relação desse poema com o anterior;
- Entender o tema abordado como um reflexo da infância do autor;
- Perceber as personagens desse poema como participantes de um momento especial na vida do autor;
- Perceber que a história contada do poema apresenta personagens do dia a dia de uma cidade, ainda pacata, em que as pessoas ainda se divertiam com as histórias contada;
- Entender que, apesar do tempo ter passado, ainda podemos nos encantar ouvindo histórias;
- Exercitar a oralidade e a argumentação, principalmente quando se tratar das questões interpretativas;

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

- ✓ Leitura silenciosa.
- ✓ Leitura expressiva feita pela professora.
- ✓ Leitura expressiva feita pelos alunos

INTERPRETAÇÃO: Para esta etapa, começamos pela leitura compreensiva, que compreende as leituras de **superfície, inferencial e interpretativa.**

Tempo de atividade: 3 aulas de 45 minutos

A partir do que foi comentado sobre a leitura de superfície, podemos primeiro perguntar aos alunos: Gostaram desse poema? Acharam difícil fazer a leitura? Conseguiram entender alguma coisa? De maneira geral, de que trata o poema? Esse poema tem relação com o poema anterior? O que de diferente ele tem dos outros poemas? O que mais chamou a sua atenção na hora da leitura? Por quê?

Deixar que comentem sobre isso, lembrando que devemos ouvir as suas justificativas, a sinceridade deles com relação ao texto lido, uma vez que uns podem gostar e outros não. É importante observar aqui se os alunos perceberam que o poema possui uma linguagem mais acessível, mais simples, parecida com o poema *Chuvisco*, pois os poemas de Paulo Nunes aqui apresentados são caracterizados como poemas infanto-juvenis, justamente por trazer o colorido e as lembranças da infância do poeta, na cidade de Belém. E essas lembranças não se limitam apenas a coisas boas, mas também, em mostrar os acontecimentos dessa época que marcaram a vida do autor.

Socialização da leitura inferencial.

Já na leitura de inferência, fazer alguns questionamentos, como:

- ✓ A partir do título do poema: O que é um garrafeiro?
- ✓ Quem era o vendedor de garrafas?
- ✓ Que elementos do poema você conhece? Sabe o significado?
- ✓ Que palavras ou expressões você não sabe o que significa?

É durante essa socialização da leitura inferencial que poderão surgir outros questionamentos, outras dúvidas, e que vamos esclarecer de acordo com o contexto, sem ainda ir ao dicionário. Porém, se necessário, os alunos poderão consultar o dicionário para verificação dos significados.

Socialização da leitura interpretativa.

Neste momento poderíamos iniciar com os seguintes questionamentos:

- ✓ De modo geral, qual o tema, assunto abordado no poema? Como você descobriu?
- ✓ O poema, certamente retrata a infância do autor. Que palavras sugerem isso?
- ✓ O poema se torna uma espécie de narrativa, uma vez que narra acontecimentos. Onde acontecem os fatos? Quando acontecem?
- ✓ Quais são as personagens que fazem a história acontecer?

A metáfora presente no poema e jogo das palavras fazem com que haja uma certa harmonia, como se o autor brincasse com as palavras, uma característica marcante dos seus poemas em Banho de Chuva. Que sentido poderíamos atribuir às seguintes expressões: “vender sonhos”, “Forma estradas de rugas e de mágoas”, “O velhinho tinha virado anjo”

É comum termos lembranças da nossa infância. Será que essas lembranças ajudam de forma positiva no nosso crescimento enquanto ser humano? Justifique.

Segundo o poema, seu Antônio contava muitas histórias, e a molecada gostava. Será que hoje as nossas crianças continuam gostando de ouvir histórias? Será que essas histórias ainda têm o mesmo gostinho de antigamente? Justifique.

O poema “Garrafeira”, retrata o cotidiano da vida do belenense, que era movimentada, principalmente quando se tratava do comércio. Você percebe a presença de garrafeiros nas ruas de sua cidade?

PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA

Tempo de atividade: 2 aulas de 45 minutos

Neste momento, o aluno irá selecionar um dos poemas estudados para a produção escrita. Lembrando que o que ele irá fazer é transformar o seu texto oral em texto escrito, utilizando a mesma sequência das perguntas que ele comentou durante a leitura.

Este momento é muito importante, pois o professor irá observar o desempenho ou não do aluno, quanto a produção escrita, fazendo uma espécie de comparação entre a oralidade e a escrita.

SOCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA

Tempo de atividade: 2 aulas de 45 minutos

- ✓ Leitura da produção textual escrita feita pelos alunos. Após o término de cada atividade, o professor fará uma roda de leitura dos textos produzidos. Na amostra aplicada em sala de aula, todos os textos foram recebidos, mas somente alguns foram lidos pelos alunos, de forma espontânea.

Observação: Com relação à produção textual, fica a critério do professor. Ele pode pedir ao aluno que faça a produção textual sobre todos os poemas, dependendo do tempo que tiver.

4. FINALIZANDO (4 aulas de 45 minutos)

Após a realização da atividade de leitura e produção textual com os 03 poemas, os alunos farão a parte ilustrativa dos poemas lidos e selecionados por eles, de acordo com a produção textual realizada.

5. AVALIAÇÃO:

A avaliação será feita no decorrer da realização das atividades, de acordo com as socializações e as produções escritas, assim como as atitudes dos alunos com relação às obras de autores da região amazônica, observando para isso:

- ✓ O interesse dos alunos pela leitura de modo geral;
- ✓ O interesse pela leitura, não só de poemas, mas de outras obras de autores da região amazônica;
- ✓ O interesse pelos temas abordados nos poemas de autores amazônicos e identificação com esses temas;
- ✓ O desenvolvimento oral e escrito, o que será percebido de acordo com as socializações e com as produções escritas.

CAPÍTULO 4: RELATÓRIO E ANÁLISE DA APLICAÇÃO DA PROPOSTA METODOLÓGICA: AMAZÔNIA EM VERSOS: LEITURA DE POEMAS EM SALA DE AULA, COMO UM INCENTIVO À VALORIZAÇÃO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DE POETAS AMAZÔNICOS.

4.1. INTRODUÇÃO.

O problema com a leitura e a escrita dos alunos ao chegarem ao ensino fundamental é algo que sempre me deixou preocupada. E eu, como professora do ensino fundamental II sempre me perguntei, por que essas crianças não sabem ler? E quando digo que não sabem ler, é porque não sabem dizer o que está escrito. Então, ficava tentando achar estratégias para que eles melhorassem, quase sem muito retorno, por inúmeros fatores. E, ao iniciar o mestrado, já tendo escolhido a minha linha de pesquisa, a da literatura, quando todos começaram a falar sobre os seus projetos, as suas propostas, todos empolgados, alguns até com as suas propostas já em mente, e com as orientações e comentários dos professores, me atrevi dizer que queria trabalhar leitura de poemas infantis com meus alunos. A questão era que eu queria trabalhar poemas de autores amazônicos, pois sempre percebi essa ausência, não só de poemas, mas de outras obras literárias de autores da região amazônica em sala de aula, pelo menos é o que percebo, de acordo com a minha realidade. E fui firme em dizer que queria levar para a sala de aula, poemas de poetas amazônicos, mesmo sabendo que temos poucos poetas infanto-juvenis conhecidos do público estudantil. E o meu público-alvo são alunos do 6º ano. Então iniciei a minha busca. Já sabendo quem seria a minha orientadora, depois de pensarmos, escolhemos trabalhar com os poemas de João de Jesus Paes Loureiro, Thiago de Mello e Paulo Nunes, autores de grande influência na Literatura Brasileira de Expressão Amazônica. Descobri que Paulo Nunes tem uma obra maravilhosa chamada *Banho de chuva*, uma obra com uma linguagem mais acessível para as crianças, então agora era ir em busca de material.

Assim, a partir do mês de junho de 2017, comecei a trabalhar no meu projeto de pesquisa, delimitando o que eu queria tratar e parti para a pesquisa bibliográfica, resultando no título denominado “Poemas de autores amazônicos em sala de aula: um incentivo à valorização da cultura, leitura e produção de textos no ensino fundamental”. Projeto de Pesquisa organizado, parti para a proposta de intervenção,

a qual prefiro chamá-la de proposta metodológica, intitulada: “Amazônia em versos: leitura de poemas em sala de aula, como um incentivo à valorização da produção literária de poetas amazônicos”. Ressalto aqui, que para aplicar esta proposta, utilizei as turmas nas quais trabalho. Assim, ao mesmo tempo que fui pesquisadora, também participei como objeto de pesquisa, juntamente com meus alunos, o que me leva a denominá-la de pesquisa-participante. E a proposta metodológica aqui apresentada, servirá de material didático aos professores da escola na qual estou atuando ou aos outros que se interessarem por esse material. Mas antes que comecemos a relatar como foi o desenvolvimento da proposta metodológica, é bom apresentarmos o espaço, considerando a cidade, que é o município de Óbidos, a escola onde a proposta foi aplicada, e o que é indispensável - os alunos, que são o público alvo desta proposta.

4.2 FALANDO UM POUCO SOBRE A CIDADE DE ÓBIDOS.

O município de Óbidos está localizado na região oeste do Pará. A sede do município é a cidade de Óbidos, que foi fundada pelos portugueses no final do século XVII e tinha como objetivos assegurar o domínio português na região e impedir a passagem de embarcações inimigas que por aqui transitavam, em busca de riquezas da região e de mão de obra indígena para o trabalho da lavoura. Em frente à cidade de Óbidos passa o rio Amazonas, apresentando a parte mais estreita do rio, por isso chamada de “garganta”, que, mesmo estreita, é a parte mais profunda desse rio. E os obidenses, principalmente os escritores, sempre enfatizam em seus poemas o orgulho de ser obidense, de ser amazônica, sempre exaltando esse lugar, principalmente o rio Amazonas. Altina Pinto de Souza, na apresentação da obra *Um abraço Apertado: Óbidos, a garganta do Rio Amazonas* (2009), comenta sobre isso:

Houve um tempo que se apresentar como amazônica era marketing negativo. Hoje isso é motivo de orgulho e ufanismo. Acho que só hoje, com o passar dos anos, entendo bem uma lição do poeta Gonçalves Dias, aprendida ainda na escola a “Canção do Exílio”. Os sábios e os poetas são assim mesmo, têm a sensibilidade para perceber que nada é igual ou maravilhosamente belo quanto às coisas da terra da gente (SOUZA, 2009)

Durante 13 anos morando em Óbidos, e trabalhando como professora, acredito que já posso tecer alguns comentários, fazer algumas observações com relação a essa cidade. Óbidos é uma cidade tranquila, com um patrimônio histórico riquíssimo, mas que não é valorizado com deveria ser. Apesar de ser considerada uma cidade histórica pelos historiadores, com seus patrimônios materiais e imateriais, percebemos que não há um grande incentivo para a conservação dos elementos que fazem parte da cultura local, como, por exemplo, os prédios e as placas antigas das casas. Os bens naturais como os lagos, as praias e a Serra da Escama, que, por sinal, fica próximo à minha casa, assim como outros lugares, sofrem com a degradação, com o descaso da população em geral e por parte do poder público. E esse abandono não é de hoje. Na obra *Hugo Antônio Ferrari, um homem apaixonado por Óbidos*, em um dos escritos do próprio Hugo Ferrari, encontramos uma passagem de inconformismo com esse abandono. Não tem uma data específica desse escrito, como os organizadores os chamam, até porque a obra é uma espécie de coletânea de vários textos deixados pelo autor. O autor faz o seguinte comentário:

Não há cidade que não tenha perdido parte do seu acervo histórico. Outras conseguiram preservar e reconstruir o pouco que restou. Além da falta de recursos suficientes para esse fim, a burocracia desestimula bastante a salvação desses verdadeiros tesouros que testemunharam a nossa trajetória. A querida cidade de Óbidos já sentiu na pele esse abandono. Pouca coisa ainda foi recuperada –dentre elas – o antigo Forte Pauxis, o 4º Grupo de Artilharia de Costa, e, por fim, o “Tiro de Guerra”. Atualmente, abriga a Casa da Cultura José Veríssimo. Quanto aos canhões assentados no topo da “Serra da Escama”, todos continuam ao relento, depredados, onde suas peças móveis já foram retiradas e vendidas como sucata, depois da patriótica missão que tiveram no passado em defender a soberania da Amazônia. O interesse pela preservação do patrimônio histórico precisa avançar, a fim de que não percamos em definitivo a nossa identidade, as nossas raízes. (FERRARI, 2014, p.312)

E quando se fala de museus e bibliotecas, que são de grande importância ao incentivo da leitura, a situação é um tanto precária. A biblioteca pública funciona na casa da cultura, conhecida também como Quartel, onde ficam alguns exemplares para pesquisa. O museu serve mesmo, para conservar coisas bem antigas, assim com o próprio museu, que precisa de reformas. Com relação ao incentivo à leitura nas escolas, as salas de leitura e as bibliotecas surgem quase sempre para preencher vagas de emprego, menos para incentivar o aluno a ler. Pois, apesar de o acervo ser bem reduzido, se os funcionários que ocupam esse espaço tivessem

mais compromisso com a propagação da leitura, poderiam, sim, fazer um projeto que facilitasse a aproximação do leitor com o livro. E nas Salas de aula, a maioria dos professores só utiliza o livro didático, porque é mais cômodo, visto que a maioria parece desestimulada: uns tem carga horária muito alta, o que impossibilita que planejem uma boa aula, que leiam, que procurem outras fontes, outras formas de incentivar o aluno a ler. Além disso, vivemos dentro de um sistema, de uma política educacional que não deixa ninguém feliz. E não adianta dizer que devemos fazer o impossível só pela paixão ao magistério. Precisamos de mais incentivo por parte dos nossos governantes. Então, só fazemos aquilo que podemos, com o que temos em mãos. E as escolas do município de Óbidos, assim como outras escolas de outros municípios, certamente, compartilham da mesma realidade.

4.3 CONHECENDO A REALIDADE DA ESCOLA.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco é uma das três escolas de ensino fundamental II existentes na zona urbana do município de Óbidos. Localizada no centro da cidade, mas que atende um público muito diversificado, incluindo alunos do centro da cidade e da periferia, de bairros bem distantes e de realidades bem diferentes. Até o ano de 2017, a escola atendia a EJA (Educação de Jovens e Adultos). A partir deste ano de 2018, passou a oferecer apenas o ensino fundamental regular, sendo que o seu funcionamento acontece nos turnos da manhã e da tarde.

4.4 CONHECENDO A REALIDADE DOS PROFESSORES.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental São Francisco possui um quadro de professores completo, em que a maioria é efetiva, apenas uma pequena parcela contratada, mas com curso superior. Com relação aos professores de Língua Portuguesa, todos possuem graduação nessa área e especialização na mesma área ou na área da pedagogia e, apenas um professor possui mestrado. Por outro lado, 50% desses professores são lotados também no ensino médio, escola do estado. Ou seja, a maioria trabalha 300 horas, e quando se permitem, até um pouquinho mais; tendo o mínimo de tempo para organizar os seus planos de aula, o que não deixa de ser um problema para seja realizado um bom trabalho em sala de aula.

Atuando desde o ano de 2005 na referida escola, mesmo com esses professores formados, observo que com relação ao ensino de língua materna, ainda permanece o ensino tradicional, em que a gramática ainda é o principal motivo para se estudar a língua portuguesa. É comum vermos professores dizendo que, os alunos, a cada ano que passa, saem da escola falando “mais errado”. Ou seja, a concepção que a maioria dos professores têm, incluso também aqui os professores de outras áreas, é que os alunos frequentam a escola para aprender a falar “certo”. E quando isso não acontece, a culpa maior é dos professores de língua portuguesa.

É visível a deficiência dos alunos na leitura e escrita ao chegarem no Ensino Fundamental II. Porém, quando os professores recebem esses alunos, e percebem essa deficiência, a maioria apenas culpa o ensino fundamental I, mas não toma nem uma iniciativa para amenizar essa deficiência. Com algumas exceções de pouquíssimos professores, que já optaram por trabalhar apenas leitura e produção textual. E graças a esses pequenos trabalhos, já podemos perceber pequenos avanços com relação à leitura e escrita dos alunos.

4.5. CONHECENDO A REALIDADE DOS ALUNOS.

A clientela é bem dividida, e como não tem escola particular em Óbidos, é bem visível a divisão de acordo com a classe social. Os alunos que têm maior poder aquisitivo, estudam mais no turno da manhã, já os de menor poder aquisitivo, a tendência é estudar à tarde, até porque a maioria não mora com os pais, mora com parentes e outros, ajudando nas tarefas de casa, outros, moram muito longe e não conseguem vaga pela manhã. Além disso, parte desses alunos tem muitas dificuldades, não só em relação ao ensino, mas outros problemas, principalmente familiares, tornando sua aprendizagem muito lenta. Alguns chegam ao 6º ano sem saber ler nem escrever. E isso, certamente foi uma das causas do grande índice de repetência; e o resultado está na turma que eu irei aplicar a proposta metodológica, em que 30% dos alunos são repetentes. Mas existem outras turmas que quase todos os alunos são repetentes.

Com relação aos professores que recebem esses alunos, alguns procuram fazer a sua parte, mas o ambiente da escola também não contribui, sempre tem alunos pelos corredores fazendo barulho, ou porque fogem da sala, ou porque estão de aula vagas, por falta de professor. A falta de organização dos horários também

contribui muito para esse problema. As salas que trabalho são abertas, os outros alunos ficam passeando pelos corredores, perturbando aqueles que estão em sala de aula. Essa é a realidade da Escola São Francisco. Faço esse comentário, porque os alunos irão ser atendidos pela proposta metodológica são do turno da tarde, e é uma turma em que boa parte dos alunos possui uma das dificuldades que foram citadas anteriormente.

Faço uma observação aqui com relação ao período da aplicação da proposta. Não consegui realizar no prazo que, no início havia pensado, pois, além dos fatores que já citei, o grande número de eventos que são realizados na escola, são justamente nos últimos dias da semana, os dias que eu tenho aula (quarta, quinta e sexta). Comecei no segundo semestre do ano de 2018, e mesmo utilizando de todas as aulas, deu tempo de apresentar apenas o resultado de uma amostra da referida proposta. Dessa forma, aplicar a proposta metodológica nessa turma tornou-se um desafio muito grande pra mim.

A proposta metodológica aqui apresentada é o resultado da reflexão feita a partir das leituras de Ferrarezzi e Carvalho, Isabel Solé, Rildo Cosson contribuições de Ângela Kleimam, Colomer e outros autores que faremos referência no decorrer da descrição da proposta. Traçamos aqui, uma metodologia aparentemente simples, mas com um resultado significativo, diante das dificuldades enfrentadas em sala de aula, e que só poderá ser melhorado com a prática cotidiana do professor. De acordo com o que está previsto na proposta metodológica, observemos o relatório de cada aula. Lembro que não foi possível seguir fielmente o que estava previsto, uma vez que esta atividade é apenas uma amostra do que foi proposto ao professor, a partir do material pedagógico.

1º MOMENTO: (RODA DE CONVERSA) – PARA ESTE PRIMEIRO MOMENTO, UTILIZEI 5 AULAS, DIVIDIDAS EM TRÊS DIAS:

Primeiro dia: 1 aula de 45 minutos

- ✓ Introdução: conversa informal sobre a aplicação da proposta metodológica que iria ser desenvolvida na turma, durante o bimestre.
- ✓ Introdução sobre poema e poesia. Distribuição de 13 textos dos vários gêneros (contidos na proposta de intervenção), incluindo aí, os poemas. Começamos com os questionamentos elaborados na proposta.

Hoje iniciei a aplicação da minha proposta metodológica na turma (6º 03). Comecei falando sobre o que iríamos trabalhar a partir desse bimestre. Conversei informalmente sobre a proposta metodológica que eu iria desenvolver na turma.

Ressalto aqui que já vinha falando sobre isso, desde o primeiro semestre. A partir daí, iniciei a conversa sobre poema e poesia. Fiz a distribuição dos 13 textos de vários gêneros (contidos na proposta de intervenção), incluindo aí, os poemas. Começamos com os questionamentos elaborados na proposta. Dos textos que leram, quais deles consideram poemas? Por quê? Quais você diz que são poesias? Por quê? E os outros textos? Como vocês os classificariam? Existe diferença entre poema e poesia? O que acham?

Segundo dia: 2 aulas de 45 minutos

- ✓ Inicialmente foi feito uma revisão dos textos lidos na aula anterior, para, em seguida fazermos a socialização.
- ✓ Sorteio para ver quem dava início à socialização, comentando sobre o critério utilizado para identificação dos poemas.
- ✓ Comentário sobre o conceito de poema e poesia (feito pelo professor).
- ✓ Explicação sobre linguagem metafórica, característica marcantes dos poemas.

No início da aula, dei um tempinho para que os alunos lessem mais uma vez os textos. Como dinâmica, eles sugeriram que se fizesse um sorteio para ver quem começava a socialização, e assim sucessivamente. Nem todos quiseram compartilhar as suas respostas. E, analisando os que socializaram, alguns fizeram observações coerentes, mas outros, se confundiram nas respostas. Quanto a identificação dos poemas, a maioria conseguiu identificar. A dificuldade maior estava na justificativa, os critérios que utilizaram para tal identificação. Como já era de se prever, os alunos não diferenciam o poema da poesia, pra eles, tudo é a mesma coisa; mesmo assim, a maioria consegue diferenciar o poema dos outros gêneros. E quando lhes foi perguntado sobre o critério que usaram, foi quase unânime a justificativa de que poesia apresenta-se sempre em verso e com rimas. Acredito que apenas dois alunos disseram que o autor expressava ali o seu sentimento. Porém, a partir dos comentários feitos por mim, eles foram organizando

as suas respostas, comentando e começando a perceber a diferença entre poemas e outros gêneros textuais, as características principais desse gênero textual, assim como as características da poesia. Aproveitei esse momento para comentar também sobre a Linguagem metafórica, sentido conotativo. Diferença entre o sentido real e o sentido figurado das palavras ou expressões.

A partir do que foi proporcionado aos alunos neste primeiro momento, quando eles foram levados perceber entre os vários gêneros textuais quais textos eram poemas ou poesia (como eles costumam chamar). Observamos que a maioria conseguiu identificar, explicando o critério utilizado para tal identificação, e a maioria disse que era o fato do texto estar construído através de versos e rimas. Mas, a principal característica, que está na linguagem, eles não conseguiram identificar. Então, abrimos espaço para os comentários sobre o assunto, que ficou mais claro quando tratamos da diferença entre poema e poesia.

Achei interessante tratar sobre a diferença entre poema e poesia. E com relação a esse ponto, tivemos poucos comentários, mas sem muito entendimento, e, com razão, em nenhum momento os alunos tinham sido levados a fazer tal reflexão. Assim, podemos confirmar a ausência de poemas em sala de aula. Como o aluno não tem esse contato, e além disso o professor raramente trabalha com poemas, e quando utiliza é só para fins de análises gramaticais ou para declamações; é natural que esse aluno não saiba muito sobre esse gênero; porém o interesse deles em querer saber foi perceptível, quando, a partir dos comentários da professora, começaram a dar exemplos. E, no final dessa etapa, eles conseguiram entender o básico: que a poesia pode estar em outros lugares que não seja o poema, porém, o poema é uma das formas de representar a poesia; poesia é a expressão de sentimentos; é o abstrato. Poema é a forma, o concreto. Tomamos como base para explicar às crianças tal diferença, utilizando o conceito do dicionário Aurélio (2010, p, 236) “poesia é a Arte de criar imagens, de sugerir emoções por meio de uma linguagem em que se combinam sons, ritmos e significados”, enquanto poema é “Obra em verso ou não em que há poesia”.

Os poemas são caracterizados pela utilização de recursos para expressar a linguagem de forma especial e diferente o sentido normal, literal, denotativo, e provocam diversos efeitos de sentido naqueles que recebem a mensagem. Esta forma de expressão, que é responsável por dar sentimento ao conteúdo descrito pelas palavras nas obras literárias, é a poesia. Graças a ela, os textos possuem

emoções e transpassam aos leitores. Podemos afirmar que a linguagem dos poemas é uma linguagem metafórica por excelência, pois é essa uma das características que torna esse gênero diferente dos demais. E a tarefa do leitor, não é meramente a de apreciador, mas é ele que dá sentido à poesia. Somos nós, enquanto leitores, que a tornamos interessante ou não; somos nós, a partir do nosso ponto de vista, que vamos perceber o seu grau de significação. E se assim entendermos, qualquer um de nós poderíamos nos tornar poetas. E sobre essa reflexão, Moisés (2012), afirma:

A poesia, nós é que a arquitetamos e a sentimos em obediência ao nosso ser mais íntimo, quando temos capacidade para tanto. Não o poeta, que não mais sente o que sentiu ao redigir o poema, mas a poesia que pode estar nele como leitor. O poema independe do seu criador, tem vida própria, mas somente comunica poesia em nós: sem o leitor, é letra morta ou hieróglifo à espera de decifração. (MOISÉS, 2012. p. 74)

A poesia é a expressão do “eu”, expressão que se apresenta através de uma linguagem metafórica, essencialmente conotativa. Tomada como característica principal da poesia, as metáforas, organizadas através dos termos de ligação, formam uma harmonia, dando um ritmo à poesia, para que o poeta possa expressar o seu íntimo, o seu eu, o seu pensamento, e a isso chamamos de poema, que é a representação formal da poesia. O poema, então, não seria meramente a representação gráfica, mas sim a soma de significantes e significados mediante os quais o poeta procura comunicar-se. Em síntese, poderíamos dizer que o poema é o meio concreto pelo qual o poeta comunica o que sente, o que pensa, o que quer transmitir; a poesia é a parte abstrata da composição. Ainda de acordo com Moisés (2012)

A poesia é a expressão do “eu”. Como a palavra é o signo literário por excelência, infere-se que a poesia é a expressão do “eu” pela palavra. Ao sistema harmônico de palavras metáforas e termos de ligação) por intermédio das quais o “eu” do poeta expressa o seu conteúdo e o seu intrínseco ritmo, dá-se o nome de poema. (MOISÉS, 2012, p. 69-72)

Um poema é o arranjo de palavras que contêm significado. É uma escrita que expressa o pensamento e os sentimentos do escritor. Pode ser feliz ou triste, simples ou complexo. Assim, um poema pode rimar ou não rimar, usar símbolos ou não. Daí dizer, que, de modo geral, poemas são também poesias, o que o diferencia das outras formas, como por exemplo, uma pintura, é que o poema usa a palavra

como matéria prima. Refere-se à arte de retratar no papel a poesia. Uma outra diferença entre poema e poesia é que, enquanto o poema está ligado somente à literatura, a poesia pode ser qualquer tipo de produção artística; o que nos leva a concluir que, todo poema contém poesia, porém nem toda poesia precisa ser um poema.

Certa vez o escritor Oswald de Andrade disse a seguinte frase: "Aprendi com meu filho de 10 anos que poesia é o descobrimento das coisas que nunca vira antes". A poesia pode estar em tudo: em uma situação cotidiana, em uma paisagem, em uma fotografia, nas artes plásticas e em um poema. Isso significa que a poesia não é exclusividade da literatura, tampouco do poema. A poesia está associada a uma atitude criativa, e não a um gênero literário. É uma definição mais ampla, que pode estar presente em diversas manifestações artísticas.

O poema, elemento pertencente ao gênero lírico, é um gênero textual que apresenta características que permitem identificá-lo entre os demais gêneros: é um texto composto em versos e estrofes, em oposição aos textos compostos em prosa (textos escritos em parágrafos, ou seja, em linhas longas). Um bom poema geralmente está carregado de poesia, mas há também poemas que recusam qualquer lirismo. São recursos muito empregados no poema a musicalidade, a repetição e a linguagem metafórica, essa última responsável por conferir ao texto maior subjetividade.

De acordo com a identificação que os alunos fizeram, o professor fez uma seleção dos textos que foram identificados como poemas. Em seguida lançou a seguinte pergunta: todos os poemas rimam? De acordo com a experiência que temos com os alunos, quando se trata de poemas, a maioria acredita que só é poema aquele que possui rima. No entanto, sabemos que os poemas podem, ou não, rimar; que podem ser em versos ou em textos mais longos, construído em parágrafos. A poesia pode ser encontrada em outras produções, em outras obras de arte, como, por exemplo, numa pintura, numa carta, numa música. A poesia, através da palavra, em especial para a criança, é encarada de forma lúdica, sem grandes intenções. Abramovich (2008), em sua discussão sobre poesia, cita o poema "Convite" de José Paulo Paes, no qual diz que "Poesia é brincar com palavras, como se brinca com bola, papagaio e pião. Só que bola, papagaio, pião, de tanto brincar se gastam. As palavras, não. De tanto brincar com elas, mais novas ficam...". Essa

autora cita também outra obra de Paes, “É isso ali”, na qual o poeta dá a seguinte explicação sobre poesia:

A poesia não é nada mais do que uma brincadeira com palavras. Nessa brincadeira, cada palavra pode e deve significar mais de uma coisa ao mesmo tempo: isso aí é também isso ali. Toda poesia tem que ter surpresa. Se não tiver, não é poesia, é papo furado. (ABRAMOVICH, 1997, p. 67)

Mesmo assim, é necessário que o mediador da leitura de poemas, possibilite à criança ir além da decodificação; para que ela possa entender que por trás de palavras existe todo um sentido, um mistério a ser desvendado; porém esse mistério só será desvendado a partir do momento em que o leitor ler não só o óbvio, o superficial, mas o que está nas entrelinhas, e isso depende de cada leitor, da forma como lê, do conhecimento que tem. Resumindo, Gebara (2012) afirma:

Assim, a poesia promove uma ampliação dos modos e ler. A simples decodificação pode ser superada, ganhando novos contornos com a leitura de poemas, pois durante esses eventos não há simplesmente a inserção da criança num mundo criado pelo texto, mas também um perambular pelos processos linguísticos que o constituem [...]. A poesia permite a recuperação de experiências anteriores e mesmo a incorporação das que são simultâneas ao convívio escolar. (GEBARA, 2012, p.14-15)

A poesia, então, presente dentro de um poema, sempre será um código a ser desvendado pelo leitor. Cada leitor, a partir da sua compreensão poderá traçar novos caminhos, novos rumos para a sua leitura, para o seu nível de entendimento. No entanto, essa caminhada já deve vir de outras experiências de leituras anteriores. Pois, ao falarmos de poemas e poesia aos nossos alunos, percebemos ainda essa falta de experiência. Porém, a maioria detém uma experiência de vida, o que ajudou bastante nas reflexões.

Terceiro dia: 2 aulas de 45 minutos

- ✓ Questionamentos aos alunos sobre a presença de poemas nos livros didáticos.
- ✓ Questionamentos aos alunos sobre a presença de poemas de autores amazônicos nos livros didáticos.
- ✓ Questionamentos e, ao mesmo tempo, esclarecimento aos alunos sobre a importância de se trabalhar esses autores e seus poemas em sala de aula.

Com relação a presença de poemas nos livros didáticos, no dia a dia dos alunos, assim como a presença de poetas e suas obras em sala de aula, os alunos só confirmaram o que já observamos há muito tempo. De acordo com eles, desde o ensino infantil, realmente, não percebem a presença de poemas em sala de aula, que não seja para fins de análise gramatical e outros fins. As perguntas como: Você lembra do nome de alguns poetas que aparecem nos livros didáticos ou em outros livros? Já leu alguns dos poemas desses poetas? Qual ou quais leu? Dentre esses, tem algum que é daqui da região amazônica? Você conhece poetas daqui da nossa região? Ou daqui da sua cidade? Como chamam? Você acha importante conhecermos esses poetas e suas obras? Por quê?

As respostas dos alunos foram variadas. Apesar do desinteresse e da demora em responder às perguntas, eles foram colaborando espontaneamente, de acordo com as suas limitações, pois a turma tem dificuldade em participar oralmente das atividades. Os alunos disseram que já leram e já viram alguns poemas nos livros didáticos, quando estudavam o ensino fundamental I, mas não lembram os nomes dos autores. E quando a professora passava era mais para “ler mesmo”, mas também não lembram o nome desses poemas. Uns disseram que não se interessavam muito por poemas. Somente uma aluna disse que gosta de ler poemas, e ainda justificou “porque é pequeno”. Ou seja, ela só escolhe os pequenos. Isso se justifica na dinâmica que eu fiz (que não estava prevista na proposta metodológica), logo no início da roda de conversa, após a identificação dos poemas, pedi que escolhessem um dos poemas que mais gostaram e que justificassem essa escolha e, justamente, a maioria dos alunos escolheu “poeminha do contra”, de Mário Quintana, dando a justificativa citada anteriormente, deixando claro que os alunos não se interessam inicialmente por textos grandes. E geralmente os professores dizem que o aluno tem preguiça de ler, pois só escolhem textos pequenos. Porém, quando os nossos alunos escolheram textos pequenos, é justificável, pelo fato de parte dos alunos terem dificuldade para fazer a decodificação. Por isso, a maioria dos alunos lê devagar e, conseqüentemente, por causa dessa leitura deficiente terá dificuldades para compreender o texto lido. É sobre isso que Kleiman comenta:

O aluno que lê vagarosamente, sílaba por sílaba, terá dificuldades para lembrar o que estava no início da linha quando ele chegar ao fim. Ele deve portanto, ser capaz de reconhecer instantaneamente as palavras: se a

palavra for a unidade reconhecida, ele poderá ler mais rapidamente, conseguindo assim lembrar unidades passíveis de interpretação semântica (isto é, unidades às quais podemos atribuir um significado. (KLEIMAN, 2018, p. 36)

Quanto à presença de poemas de poetas da região amazônica nos livros didáticos e na vida escolar desses alunos, eles dizem que não há essa presença. Na verdade, maioria diz que nunca parou para observar isso. E quando se fala de poetas locais, eles dizem que já ouviram falar de alguns, uns tem até parentes ou vizinho que são poetas ou dominam outros tipos de arte, como a poesia e a música. E na sala de aula, sempre no aniversário da cidade, a professora pede para pesquisar, só para pesquisar, mas eles nem lembram os nomes, mas sabem que esses poetas locais existem.

Com relação aos autores de nossa região, os alunos acham importante conhecê-los e estudá-los. Porém, poucos justificaram o porquê dessa importância; mas os que justificaram, disseram que precisamos conhecer para dar informação às outras pessoas, quando perguntarem.

De acordo com o que observamos desses alunos, as respostas negativas foram predominantes; o que confirma a ausência desse gênero textual em sala de aula, e ainda mais, de obras de autores de nossa região, o que não descarta a possibilidade de valorizar outras produções, outras culturas, e nem de tornar a sua cultura superior, mas entendê-la como algo que faz parte do seu dia a dia, da sua experiência de vida. Comprova-se, portanto, pelas sondagens e discussões realizadas em sala de aula, que a Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, infelizmente, ainda não é uma realidade na vida desses alunos e está distante da escola, principalmente no ensino fundamental I e II sendo apenas privilégio de poucos, restrita aos estudos acadêmicos.

Vale ressaltar que embora esta pesquisa tenha sido realizada em turmas do 6º ano de uma única escola, mas como professora tenho observado que não reconhecer a importância de se estudar autores amazônicos, tanto em prosa quanto em versos, é o padrão de outras escolas do município em relação ao ensino de Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, como parte do conteúdo de Língua Portuguesa, haja vista só trabalharem o conteúdo dos livros didáticos, os quais não contemplam poemas de autores amazônicos. Sobre isso, Bezerra (2011) chama atenção com o seguinte comentário:

A leitura das obras de literatura de expressão amazônica ainda continua centrada, restrita a certos grupos, no ciclo acadêmico, e nos grupos que exercem tal prática ainda com o objetivo de se afastarem da chamada cultura popular, e, principalmente, das práticas culturais de massa, na relação de poder, na disputa por uma hegemonia entre esses grupos. (BEZERRA, 2011, p. 4.)

Sabemos que a prática da leitura deve trilhar caminhos para que o aluno possa expressar o seu pensamento, o seu entendimento, tanto através da oralidade quanto da escrita, pois o aluno que lê terá mais chances de fazer uma boa produção textual, expressar o que compreende e se projetar para desenvolver seu papel de cidadão. E é com o objetivo de sair da decodificação que optamos aqui por trabalhar o referido gênero em sala de aula, utilizando, para isso, os poemas de poetas amazônicos, pois, tanto alunos quanto professores, precisamos ter conhecimentos sobre os nossos autores, conhecer seus poemas, tentar resgatar a nossa própria identidade, a nossa cultura, dar valor e, ao mesmo tempo produzir reflexões que contribuirão para o engrandecimento da cultura de nossa região, assim como para a nossa formação enquanto cidadãos.

2º MOMENTO: CONHECENDO OS POETAS AMAZÔNICOS – PARA ESTE MOMENTO, UTILIZEI 3 AULAS, DISTRIBUÍDAS EM DOIS DIAS.

Quarto dia: 1 aula de 45 minutos.

- ✓ Apresentação dos poetas aos alunos, a partir de um comentário geral. Em seguida foi distribuído um caderno de atividade aos alunos, o qual continha a biografia dos autores em questão.

Leitura da biografia do poeta João de Jesus Paes Loureiro.

Quinto dia: 2 aulas de 45 minutos (Continuação)

- ✓ Leitura da biografia do poeta Thiago de Mello.
- ✓ Leitura da biografia do poeta Paulo Nunes.
- ✓ Comentário do professor sobre a importância desses poetas e os temas abordados por eles em suas obras.

Sobre a introdução ao estudo dos poetas, “**Conhecendo os poetas**”, como relatado anteriormente, foi distribuído aos alunos, uma espécie de livrinho, contendo a **biografia** dos autores **João de Jesus Paes Loureiro, Thiago de Mello e Paulo Nunes**. Iniciamos com o poeta **João de Jesus Paes Loureiro**.

A leitura silenciosa feita pelos alunos foi apenas para conhecer um pouco sobre esses poetas, assim como as características gerais das suas produções artísticas. Durante o intervalo das apresentações, foi aberto um espaço para que os alunos fizessem perguntas, apresentando suas dúvidas, curiosidades sobre os autores em questão. Porém, eles não participaram, preferiram apenas ouvir as informações. No entanto, observei o interesse dos alunos quando comecei a comentar sobre as características dos autores, sobre a importância deles ao produzirem as obras literárias, os temas que são abordados em suas obras, principalmente quando se trata da valorização de produções da região, sem esquecer que não estamos isolados, mas que estamos inseridos no mundo, um espaço maior e mais complexo em termos culturais. Sobre essa reflexão é importante considerar a recomendação de Machado de Assis:

Não há dúvida de que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. (ASSIS, *apud* NUNES, 2002, p.20):

Lembrei do início da conversa, quando fizeram a identificação dos poemas, quando perguntei se entre aqueles poemas que identificaram, tinha algum com as características dos autores em questão, então, uma aluna lembrou que ela havia selecionado “Paisagem com boiuna”, e nesse poema tinha características da região. Claro que a aluna explicou da sua forma, que falava de canoa, de cobra. E assim fomos fechando esse comentário sobre os autores.

Observo aqui que os alunos começam a fazer relação do que foi falado no início, com o que estávamos comentando sobre os poetas. E conhecer os poetas os quais seriam contemplados através de seus poemas, é muito interessante, uma vez que, mais tarde o leitor pode fazer uma relação entre o poeta e a sua produção. Por isso, a importância de se conhecer os poetas antes da leitura de suas poesias, para que, depois se faça uma leitura mais eficiente sobre as produções literárias dos

autores em questão. Considero essa introdução muito importante; porém, não deve ser longa, para tornar a leitura, cansativa. Nesse sentido, durante a apresentação dos autores, fomos breves, fazendo comentários e observando as principais informações. Tanto foi interessante, que, no decorrer das aulas, os alunos já comentavam sobre os autores. E Para reforçar a importância dessa introdução, Cosson observa:

Chamamos de introdução a apresentação do autor e da obra. A introdução, apesar de ser uma atividade relativamente simples, demanda do professor alguns cuidados. Um primeiro é que a apresentação do autor não se transforme em longa e expositiva aula de sobre a vida do escritor, com detalhes biográficos que interessam a pesquisadores, mas não são tão importantes para quem vai ler um de seus textos, (COSSON, 2011, p. 57 e 60)

3º MOMENTO: INÍCIO DA LEITURA DOS POEMAS – para este momento, utilizei 2 aulas.

Sexto dia: 2 aulas de 45 minutos

Autor: João de Jesus Paes Loureiro.

- ✓ Distribuição dos cadernos de atividades aos alunos.
- ✓ Leitura do poema “Paisagem com boiuna”, de João de Jesus Paes Loureiro.

E seguindo os passos da proposta metodológica, fizemos:

1. Leitura silenciosa.
2. Leitura expressiva feita pela professora.
3. Leitura expressiva feita pelos alunos.

Iniciamos a leitura dos poemas. De acordo com a proposta de intervenção e com o caderno de atividades que foi repassado aos alunos, seguimos as etapas da proposta metodológica. E de acordo com essa proposta, estamos no 3º momento. Distribuí aos alunos novamente os livrinhos de atividades para darmos continuidade, iniciando a leitura dos poemas de João de Jesus Paes Loureiro. Para isso, seguimos os passos da proposta metodológica: primeiramente os alunos foram orientados a fazerem a leitura silenciosa do poema “**Paisagem com boiuna**”.

Paisagem com boiúna

Ilha Pequena, lago Juá.
 A cunhantã foi deixada pelos pais.
 Nos braços, dádivas, ais à cobra-grande...
 Arara, oh! Cobra arara!
 Cuçucui meió.
 Arara, oh! Cobra arara!
 Eis aqui teu sustento!
 Cantiga sob escamas
 Boiúna bubuiando
 Olhar mundiante...
 Cunhã cativa (que não sendo donzela
 Ser dádiva)
 Ser o inulto alimento desse encanto).
 Silêncio no universo.
 Em confeitado rio.
 Sono sob escamas...

Realizar este primeiro momento de leitura não foi uma tarefa fácil, primeiro, porque eles têm dificuldades na leitura, alguns leem bem precariamente; outros têm dificuldade para se concentrar. E o que vem a contribuir com essa falta de concentração é o barulho que vem de fora, com os alunos que ficam nos corredores; problema que já existe há muito tempo na escola. Enfim, mesmo com todos esses problemas, conseguiram fazer a leitura. Pedi que lessem mais de uma vez, para que prestassem bem atenção no que estavam lendo. Terminada a leitura silenciosa do poema, passamos para a **leitura expressiva (leitura em voz alta)** feita por mim, enfatizando que a leitura de poemas é diferente da leitura de outros gêneros textuais. Os poemas, em primeiro lugar são para serem ouvidos. Então, uma boa entonação é muito importante. A leitura tem que dar vida ao poema.

Em seguida, passamos para a **leitura expressiva** dos alunos. Essa leitura foi feita de forma espontânea por apenas quatro alunos. Como era a leitura de apenas um poema, ficaria um tanto cansativo fazer a leitura do mesmo poema. Cada aluno ficou com quatro versos. E enquanto os alunos faziam a leitura, os outros acompanhavam; mas com uma condição, da próxima vez, esperava-se que outros alunos fizessem a leitura, pois o ideal é que até o final da leitura dos três poemas, todos tivessem feito a leitura expressiva. Sobre esse comentário, Kleiman (2008, p. 36), reforça que “a leitura silenciosa, tanto por parte do aluno como do professor, e a leitura em voz alta pelo adulto, cumprem os dois objetivos de servir de modelo e de criar contextos de aprendizagem”. (KLEIMAN, 2008, p. 36)

4º MOMENTO: Interpretação, que compreende a Leitura compreensiva, passando pelas seguintes etapas: leitura e superfície, leitura inferencial e leitura interpretativa. Estas etapas foram realizadas a partir de questionamentos, o que resultará numa socialização. Utilizei para este momento, 3 aulas, distribuídas em dois dias.

Sétimo dia: 1 aula de 45 minutos:

- ✓ Leitura de superfície, em que foi observado apenas o superficial do texto.

Oitavo dia: 2 aulas de 45 minutos

- ✓ Continuação da socialização da leitura de superfície.
- ✓ Leitura de inferência, em que se procura entender o texto a partir das palavras dentro de um contexto.
- ✓ Socialização da leitura interpretativa: momento em que os alunos são levados a aprofundar mais o entendimento sobre a leitura.
- ✓ Comentário do professor.

Passamos para o momento da **interpretação e compreensão**, sendo esta última dividida em **leitura de superfície** e **leitura de inferência**, momento em que os alunos analisaram superficialmente o poema, pois como já foi citado no trabalho, o objetivo aqui não é fazer uma análise profunda, mas é começar a trazer ao conhecimento dos alunos poemas de poetas da região amazônica, para que eles possam ler e entender, dar suas opiniões, tecer comentários, fazendo uma relação com o seu dia a dia, o que dará condições para que eles possa valorizar as produções da região amazônica. Para direcionar a socialização da leitura, em primeiro lugar foi socializada a **leitura de superfície**, que como o próprio nome diz, é uma leitura bem superficial, em que os alunos apontaram o que estava visível no poema. Assim afirmam Ferrarezi Jr, e Carvalho (2017)

Assim, a leitura de superfície não costuma ir muito além do que as próprias informações já fornecem. Nos estágios iniciais da aprendizagem da leitura, as crianças tendem a permanecer nesse nível por um bom tempo. Depois com o trabalho sistemático do professor (a) e com as oportunidades de leitura a que elas são expostas, vão se encaminhando para os níveis mais profundos. (FERRAREZI JR; CARVALHO, 2017 p. 102)

Mas para que eles pudessem falar, fui direcionando com os seguintes questionamentos: Gostaram da leitura desse poema? Por que gostaram? Já conheciam esse poema? Que personagens bem conhecidas nas lendas daqui da região aparecem nesse poema? Você conhece histórias que tratam sobre cobra-grande? Que histórias mais você conhece com personagens dessa natureza?

Como as perguntas eram bem simples, eles conseguiram fazer seus comentários, como por exemplo, deste primeiro poema, todos disseram que gostaram, uns justificaram dizendo que era por que falava de cobra, alguma coisa a ver com lenda da cobra grande, e também porque não era um texto muito grande. Com relação ao segundo questionamento, eles não conheciam antes o poema, estavam conhecendo agora com essas aulas, foi o que eles disseram Mas disseram que já ouviram e já leram lendas que falam de cobra grande, alguns até contaram algumas histórias, um aluno começava e outro ia complementando a história. Sobre outras histórias, outras personagens lendárias daqui da região, os alunos citaram vários, e uma das lendas mais citadas foi a lenda do boto, a segunda lenda mais conhecida por eles. E depois foram citando outras que contam muito na cidade, como por exemplo, a lenda da porca, a lenda do Laguinho, A lenda da Cobra Grande que dizem estar embaixo da Igreja de Óbidos e muitas outras. Mais uma vez, percebemos aqui que os alunos já possuem um conhecimento de mundo, ou muitos conhecimentos, muitas informações, algumas até desconhecidas pelo professor. E isso é indispensável, para que o aluno vá construindo um entendimento e tenha sucesso na sua leitura. Angela Kleiman diz que:

O leitor eficiente faz previsões baseadas no seu conhecimento de mundo. Na aula de leitura é possível criar condições para o aluno fazer previsões, orientado pelo professor, que além de permitir-lhe utilizar seu próprio conhecimento, supre eventuais problemas de leitura do aluno, construindo suporte para o enriquecimento dessas previsões e mobilizando seu maior conhecimento sobre o assunto. (KLEIMAN, 2008, p. 52)

Com toda essa conversa, percebi que a maioria dos alunos participou, e imagino, que é por ser um poema que tem elementos que eles conhecem, ou se não conhecem, já ouviram falar. Achei esta aula bem produtiva, pois esta é uma turma que pouco participa das discussões, e percebi que quase todos queriam se pronunciar. Isso é muito positivo.

Passamos para a **leitura inferencial**, momento de análise um pouquinho mais profunda. Pedi que os alunos, juntamente comigo fôssemos lendo o poema, para ver o que não conseguiram perceber na primeira leitura, palavras ou expressões que não conhecessem. Para direcionar essa socialização, propomos algumas perguntas, como: Quem é boiuna, que aparece no título do poema? O que é paisagem? Qual o significado da palavra paisagem no poema? Que elementos do poema você conhece, sabe o que é? Que expressões do poema você sabe o significado? Que expressões ou palavras você não tem noção do que significam? Como estávamos continuando uma discussão, as perguntas serviram apenas como complemento.

E esse era o objetivo, com os questionamentos, eles vão enriquecendo o conhecimento dos alunos sobre os elementos presentes nos poemas de autores amazônicos. Com relação ao primeiro questionamento, poucos alunos não tinham feito a relação da boiúna com a cobra grande, e que é uma personagem lendária. Sobre os elementos presentes no poema e expressões ou palavras conhecidas por eles, conseguiram comentar sobre o significado, como por exemplo, “publicando”, “lago”, “universo” “escama” “rio”. Uma expressão que eu imaginava que seria comum para eles, alguns alunos disseram que sabiam, é a expressão “cunhantã” ou “cunhã”. Outras expressões que não souberam explicar foi “dádiva” “cativa” “dádiva”. Porém, com a leitura, analisando o contexto, conseguimos chegar aos significados das expressões presentes no poema, ou seja, conseguimos entender o contexto, pelo no entendimento dos alunos e do professor. Pois o entendimento do aluno não é o mesmo do autor, ou o que o autor quis dizer, mas o que ele, o aluno, conseguiu entender. Não esquecendo que estamos trabalhando com texto literário, aquele que permite infinitas interpretações. Assim afirmam Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017)

A leitura inferencial é aquela que exige do leitor transpor a superfície textual e produzir inferências ou realizar outras tarefas baseadas em inferências. Estamos falando de uma leitura mais profunda, de uma compreensão mais consistente do texto... Normalmente, continuamos a leitura, por mais algumas palavras ou frases, para ver se “dá pra entender” grifo dos autores, sem ter de recorrer a um dicionário. (FERRAREZI JR; CARVALHO, 2017, p. 105)

E para finalizar esta parte oral, passamos para **socialização da leitura interpretativa**, momento em que os alunos são levados a aprofundar mais o seu entendimento sobre a leitura, questionando, contribuindo, tirando dúvidas, se fosse o

caso. Para direcionar esta socialização, propus alguns questionamentos, como: Em se tratando de mitos e lendas, que são mitos? O que são lendas? Para que servem? Na sua opinião, o que significa paisagem no título do poema? Você acha que os elementos, como por exemplo, cunhantã, cobra-grande, rio, lago, escama, encanto que aparecem no poema têm relação com a nossa região? Com a realidade do povo ribeirinho? Justifique. Sobre a linguagem utilizada no poema, você achou fácil, difícil ou muito difícil? Justifique. O que poderíamos concluir a partir da compreensão e interpretação da leitura desse poema? Que reflexão poderíamos fazer a partir dessa leitura? Se pararmos para pensar sobre a Amazônia e suas histórias, esse poema retrata esses acontecimentos da nossa região ou são apenas histórias do passado? É o momento de uma leitura mais profunda; que segundo Ferrarezi; Carvalho (2017):

Na leitura interpretativa, o leitor vai além da superfície e das pistas textuais que permitem inferências de vários tipos e chega a uma aplicação coerente do texto em relação a fatos da existência, conjugando sua leitura de mundo com a leitura do texto. Na leitura interpretativa, o leitor transcende os limites do texto e adentra o ilimitado campo das vivências pessoais, retirando do texto as mais singulares possibilidades de compreensão e usufruindo do texto de forma mais madura e complexa (FERRAREZI JR; CARVALHO, 2017 p. 113)

Para os alunos, mito e lenda são a mesma coisa. E não vem ao caso, explicar pra eles a diferença entre os dois, o interessante foi perceber como eles entendem. Parte considerável dos alunos diz que lendas ou mitos são histórias não reais, inventadas pelas pessoas, são histórias de seres encantados, uns ainda arriscam, dizendo que lendas são “mentiras” que as pessoas mais velhas contam. Lembro aqui que, em estudos atuais, as denominações “mitos” e “lendas”, são consideradas narrativas orais. Mas para este trabalho, com os alunos de 6º ano, utilizei as duas palavras como sinônimas, sem conceitua-las como narrativas orais. O que me chamou a atenção foi que a turma comentou muito bem sobre os elementos presentes no poema. Dizem que esses elementos fazem parte da nossa região, fazem parte do dia a dia, até porque já tínhamos falado na leitura anterior, e o interessante é que como tem muitos alunos com o pai ou irmãos que são pescadores, essa relação é feita com mais facilidade.

Com relação ao entendimento sobre o tema abordado, utilizamos apenas a última pergunta, que já contempla as outras. O que lembro, aqui é que quando

perguntamos sobre o que trata o poema, o assunto, o tema abordado, eles dizem o título do poema. Então, resolvi trabalhar apenas o último questionamento. E eles até que falaram com uma certa propriedade, dizendo que os elementos citados no poema fazem parte da nossa realidade, e as histórias, as lendas dos seres encantados também fazem parte da nossa realidade, porque são contadas pelo povo dessa região. Mais uma vez observamos o conhecimento de mundo dos alunos, ou o conhecimento prévio. Solé (1988), reforça essa importância do conhecimento de mundo.

Assim, o leitor usa simultaneamente seu conhecimento do mundo e seu conhecimento do texto para construir uma interpretação. Por isso a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam à construção de uma interpretação (SOLÉ, 1998, p. 24 e 27)

Observamos também que muitos alunos ainda acham que essas lendas já são histórias do passado, que ninguém acredita mais; porém, outros discordam, dizem que ainda fazem parte do nosso presente e que elas têm que continuar existindo. Esse foi um dos momentos principais, por que os alunos tiveram a oportunidade de dar suas opiniões, suas justificativas. E para complementar essa discussão, a minha participação enquanto mediadora, foi indispensável, esclarecendo alguns pontos, como por exemplo, a importância de se preservar essas histórias, porque para quem as conta, elas são tidas como verdades. É o caso da boiuna. Esse poema relata, em suas entrelinhas, uma das lendas da cobra-grande, que fica no Lago Juá (na cidade de Santarém), cobra que recebe presentes do povo que mora próximo ao lago, inclusive moças virgens. Pra quem mora naquele lugar, isso se transforma em fato real. As lendas, como ainda são conhecidas pela maioria dos ribeirinhos, fazem parte da nossa cultura. E a poética de Paes Loureiro é fantástica, é rica em elementos da natureza amazônica, é como se cada um desses elementos ganhasse vida, e ganham. É a experiência do povo da Amazônia, os rios, os lagos, as florestas estão presentes não apenas nesse poema, mas em todas as produções poéticas de Paes Loureiro. Assim afirma IANNI (2011):

A obra de João de Jesus Paes Loureiro deve ser vista como uma larga narrativa, uma vasta cartografia, um imenso mural, relativo ao muito do que foi e do que tem sido a Amazônia. Aí se desenham as realidades e os

mistérios, as lutas e as ilusões, as conquistas e as frustrações, as lendas e os mitos da Amazônia. Aí está a Amazônia vista em toda a sua singularidade, simultaneamente como momento da nacionalidade, emblema do Novo Mundo, enigma do Planeta Terra, fragmento da Humanidade. (IANNI, 2011, p. 11)

Após o processo de leitura e as considerações acerca do poema, utilizo aqui alguns comentários que foram compartilhados com os alunos, como por exemplo, o fato de a lenda da Cobra Grande ter uma simbologia muito maior do que aquela contada pelos nossos pais e avós ou lidas em livros de lendas amazônicas. E que o símbolo da serpente sempre esteve na mitologia como um ser do mal, que representa uma espécie de demônio, um ser encantado, que traz o medo, encanta, leva, domina as pessoas, mas que ao mesmo tempo atrai; configura-se como algo visível invisível, algo que vai além do mundo terreno e se torna sublime. E nessa paisagem contemplativa, nessa mistura do visível e invisível, o homem se vê incluído.

5º MOMENTO: PRODUÇÃO TEXTUAL

Nono dia: 2 aulas de 45 minutos.

- ✓ Realização da produção escrita. Para isso, os alunos foram orientados a levarem em consideração os questionamentos e as discussões feitas durante a socialização.

Observação: Esses cinco momentos serão utilizados para todos os poemas aqui apresentados.

Após essas considerações do professor, da socialização da parte interpretativa oral passamos agora para a produção escrita. Orientei os alunos que eles iriam produzir um texto a partir das discussões sobre o poema. O resultado dessas discussões seria um texto escrito em que eles poderiam utilizar a sequência das perguntas para comentar sobre o poema. Vale lembrar, que os alunos, fizeram primeiro o rascunho no caderno, e, de acordo com as orientações, levavam para eu ir corrigindo, fazendo pequenas observações. Só depois, distribuí uma folha para eles passarem a limpo o seu texto e entregá-lo.

Com os textos em mãos, é visível a grande dificuldade que os alunos têm quando se trata da produção escrita. Porém, como estávamos na primeira produção,

considerarei natural, pois, como sempre retorno à caracterização dos alunos, a maioria com bastante dificuldade na escrita. No entanto, percebi a insistência desses alunos em querer produzir os textos. E aí fico a imaginar o quanto eles precisam de leitura e de práticas de escrita, pois, de acordo com os textos produzidos, a parte ortográfica é ainda a mais precária, junta-se à isso, a pontuação, a organização em parágrafos, os conectivos quase não são utilizados para formar o texto. Poucas produções estavam organizadas em parágrafos. Por outro lado, consegui entender o que o aluno estava querendo dizer no seu texto. O que pude confirmar e concluir nesse primeiro momento é que a produção oral é desenvolvida com mais facilidade, uma vez que as ideias não aparecem muito organizadas. Ou seja, quando o aluno fala, participa das discussões, está exercendo com eficiência a sua oralidade, pois essa prática faz parte do seu dia a dia. Daí dizermos que a dificuldade está na escrita, uma vez que o aluno consegue entender o que foi lido, consegue expressar a sua opinião oralmente, mas bem pouco consegue escrever de forma coerente. Então, escrever se torna difícil ou é só uma questão de prática de leitura? O que nós, professores, devemos fazer para que aproxime a oralidade da escrita, levando em consideração o público estudantil que nós temos? De acordo com a reflexão de SOLÉ (1998) “aprende-se a ler e a escrever lendo e escrevendo, vendo outras pessoas lerem e escreverem, tentando e errando, sempre guiados pela busca de significados ou pela necessidade de produzir algo que tenha sentido” (SOLÉ, 1998, p. 61).

A partir dessa reflexão, fica claro, então, a nossa significativa contribuição enquanto mediadores da leitura em sala de aula. E a aplicação desta proposta é apenas o início de uma caminhada, em que serviremos de modelos para os nossos alunos. E para isso, deveremos embarcar juntamente com eles nesse mundo da leitura, e não esperar que a “mágica” aconteça. Eles irão, escrever, errar, refazer. E nós estaremos sempre junto com eles, em busca de uma produção que tenha sentido. Pois, o aluno só terá sucesso na sua leitura e escrita quando estas fizerem sentido em sua vida.

Décimo dia: 1 aula de 45 minutos.

- ✓ Leitura do poema: “A lição do rio”, de Thiago de Mello (segundo os mesmos passos da leitura anterior)

A lição do rio

Ser capaz como um rio
 Que leva sozinho
 A canoa que se cansa
 De servir de caminho
 Para a esperança.
 E de lavar do límpido
 A mágoa da mancha,
 Como o rio que leva,
 E lava.
 Crescer para entregar
 Na distância calada
 Um poder de canção,
 Como o rio que decifra
 O segredo do chão.
 Se tempo é de descer,
 Reter o dom da força
 Sem deixar de seguir.

1. Leitura silenciosa.
2. Leitura expressiva feita pela professora.
3. Leitura expressiva feita pelos alunos

Décimo primeiro dia: 2 aulas de 45 minutos.

- ✓ Socialização da leitura compreensiva: de superfície, inferencial e interpretativa.

Seguindo os passos da proposta metodológica, em primeiro momento foi feita a leitura **silenciosa**, seguida da leitura **expressiva feita pela professora**, fazendo sempre as observações sobre a leitura dos poemas, como a entonação, a sonoridade, a importância de se ler em voz alta. O próximo passo foi a **leitura expressiva** dos alunos. Para este poema, selecionei 8 alunos que ainda não tinham lido, em que cada um fez a leitura de quatro ou cinco versos. A leitura ainda ficou um pouco confusa, e, por causa da dificuldade pedi que lessem mais uma vez, e então, conseguimos com que a turma prestasse mais atenção e acompanhasse a leitura. Pois volto a frisar aqui que, um dos fatores que contribuem para a falta de concentração dos alunos, é o barulho nos corredores.

Após a leitura, iniciamos a socialização da leitura compreensiva, que se divide em duas etapas: de superfície e de inferência, como já foi enfatizado no início. Para direcionar socialização da leitura de superfície, propomos os seguintes questionamentos: Gostaram do poema? Por quê? Acharam difícil fazer a leitura? Conseguiram entender alguma coisa De maneira geral, de que trata o poema? Esse poema tem relação com os poemas anteriores? Para este poema, a primeira fala dos alunos foi “achei legal, mas é muito grande”. Mas não acharam difícil para decodificar. No entanto, gostaram do título, que fala de lição. E logo eles começaram a dizer o sentido de lição que, de acordo com o que se percebe no poema, como um tipo de ensinamento. E que a relação desse poema com os outros, é que também fala de rio. O rio, então aparece aí, segundo os alunos, como algo muito comum entre os poemas desses autores. Continuando com a nossa socialização, passamos para os questionamentos que norteiam a leitura de inferência: Iniciando com o título do poema: O que significa a palavra lição? Que elementos do poema você conhece? Sabe o significado? Que palavras ou expressões você não sabe o que significa?

Como já haviam iniciado a discussão logo no início, na leitura de superfície, a maioria dos alunos já havia percebido, entendiam que o rio estava dando uma lição ao leitor; porém, alguns alunos lembraram da palavra lição, utilizada na frase, “você tem lição de casa”, “a lição do livro”, que são relacionados à tarefa que se deve fazer, ou seja, outros sentidos da palavra lição. Sobre alguns elementos do poema ou expressões conhecidas por eles, as mais comuns foram: rio, canoa, caminhos, mágoa, distância, segredo, amor. Palavras bem significativas dentro do poema, águas.

Com relação às expressões a que me refiro são os versos ou as frases em sentido conotativo que compõem o poema. Eles disseram que pouco compreenderam. E com razão, esse poema, como tantos outros de Thiago de Mello, não possuem uma linguagem tão simples assim, os poemas são de uma profundidade, que merece muita leitura. Mas como o objetivo aqui é fazer uma análise de acordo o nível de leitura do 6º ano. Assim, fui fazendo a leitura com eles e comentando, já aproveitando para passar para socialização da leitura interpretativa, com os seguintes questionamentos: O que você entende com o título do poema “ A lição do rio”? O que poderíamos dizer sobre isso? A quem é direcionado o poema? Entre que elementos é feita uma comparação? Justifique.

Que vantagem tem o rio em relação ao homem, segundo o poema? De modo geral, que tema ou assunto é abordado no poema? Poderíamos dizer que esse poema tem a ver com a nossa realidade, com as nossas atitudes, com a nossa existência enquanto seres humanos? Sobre o primeiro questionamento, os alunos entenderam, até porque já tinham comentado antes, falaram também sobre a importância do rio, não apenas para o ribeirão da Região Amazônica, mas para todo ser humano. Sobre o segundo questionamento, não conseguiram entender onde estava a lição dada pelo rio, e, assim como os outros questionamentos, estes mereceram o comentário da professora:

Como já citei anteriormente, no subtítulo Conhecendo os poeta, os poemas de Thiago de Mello trazem em seu íntimo, uma reflexão sobre a existência humana, sobre as suas atitudes em relação à humanidade, à sociedade de modo geral. Ele expressa os conflitos do seu tempo, o mal-estar nos fins da II Guerra Mundial, Ditadura militar, momento conturbado e descrenças por parte da humanidade. Mas, o poeta acredita que, mesmo com as adversidades do mundo, desse mundo de corrupção, de maldade, de tanta barbárie, ainda somos capazes de nos tornarmos seres humanos melhores; que a esperança não pode deixar de existir: “O poeta emerge de seus conflitos interiores. Sua poesia desabrocha para a vida, para a construção de um mundo mais luminoso para o ser humano”. (TELLES, 2006, p.23 – A floresta vê o homem).

O poema *A lição do rio*, é um dos poemas escritos por Thiago de Mello, tendo como inspiração o Rio Amazonas, que o poeta denominou de Pátria da Água, e o seu olhar de esperança e de crença num mundo melhor aguçou quando ele retornou ao seu lugar de infância, a região Amazônica.

Interessante é que ao mesmo tempo que Thiago de Mello se utiliza de elementos regionais, como “canoa”, “rio”, palavras muito usadas na região amazônica, seu poema acaba tomando uma dimensão universal, é o que se percebe, por exemplo, no poema *A lição do rio*. Que lição é essa que o rio nos dá? Qual é a capacidade, a possibilidade que o rio tem de nos proporcionar um ensinamento? Thiago de Mello utiliza com muita propriedade a linguagem metafórica. A comparação entre a vida e as atitudes dos seres humanos é comparada às ações do rio. A capacidade que o rio tem de superar as dificuldades, de mudar ou se tornar o mesmo: “Ser capaz, como um rio, que leva sozinho a canoa que se cansa, de servir de caminho para a esperança...”. Em que medida o ser

humano se cansa? Se cansa das adversidades do mundo. Se cansa da labuta do dia a dia. Se cansa das injustiças, da violência. Mesmo assim, ele não pode e nem deve perder as esperanças. Assim, essa utopia apresentada por Thiago de Mello, é uma utopia vivida por todos nós, que ainda sonhamos com uma sociedade mais justa, mais humana.

A água do rio é livre para fazer o seu curso, e nesse curso, ela vai levando e lavando tudo o que encontra à sua frente, até mesmo a mágoa da mancha. O rio desaparece no subterrâneo, mas depois volta, reaparece e continua o seu curso. O rio pode até nascer de outros rios, mas continua o seu curso até chegar nos oceanos. Mesmo diante de todo o seu percurso, com todas as adversidades, ele chega ao seu destino, sem deixar de ser o mesmo: “Mudar em movimento, mas sem deixar de ser o mesmo ser que muda. Como um rio”. Sobre a simbologia do rio, presente no poema de Thiago de Mello, o autor comenta:

A lei do rio não cessa nunca de impor-se sobre a vida dos homens. É o império da água. Água que corre no furor da correnteza, água que leva, água que lava, água que arranca, água que se oferta cantando, água que se despenca em cachoeira. (MELLO, 2005, p. 24)

A água apresenta-se como algo indispensável na vida do ser humano. Esse ser humano que no decorrer de sua vida passa por incontáveis momentos de tristeza, de alegrias, de conquistas e de derrotas, e, conseqüentemente, vêm as transformações, uns se tornam melhores, outros piores. Porém o que acredito que quando Thiago de Mello fala de “*mudar sem deixar de ser o mesmo*”, pelo menos é o que compreendo, é não perder a essência. Analisando dessa forma, todo ser humano possui uma essência, e essa não se deve corromper com facilidade. E no poema “*Lição do rio*”, fica evidente esse ensinamento e, ao mesmo tempo, um apelo ao ser humano, para que este, assim como o rio, também faça o seu percurso, mas que consiga seguir em frente, sem deixar de ser o que é.

Décimo segundo dia: 2 aulas de 45 minutos.

- ✓ Produção textual.

Décimo terceiro dia: 1 aula de 45 minutos.

- ✓ Continuação e finalização da produção escrita.

Após as considerações do professor e da leitura interpretativa, seguindo a proposta metodológica, os alunos foram orientados a fazer a produção textual, tendo como base, os questionamentos feitos durante a socialização de todo o processo de leitura. Primeiramente eles fizeram no caderno, levando para que eu pudesse fazer as observações, em seguida passaram a limpo para entregar.

A primeira análise que faço é com relação a participação dos alunos, primeiro na produção oral. Mesmo com dificuldades, percebemos que os alunos começaram concentrar-se mais na leitura, fazer a leitura em voz alta com mais propriedade, como comentamos anteriormente, na aplicação da proposta metodológica. E como eles estavam com o caderno de atividades em mãos, com todos os passos da proposta, uns já chegavam na sala comentando sobre o que leram, antes mesmo que fosse solicitado. E quem não sabia, já perguntava sobre o poema que íamos ler. Esse interesse pela leitura, mesmo que de forma fragmentada em sala de aula, já é um ponto muito significativo. E o que é mais interessante, em nenhum um momento perguntaram quantos pontos valia. O que confirma que os nossos alunos estão acostumados mesmo é ler apenas quando são avaliados por notas, ou seja, se tirarem boa nota, passam de ano, ao contrário, terão o castigo da repetência. Pois, segundo Ferrarezi Jr. e Carvalho (2017):

O privilégio da leitura deve ser insistentemente apresentado com algo que mudará a vida da criança para melhor, algo feito por pessoas realmente inteligentes e que, por isso, é um privilégio a ser conquistado. A leitura nunca deve ser associada a qualquer forma de castigo escolar ou punição por baixo aproveitamento escolar. (FERRAREZI JR. e CARVALHO, 2017, p. 44)

Com relação ao interesse pelas produções dos poetas amazônicos, percebemos o interesse de alguns alunos e, só o fato de eles ficarem comentando sobre os poetas em conversas paralelas, já vejo um ponto positivo, ou de estarem com os livrinhos na mão, lendo outros poemas que não foram analisados, é muito gratificante. Pois conheço os meus alunos, e sei, o quanto falta motivação para que eles leiam, e não é só motivação relacionado ao incentivo, em sala de aula, mas o contexto social em que cada um se encontra.

E, ao analisar a segunda produção escrita, em alguns textos, percebemos um pequeno avanço. Pois eles já sabiam que tinham que produzir os textos, então procuraram organizar melhor, tendo mais cuidado iam escrever, mesmo assim,

todos os problemas anteriores, continuaram, como os de ortografia, de coesão e coerência, de pontuação. E com razão, tempo que tivemos para fazer essas leituras, foi muito pouco. Por outro lado, o nível de compreensão e interpretação avançou minimamente. Mas considero como algo positivo.

Décimo quarto dia: 2 aulas de 45 minutos – leitura do poema “ Garrafeiro”, do poeta Paulo Nunes (Seguindo os mesmos passos das leituras anteriores).

“Garrafeiro”

Garrafeiro
 Seu Antônio empurra
 Um carro e vende sonho.
 __ Quer vender garrafa, madame?
 O rosto de seu Antônio
 Forma estradas de ruga e mágoa.
 Todo magrinho
 Seu Antônio
 Assovia feito passarinho.
 __ Quer vender garrafa, doutro?
 Seu Antônio conta histórias
 De bruxas e fadas e a
 Molecada escuta boquiaberta.
 Certa vez, seu Antônio,
 Ao comprar uma garrafa,
 Descobriu um gênio dentro dela.
 Seu Antônio fez três pedidos...
 E quando demos por nós
 O velhinho tinha virado anjo

1. Leitura silenciosa.
2. Leitura expressiva feita pela professora.
3. Leitura expressiva feita pelos alunos.
4. Socialização da leitura de superfície.
5. Socialização da leitura inferencial.

Seguindo os passos que foram propostos, os alunos fizeram a **leitura silenciosa**. Lembrando aqui que parte dos alunos já tinham feito a leitura em casa, uma vez que esses já tinham em mãos o caderno de atividades. Mais uma vez reforço aqui, que a turma já consegue concentrar-se melhor para as leituras, mesmo com o barulho nos corredores.

Dando continuidade, passamos para o segundo passo, a **leitura expressiva da professora**. Acredito que esta foi uma das melhores leituras ouvidas até, então.

A atenção dos alunos foi maior, pelo fato desse poema ter uma característica narrativa, em que se conta a história de um homem que compra garrafas. Agora passamos para a **leitura expressiva** dos alunos. Essa leitura foi organizada em forma de jogral, sendo dividida a turma em 5 grupos. Cada grupo ficou responsável de ler uma parte do poema. Para que a leitura fosse melhorada, eles leram mais de uma vez. Esta parte muito importante da leitura oral, pois como citei no início deste trabalho, parte dos alunos dessa turma, realmente leem muito precariamente. O que já me deixou bem satisfeita. Na sequência, passamos para a parte da socialização da leitura. Para a leitura de superfície e socialização, partimos de questionamentos básicos, como, gostaram desse poema? Acharam difícil fazer a leitura? Conseguiram entender alguma coisa? De maneira geral, de que trata o poema? Esse poema tem relação com o poema lido anteriormente? O que de diferente ele tem dos outros poemas? O que mais chamou a sua atenção na hora da leitura? Por quê?

Para esses questionamentos, a maioria da turma disse que gostou do poema, que achou mais simples para ler. Não tinha palavras muito difíceis, por isso foi fácil fazer a leitura. Comentaram que o poema tratava de um homem que comprava garrafas, e que era meio diferente dos outros poemas lidos, que falava de rio, de cobra. Geralmente eles falam sobre as palavras que se destacam nas leituras. Disseram que foi o fato de o homem garrafeiro virar anjo. Lembro aqui, que essa foi a fala da maioria; nem todos se pronunciaram. O interessante é que mesmo que os questionamentos fossem só para oralizar, eles escrevem no caderno as suas repostas. Então, se formos olhar todos os cadernos, eles escreveram alguma coisa, mesmo que não seja muito entendível.

Décimo quinto dia: 1 aula de 45 minutos (continuação).

✓ Continuação e conclusão da leitura inferencial

Continuamos com os questionamentos, para a leitura de inferência: A partir do título do poema: O que é um garrafeiro? Quem era o vendedor de garrafas? Que elementos do poema você conhece? Sabe o significado? Que palavras ou expressões você não sabe o que significa? Comentando os questionamentos, os alunos disseram que era alguém que vendia ou que comprava garrafas e quem vendia as garrafas era um homem pobre, que não tinha um outro emprego. Das

palavras do poema, não tinha quase nenhuma palavra que eles não soubessem o nome, com exceção da palavra “boquiaberta”, que, depois de analisar dentro do contexto, eles conseguiram entender: “a molecada escuta de boca aberta”.

Décimo sexto dia: 2 aulas de 45 minutos (continuação).

- ✓ Socialização da leitura interpretativa.
- ✓ Comentário do professor acerca do poema lido.

Dando sequência, passamos para a leitura interpretativa. Para isso, partimos das perguntas norteadoras: Na sua opinião, de modo geral, qual o tema, assunto abordado no poema?

Para esta pergunta, a maioria dos alunos considera o título do poema como se fosse o assunto, ou seja, “Garrafeiro”. Mas a maioria já consegue dizer mais alguma coisa, como por exemplo: “trata sobre um homem que compra garrafas”, “de um homem que conta histórias”, “de um homem que virou anjo”, “de um gênio”. Como você descobriu? Eles dizem foi através das frases. Complementando o comentário dos alunos, o professor reforça que, possivelmente o poema, retrata a infância do autor, fase em que ele sentava para escutar histórias. Que palavras sugerem isso? Os alunos dizem que não tem nenhuma palavra, mas acham que quando o poeta era criança, ele gostava de escutar histórias. Já com a ajuda do professor, observamos a palavra “molecada”, a expressão “histórias de fadas” e a presença do verbo “demos”, como se o poeta estivesse presente escutando as histórias, e do tratamento “seu” quando o narrador refere-se ao Seu Antonio, como se ainda fosse crianças e estivesse lá. O poema se torna uma espécie de narrativa, uma vez que narra acontecimentos. Onde acontecem os fatos? Para este questionamento, a maioria dos alunos disseram que era nas ruas de uma cidade, o que fica bem claro no poema. Quando acontecem? De acordo com o comentário dos alunos, fica claro que é durante o dia. Quais são as personagens que fazem a história acontecer? Eles dizem que são todos que participam dessa história, o Seu Antonio (o garrafeiro), as crianças, representado pela “molecada”, a madame, o doutor, o gênio também aparece como personagem para os alunos.

Dando continuidade, o professor abre espaço para o seguinte comentário, para em seguida, continuar com os questionamentos. A metáfora presente no poema e jogo das palavras fazem com que haja uma certa harmonia, como se o

autor brincasse com as palavras, uma característica marcante dos seus poemas em *Banho de Chuva*. Que sentido poderíamos atribuir às seguintes expressões: “vender sonhos”, “Forma estradas de rugas e de mágoas”, “O velhinho tinha virado anjo”. Para a primeira expressão, os alunos não souberam dizer nada, disseram não entender a expressão. Para a segunda expressão, alguns alunos arriscaram, dizendo que nasciam muitas verrugas no rosto do homem por causa da preocupação dele com os filhos e com outras coisas, e que quando um filho magoa o pai ou a mãe, estes ficam magoados. Ou seja, o número mínimo de alunos, conseguiram sair da leitura superficial. E, com relação a terceira expressão “O velhinho tinha virado anjo”, todos os alunos disseram que o velhinho tinha virado anjo de verdade. Continuando a socialização, o professor foi criando as possibilidades, será que ele virou mesmo um anjo, “vendia sonhos”. Que sonhos eram esses? O professor comenta que os sonhos vêm através das histórias; Para cada história contada, era um despertar no imaginário dos meninos. É comum termos lembranças da nossa infância. Será que essas lembranças ajudam de forma positiva no nosso crescimento enquanto seres humanos? Justifique. Perguntas um tanto complexas para os alunos do 6º ano, mas, com a ajuda do professor, conseguiram tecer muitos comentários, assim como outros questionamentos que foram surgindo, como, por exemplo: será que seu Antônio morreu; uma vez que apareceu deitado na calçada? Ou será que estava só dormindo? É uma das possibilidades, a do Seu Antônio ter morrido. Dando continuidade, o professor pergunta aos alunos: E vocês, mesmo ainda crianças, a maioria com 12 anos, vocês lembram de algumas coisas especiais que aconteceram em suas vidas, alguns anos atrás? Que acontecimentos?

Todos os alunos comentaram que lembravam, sim de acontecimentos, e foram falando do que lembravam. O interessante é que eles falam como se fosse um passado bem distante. E o professor completou, dizendo que as lembranças boas nos ajudam a viver melhor, mais felizes e sentir saudade desse tempo. Segundo o poema, seu Antônio contava muitas histórias, e a molecada gostava. Será que hoje as nossas crianças continuam gostando de ouvir histórias? Os alunos disseram que sim, eles gostam, até preferem que alguém conte sem ter que ler de um livro, parece mais real. Alguns alunos até relataram que seus avós contavam histórias e eles gostavam. Será que essas histórias ainda têm o mesmo “gostinho” de antigamente? Justifique. À princípio eles não compreenderam. Esclarecendo

melhor a pergunta, os alunos dizem que não para todos. Tem alunos que gostam mais de fazer outras coisas como, assistir televisão, brincar de bola e de outras brincadeiras, ainda ficar no celular.

O poema “Garrafeira”, retrata o cotidiano da vida do belenense, que era movimentada, principalmente quando se tratava do comércio. Você percebe a presença de garrafeiros nas ruas de sua cidade? Os alunos que moram mais na periferia disseram que já viram alguém comprar garrafas, mas para fazer artesanato. Outros disseram que agora só veem gente juntando latinhas para vender. Disseram também que a compra de garrafas plásticas ou pet, assim como as latinhas servem para muita coisa, principalmente para ajudar na preservação do meio ambiente.

Passamos para o comentário sobre o poema, momento em que o professor faz as considerações gerais sobre o poema e o poeta.

Já na introdução da 5ª edição da obra *Banho de Chuva*, Bartolomeu Campos de Queiroz, comenta na introdução dessa obra:

Mais do que de chuva, o livro é banhar-se em poesia. Versos claros pela rigorosa sonoridade perseguida em suas construções. Há o cotidiano reinventado, como convém à poesia, sem afastar-se da fidelidade à proposição, mas ampliando em humanidade cada personagem ou fado. Abrindo portas para um novo olhar, *Banho de Chuva* trouxe-me, ainda, saudades de Belém. (QUEIROZ, 2010)

Não é difícil compreender as narrativas de Paulo Nunes apresentados em seus poemas de *Banho de Chuva*. A memória narrada em forma de poema, proporciona ao leitor uma certa familiaridade com as outras cidades da região. Quem nunca ouviu os avós contarem como era no tempo deles? E na maioria das vezes afirmam que era bem melhor nesse tempo.

Em *Garrafeira*, Paulo Nunes apresenta uma das personagens importantes no comércio, o comprador de garrafas, um homem que, assim como o engraxate, o popunheiro, a doceira e outros vendedores de rua, procuram honestamente ganhar o seu dinheiro, fazendo esse trabalho com toda a satisfação. Para isso, ele bate de porta em porta, até encontrar um vendedor. Entretanto, durante o seu percurso, seu Antônio aproveita para contar as suas histórias para a molecada.

É importante perceber a harmonia na construção do poema, assim como as metáforas utilizadas em: “Seu Antônio empurra um carro e vende sonho”. Vende esperanças, pois apesar do cansaço do dia a dia, do sofrimento que passa nas ruas,

sem se alimentar adequadamente, com o rosto marcado de tanto sol, ainda assim, é feliz: “O rosto de seu Antônio forma estradas de ruga e mágoa”. A felicidade é camuflada através das histórias que seu Antônio conta para as crianças. E sente feliz como um passarinho assobiando, porque as histórias contadas por ele recebem atenção especial: “*Assovia como um passarinho*”, “*A molecada escuta boquiaberta*”. Porém, quanto mais seu Antônio anda nas ruas fazendo o seu trabalho, vai definhando, de tanto cansaço, mas não desiste, até que um dia tudo acaba:

Certa vez, seu Antônio,
Ao comprar uma garrafa,
Descobriu um gênio dentro dela.
Seu Antônio fez três pedidos...
E quando demos por nós
O velhinho tinha virado anjo

A partir do momento que seu Antônio se transforma em anjo, ninguém mais poderá vê-lo, nem ouvi-lo contar histórias. Tudo acabou como num passe de mágica. Seu Antônio se transformou num anjo, passagem da vida para a morte? Não sabemos dizer se é isso mesmo, pois o que vale aqui, é a compreensão do leitor. Pois, assim, Paulo Nunes vai tecendo o seu Banho de chuva, com muita imaginação, revelando vários acontecimentos que ficaram na sua memória, transformando-os em uma boa narrativa, com um toque especial de criatividade e de brincadeira com as palavras.

Assim, como *Garrafeira* e *Chuvisco*, todos os poemas da obra *Banho de chuva* são uma verdadeira melodia aos ouvidos do leitor, são histórias contadas através da poesia, vai além das narrativas. Segundo Heliana Maria Brina Brandão: “*Banho de Chuva é descendente direto de Isto ou aquilo, de Cecília Meireles*”. E quem nunca se deliciou com esse poema e outros de Cecília Meireles? As lembranças de uma infância nos poemas de Paulo Nunes, nos remete também às lembranças de nossa infância. Daí as semelhanças com poemas de Cecília Meireles, na brincadeira com as palavras, com as rimas e com a melodia. São poemas para recitar. Parece um modo antigo de fazer poema, mas são esses poemas que proporcionam ao leitor uma leitura mais prazerosa, seja recitada, seja cantada, seja batendo palmas, sem deixar de abordar assuntos e pessoas reais, bem como proporcionando conhecimentos linguísticos e culturais ao aluno.

Décimo sétimo dia: 1 aulas de 45 minutos.

- ✓ Produção textual.

Décimo oitavo dia: 2 aulas de 45 minutos.

- ✓ Continuação e finalização da produção textual.

Dando sequência a atividade proposta, os alunos fizeram a produção textual. Lembrando que essa produção é baseada nos passos da leitura e interpretação textual, feita de acordo com os questionamentos. Ou seja, o aluno utilizou os questionamentos para construir o seu texto, de acordo com a orientação do professor. Este momento, os alunos iam escrevendo e trazendo para que o professor fizesse algumas observações, em seguida, devolveu aos alunos para que estes passassem à limpo os textos e os entregassem.

A partir da leitura deste último poema, percebo que só aumenta o interesse dos alunos pela leitura de poemas, mesmo que seja por curiosidade. Alguns até comentaram sobre a possibilidade, depois da aplicação da proposta, dar continuidade à leitura dos outros poemas do caderno de atividades. Percebo, então que, embora, com as limitações dos alunos com relação à oralidade, a dificuldade em se expressar, já podemos observar pontos bastante positivos, como a participação maior nos questionamentos e também na elaboração dos comentários, assim como o cuidado na elaboração da leitura expressiva. O que só irá melhorar com a prática constante em sala de aula. Pois, afirmo que é sim, possível, levar os nossos alunos a praticar a leitura, sem obrigá-los, não apenas de poemas, mas de qualquer gênero, e os literários, principalmente, uma vez que essa leitura é diferenciada. A leitura do texto literário é comparada a um jogo, em que o jogador é o leitor, é ele que cria as possibilidades atingir os objetivos da leitura, o sentido ou os vários sentidos. Pois, de acordo com Evangelista, Brandão e Machado (2003):

A leitura é um jogo em que o autor escolhe as peças, dá as regras, monta o texto e deixa ao leitor a possibilidade de fazer combinações. Quando ela faz sentido, este ganha a aposta. Mas isso só acontece porque o leitor aceita as regras e se transporta para o mundo imaginário criado. Se ele resiste, fica fora da partida. Ao mergulhar na leitura, entra em outra esfera, mas não perde o sentido do real e aí está, a nosso ver, a função mágica da literatura: através *dela vivemos uma outra realidade*, com suas emoções e perigos, sem sofrer as consequências daquilo que fazemos e sentimos enquanto lemos. (EVANGELISTA; BRANDÃO; MACHADO, 2003, p. 254)

Com relação à produção escrita, como já vínhamos acompanhado desde a primeira produção e é claro, com um tempo muito curto para que os alunos tivessem uma evolução considerável, levamos em consideração a sua os principais pontos que foram observados: Parte bem pequena dos alunos já apresenta em seus textos certa coesão e coerência, o que demonstra o nível de entendimento sobre o que leram. E ressalto aqui, que o entendimento do aluno, quando oralizado, apresenta mais sentido. Porém, quando passa para o papel, as dificuldades são bem visíveis, como a pontuação, a divisão em parágrafos, a questão ortográfica.

No entanto, não podemos considerar esse leitor como sendo deficiente, mas com uma certa proficiência. Pois um leitor, mesmo não escrevendo ou decodificando bem precariamente o que está escrito, não significa dizer que ele não entendeu nada. E isso já percebemos, quando um aluno não lê direito o que escreve, quando não escreve nada no caderno, mas, ao perguntarmos o que entendeu sobre determinado assunto, ele logo começa a falar. Kleiman (2008) a partir de uma pesquisa explica:

Dados de pesquisa mostram que a leitura de uma palavra que não está escrita, isto é, o que é considerado erro na leitura em voz alta, não reflete necessariamente um problema de compreensão: quando a palavra que o aluno substitui pela palavra do texto faz sentido, esse “erro”, é sinal de o aluno estar prestando atenção ao significado do texto e não apenas à forma, justamente o objetivo do ensino de leitura para o qual o ensino da forma, do código, é apenas um instrumento. (KLEIMAN, 2008, p. 36)

Entendemos, então, que a compreensão do aluno pode estar na forma escrita ou falada. Porém sabemos que somos movidos pelo sistema, em que para quem pretende ascender nas áreas em que o domínio da escrita é exigência máxima, precisamos criar possibilidades para que o aluno domine, não apenas a oralidade, mas, principalmente a escrita. Afinal, quem vai conseguir passar numa prova de redação para entrar no mercado de trabalho se não dominar a escrita: pontuações, ortografia, coesão e coerência, e acima de tudo, tecer argumentos?

6º MOMENTO: Socialização da produção escrita feita pelos alunos.

Décimo nono dia: 2 aulas de 45 minutos.

- ✓ Os alunos escolherão apenas uma entre as três produções realizadas para socializar com a turma.

Passamos, então para a socialização da produção escrita dos alunos. Neste momento pedimos para que 9 alunos fizessem a leitura dos seus textos. Para isso, o professor selecionou 3 textos sobre o poema de João de Jesus, 3 do Thiago de Mello e 3 do Paulo Nunes. Ou seja, apenas 9 textos foram lidos para toda a turma.

Esta penúltima atividade desenvolvida em sala de aula, proporcionou aos alunos, mais um momento de socialização, em que os textos produzidos pelos alunos foram lidos e, mais uma vez, percebemos a seriedade deles nas suas leituras. E a escuta pelos colegas que não leram nesse momento, mas que já haviam participado anteriormente.

7º MOMENTO: Ilustração dos poemas.

Vigésimo dia: 1 aula de 45 minutos.

- ✓ Os alunos farão a parte ilustrativa dos poemas que foram lidos.

Vigésimo primeiro dia: (2 aulas de 45 minutos).

- ✓ Continuação da ilustração dos poemas. Ainda neste mesmo dia, chegamos ao 8º momento, o de avaliação.

8º MOMENTO: Avaliação oral das atividades desenvolvidas.

9º MOMENTO: Exposição.

Vigésimo segundo dia: (2 aulas de 45 minutos).

- ✓ Pequena exposição das atividades dos alunos na área coberta da escola.

Chegamos ao final das produções. E, de acordo com a proposta metodológica, nesta aula, o professor orientou os alunos quanto a ilustração dos poemas. Cada aluno selecionou um dos poemas, acompanhado de sua produção textual para fazer uma ilustração, que em seguida foram expostas na área coberta da escola.

Este último momento foi o que eles mais gostaram, e, justamente, por isso que proporcionei este momento, em que, eles, mais uma vez teriam que ir fazendo a leitura dos poemas para fazer a ilustração. Tiveram também a oportunidade de selecionar o poema de acordo com o seu gosto; além de mostrar as suas habilidades artísticas no desenho. Enfim, um momento de descontração. Foi solicitado também que os alunos fizessem uma avaliação da proposta desenvolvida. E algumas falas foram: “gostei porque a gente não ficou copiando muito do quadro”,

pois os questionamentos e os textos estavam impressos; “gostei porque os textos não eram muito grandes”. “Gostei porque consegui entender alguma coisa”; “gostei porque nos poemas falava de lenda, de mito, de rio, de canoa, de coisas que a gente sabe o que é”; “Gostei porque li sobre poeta que nunca tinha visto”; “gostei porque conheci algumas histórias”; “não gostei porque às vezes não dava de entender direito por causa do barulho”, “algumas palavras eram difíceis de entender” “não gostei muito porque tinha que ler na frente”.

Diante dessas observações, percebemos que o nosso trabalho foi muito proveitoso; apesar de todas as dificuldades que os alunos têm com relação à leitura e à escrita, assim como de compreensão e interpretação, de tecer argumentos, de participar das socializações e pelo fato de ser pouco o tempo que passamos, não poderíamos esperar um resultado maior. Porém, o resultado poderia ser mais significativo se tivesse dado tempo de ler mais poemas, e também de fazer a refacção textual, que, pra mim, seria um dos momentos indispensáveis para o processo da produção escrita.

Com relação à experiência de apresentar aos alunos os poemas de João de Jesus Paes Loureiro, Thiago de Mello e Paulo Nunes, foi muito significativa, não só para os alunos, mas, principalmente para mim, como professora. Pois o que pesquisei, o que levei para a sala de aula, não era novo só para os alunos, mas também para mim, que, através das minhas pesquisas, procurei conhecer um pouco mais sobre essa literatura de expressão amazônica, que está por aí, nos poemas, nas narrativas, nas músicas, enfim, presente nos textos literários. E se a literatura tem caráter universal, a região amazônica precisa fazer parte desse universo. Porém, isso só será possível a partir do momento em que cada um de nós sair da teoria e procurar realizar um trabalho de leitura mais eficaz, voltado para os poetas que abordam em suas obras a literatura de expressão amazônica.

Só assim, haverá mais conhecimento e, conseqüentemente mais valorização dos poetas da Região Amazônica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura, sem dúvida, é o ponto de partida para que o aluno se torne um cidadão mais reflexivo, com ideias coerentes e atitudes mais acertadas que o ajudarão na transformação do meio em que vive. Nesse sentido, o professor desempenha um papel fundamental, o de mediador da leitura. E a leitura a que nos referimos aqui, não é uma leitura qualquer, mas a leitura de literatura.

Por que é importante ler literatura? Por que a literatura não serve para nada e, ao mesmo tempo para tudo. Não serve para nada que traga lucros em termos materiais, mas serve para que o leitor amplie o seu modo de ver com uma visão mais crítica o mundo que o cerca. A literatura tem o poder de transformar o ser humano. Essa é a reflexão feita por Britto. E Antônio Cândido complementa, dizendo que a literatura humaniza, e que ela é uma necessidade. E nós, precisamos urgentemente de uma sociedade mais humanizada.

Baseado no princípio de que a literatura é indispensável na vida do ser humano, trabalhar a literatura de expressão amazônica, e dentro dessa literatura, o gênero poema, voltado para os poetas dessa região: João e Jesus Paes Loureiro, Thiago de Mello e Paulo Nunes, foi uma experiência incomparável, assim como a produção oral e escrita dos alunos a partir da leitura de poemas desses poetas. Dessa forma, os alunos desenvolveram, não apenas a oralidade e a escrita, mas passaram a conhecer poetas da região Amazônica que, até o momento, eram desconhecidos por esses alunos.

Iniciei esta pesquisa trabalhando a parte conceitual de literatura, de leitura, de poemas. E a partir das leituras que realizei, percebo que minha pesquisa não termina aqui, mas é apenas o início de uma busca incessante de informações que, enquanto professora de língua portuguesa e literatura, preciso ter, para que eu possa contribuir com a aprendizagem dos meus alunos. E foi partindo dessa parte conceitual que pude tecer as respostas para as perguntas da minha pesquisa, e o que me deu suporte para que eu pudesse construir também a minha proposta metodológica.

O período reservado para a aplicação da proposta metodológica foi um tanto reduzido, por inúmeros fatores. Porém o material pedagógico direcionado aos professores, que estava previsto, foi construído. Esse material servirá como um

manual que deverá ser seguido fielmente, mas uma sugestão para o trabalho com poemas em sala de aula, pois, cabe ao professor adequá-lo de acordo com a sua necessidade.

Então, acredito que com a observação feita a partir da amostra aplicada em sala de aula, de acordo com o público-alvo, levando em consideração o espaço e todo o contexto em que nos encontrávamos, podemos tecer comentários que destacarão pontos negativos e positivos.

Sabemos que a leitura é um processo. E a metodologia utilizada para esse processo proporcionou aos alunos momentos de aprendizado que não encerraram no final do trabalho, mas que continuarão à medida em que se fizer necessário dar continuidade. Pois, trabalhar com a leitura de poemas foi muito proveitoso, tanto para mim quanto para os alunos, e trabalhar com poetas da região amazônica foi mais um diferencial na minha sala de aula. Os alunos, realmente não tinham conhecimento de nenhum dos poetas; assim como eu, que pouco conhecia, o que me levou a adentrar cada vez mais nas pesquisas, para, então, trabalharmos juntos.

É visível nos alunos essa inquietação em não se conhecer obras de autores desta região, o que se percebeu durante as participações orais, principalmente quando lhes foram apresentados os poemas dos autores em questão. E acredito sim, que, a partir dessas leituras, dessa aproximação com esses poetas, os alunos passarão a ter mais curiosidade em conhecer mais. Pois essas obras tratam das características locais, daquilo que faz parte da sua realidade. Mas que se torna universal a partir do momento em que o sentimento apresentado pode também ser de qualquer um ser humano, esse sentimento de valorização, o que foi observado muito nos poemas de Thiago de Mello.

Como já mencionamos, a leitura é um processo; assim com a produção oral e a escrita. Então, não posso dizer que a partir da aplicação dessa proposta aconteceu um “milagre”, que os alunos num passe de mágica passaram a ter o hábito da leitura, ou passaram a gostar de ler poemas de autores amazônicos. Ou então, passaram a oralizar com perfeição e a produzir textos coesos e coerentes. Todavia, valeu apenas. A semente foi lançada, agora é preciso cultivá-la. Pois é necessário muito mais do que isso.

A experiência em fazer esse trabalho em sala de aula, é apenas o início de um processo que deverá ter uma continuidade, e esse será o próximo passo. A partir dessa experiência e de todo esse aprendizado, continuar fazendo um trabalho

voltado para a leitura e produção textual, partindo da leitura de poemas de outras obras de autores da região. Pois só assim, tanto professores, quanto alunos passaremos a conhecer mais sobre as produções de nossa região, e conhecendo, certamente poderemos dar o devido valor.

Como professora, aluna do programa Profletras, sem nenhum medo de ser criticada, sou humilde em dizer que tive muita dificuldade em fazer as leituras, não apenas pelo fator tempo, mas em compreender, em fazer esse diálogo com os autores, em escrever um texto com uma linguagem mais acadêmica, motivo pelo qual sempre fui chamada atenção pela minha orientadora. Entretanto, mesmo com todas as dificuldades por mim enfrentadas, como todo profissional da educação, sempre tive os meus descontentamentos, sempre questioneei a relação da teoria com a prática. Talvez isso faça com que eu produza com mais autenticidade, e acabo indo para a coloquialidade, o que acaba comprometendo o desenvolvimento das minhas ideias. Mas tem algo que jamais perdi: o foco, pois sempre soube o que realmente queria alcançar com esse estudo. E isso, graças ao Profletras, foi possível, pois o curso me deu a oportunidade de ir em busca de conhecimentos teóricos que contribuíram para a minha prática em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipicione.- (Pensamento e ação no magistério), 1997.
- ABREU, Márcia. **Cultura Letrada: literatura e leitura** – São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- ALBARADO, Edilcilene da Silva Pinto. **Histórias para Contar Histórias: A Oralidade como Objeto de Estudo na Escola/** Edilcilene da Silva Albarado Pinto. – Santarém: UFOPA/ PROFLETRAS – Mestrado, 2016.
- ALCÂNTARA, Elaine Cristina de Vasconcelos. **Poesia na escola: seu ensino na perspectiva de formação holística/** Elaine Cristina de Vasconcelos Alcântara. – Santarém: UFOPA/PROFLETRAS – Mestrado, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal: introdução e tradução do russo Paulo Bezerra**; prefácio à edição francesa Tzetan Todorov. – 4ª ed. – São Paulo: Martins Fontes. (Coleção Biblioteca Universal), 2003.
- BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia – Formação Social e Cultural**. 3ª ed. – Manaus: Editora Valer, 2009.
- BEZERRA, José Denis. **Literatura amazônica para quê?** Disponível em: portalclic.files.wordpress.com/2012/03/literatura-amazonica-para-que-jose-denis-deoliveira-bezerra.pdf. Acesso em 30 jan. 2015.
- BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. – São Paulo: Cultrix, 1993.
- _____. **Leitura de poesia**. 1ª edição. 4ª impressão. Editora Ática – São Paulo, 2007.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. **Inquietudes e desacordos: a leitura além do óbvio** – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.
- _____. **Ao revés do avesso – Leitura e formação** – 1. – São Paulo: Pulo do Gato, 2015.
- CAFIERO, Delaine. **Leitura como processo: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/ UFMG, 2005.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: Estudos de Teoria e História Literária** – 10ª edição revista pelo autor / Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.
- CANDIDO, Antônio. **Vários escritos** – 5ª edição corrigida pelo autor/ Rio de Janeiro: Outro sobre Azul, 2013.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola;** [tradução Laura Sandroni] – São Paulo Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática** – 2.ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil: era romântica.** São Paulo: Global, 2004.

CRUZ, Nathalia da Costa. **A poética de Paulo Nunes, Comunicação da memória afetiva.** Universidade do Estado do Pará. Secretaria Municipal de Educação – Belém/PA, 2014. Email:nathaliacruz@ymail.com; nath_2a@hotmail.com

_____. Monografia (Pós-graduação lato sensu em Língua Portuguesa e Análise **Água, tempo e memória: o imagético e o simbólico em Banho de Chuva de Paulo Nunes** Literária) Universidade da Amazônia, Belém/PA, 2011.

ECO, Umberto. Artigo: **A Literatura contra o efêmero.** Publicado pela Folha de São Paulo, Caderno "Mais", de 18/2/2001. Tradução de Sergio Molina.

EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (orgs). **Escolarização da leitura literária.** 2.ed., 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FARES, Josebel Akel. **O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola, Cocar.** Belém, v. 7, n. 13, p. 82-90, jan./jul.2013. Disponível em: <<http://paginas.uepa.br/seer/index.php/cocar/article/view/244>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

FAUSTINO, Mário Faustino. **Debates: Poesia-experiência.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **Artigo: Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, Literatura da Amazônia ou Literatura Amazônica?** Revista de Pós-graduação em Letras – UFPB. João Pessoa, 2004.

FERRAREZI Jr., Celso. **De alunos a leitores: o ensino da leitura na educação básica/** Celso Ferrarezi Jr., Robson Santos de Carvalho. – 1 ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FERRARI, Hugo Antônio. **Um homem apaixonado por Óbidos.** Óbidos – Pará, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa.** 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola: Leitura e análise de poesia para crianças**. 3. Ed. – São Paulo: Cortez. – (Coleção aprender e ensinar com textos, v.10), 2012.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. – 1ªed., 13ª reimpr. – Rio de Janeiro: LTC, 2008.

IANNI, Octavio. **Lendas do novo mundo**. Prefácio de LOUREIRO, João de Jesus – Obras reunidas: Poesia – vol. 1. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 12ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Leitura, texto e sentido**. In Ler e compreender: os sentidos do texto. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. – 14 ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Elementos da estética**. – 3ª ed.rev. e ampl. Belém: EDUFPA, 2002.

_____. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. – Belém: Cejup, 1995.

_____. **Obras reunidas: Poesia** – vol. 1. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. – 10. Ed. – São Paulo: Cortez, 2010.

MELLO, Thiago de. **A floresta vê o homem**. Organização e tradução de Sérgio Bath – Manaus: Editora Valer, Prefeitura de Manaus, 2006.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia**. – 11ª ed. – São Paulo: Cultrix, 1989.

_____. **Dicionário de termos literários**. 6ª ed. – Editora Cultrix. – São Paulo, 1992.

_____. **A criação literária**. Ed.rev. e atual. – São Paulo: Cultrix, 2012.

NUNES, Benedito Nunes. **Do Marajó ao arquivo: breve panorama da cultura no Pará**. Organização Victor Sales Pinheiro. – Belém: Secult: Ed. Ufpa, 2012.

NUNES, Paulo. **Banho de Chuva/ Paulo Nunes escreveu; Emanuel Franco ilustrou**. – 5ª ed. – Belém: Editora Amazônia, 2010.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula** – 1ªed. – São Paulo: Parábola, 2018.

ROJO, Roxane (org.) **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN's**. São Paulo: EDUC, Campinas: Mercado de Letras. - (Coleção as faces da Linguística Aplicada), 2000.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs/ org.** – São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado de Letras, 2000.

SANCHES, Cleber Cid Gama. **Fundamentos da cultura brasileira**. 3ª edição. – Manaus: Editora Valer, 2009.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e Realidade Brasileira**. 5 ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

SILVA, Carlos Antonio da. **Um abraço apertado**. – Óbidos a Garganta do Rio Amazonas/ Carlos Antonio da Silva, Ademar Ayres do Amaral, Bella Pinto de Souza, Célio Simões de Souza, Saladino de Brito. 1ª ed. – Belém Pará: Editora Amazônia, 2009.

SILVA, Paulo Demetrio Pomares da. A literatura de expressão amazônica e as políticas de fomento à leitura: histórias, descasos, militâncias e resistências. *In*: SIMPÓSIO DE LITERATURA INFANTOJUVENIL E FORMAÇÃO DO LEITOR DA AMAZÔNIA, 1., 2013, Belém. *Anais...* Belém, UFPA, 2013. p. 89-104.

SOLÉ, Isabel: **Estratégias de Leitura**. Trad. Cláudia Schilling – 6.ed. – Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo**. – 3ª edição. – Manaus: Editora Valer, 2010.

TELLES, Tenório. Introdução de MELLO, Thiago. **A floresta vê o homem**. Organização e tradução de Sérgio Bath – Manaus: Editora Valer, Prefeitura de Manaus, 2006.

ANEXOS

PRODUÇÃO ESCRITA SOBRE O POEMA "A LIÇÃO DO RIO", DE THIAGO DE MELLO.

TEXTO I

A lição

Podemos entender que o título apresentado no poema a lição de um rio traz uma lição de cumprir o dever. podemos dizer sobre o poema um resumo de vários pontos relacionados ao poema. o poema é diferenciado por muitas coisas relacionadas ao poema que traz uma mensagem linda, uma comparação sobre o elemento do rio e uma atitude e vários outras coisas porque uma atitude de uma pessoa e aquilo que se compara de várias coisas que significam para ela como por exemplo uma lição, a vantagem sobre um rio e o homem e que o rio não se compara sobre a vantagem de um homem porque diferente de um rio e um lago onde vive muitos peixes e vários outros coisas.

O assunto que aborda no poema é uma lição de rio que nos ensinam a desempenhar o assunto importante sobre o poema de modo geral. O poema tem a ver com nossa vida e com a vida de nossa cidade. com nossas atitudes e com nossas existência de fato os seres humano aprendem com esse lição relacionado ao poema.

Produção Textual 1: A lição.
Aluno do 6º, Turma: 603, Tarde.

TEXTO II

Poema: A lição do rio

Quem entende que esse poema fala coisas bonitas e dá muitas coisas que podemos levar para toda a nossa vida, esse poema é direcionado a um rio.

O fato é uma comparação entre uma pessoa e um rio, porque os rios acontecem isso com as pessoas, essa vantagem é que o rio tem água e o homem não tem.

Essa lição que falado no poema é que o rio ensinar como o homem exercer poderíamos dizer sim que esse poema fala sobre a realidade dos seres humanos.

Produção Textual 2: A lição do rio.
Aluno do 6º, Turma: 603, Tarde.

TEXTO III

A lição do rio

Eu entendo que o rio tem uma lição e essa lição serve para todos os seres humanos.
Para todos os seres humanos.
Em o rio e os seres humanos.
A vantagem é que o rio é mais forte do que o homem.
Sim, como o rio e o seres humanos.
Sim, porque traz realidade, com as nossas atitudes com a nossa existência enquanto.
tem a ver com a nossa realidade.

Produção Textual 3: A lição do rio.
Aluno do 6º, Turma: 603, Tarde.

PRODUÇÃO ESCRITA SOBRE O POEMA "PAISAGEM COM BOIÚNA" – DE
JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO.

TEXTO I

tarde

Paisagem com Boiúna.
Socialização da leitura interpretativa

Mito é aquilo que as pessoa emite, sendo
é uma história como a história da cobra, usam
para nos saber e falaram as pessoa para
saberem como ela é contada.

É que a paisagem e a cobra Boiúna e que
falam muito da história e uma ilha onde a
Cobra mora.

Sim, porque a cobra grande fica em baixo
a Igreja de Santana, rio Limazônia, lago, e se ela
tem tudo a ver com essa região.

Lihei muito difícil, porque muitas palavras
que eu não entendi no poema.
São apenas história do passado.

Produção Textual 1: Paisagem com boiuna.
Aluno do 6º, Turma: 603, Tarde.

TEXTO II

Poema: Paisagem com Boiúna: - 6º ano 03
leitura interpretativa.

Lendas são histórias de seres encantados
que os marreiros cantam. Entretanto que
este poema fala sobre uma paisagem e essa
paisagem fala sobre uma cobra tem a ver sim
porque a nossa linguagem tem muito a ver
com essa palavra.

Eu acho difícil porque tem muitas pa-
lavras que eu não conheço por isso
que eu acho difícil. Lendas e mitos apenas
histórias do passado

Produção Textual 2: Paisagem com boiuna.
Aluno do 6º, Turma: 603, Tarde.

TEXTO III

Poema = Paisagem com boiuna

Leitura interpretação

Lenda é aquilo que as pessoas antigas falavam.

Eu entendo que servem pra algumas pessoas lembrar e os personagens eram quase todos encantados.

Eu entendo que é uma paisagem e lá na paisagem tem uma cobra boiuna.

Eu acho que sim. Porque eu conto eles que eles chamam pra menino da cobra-grande e a lenda que tem, o rio é o nosso rio Amazonas, lago é onde os ribeirinho pescam, escama é porque tem os peixes.

Eu não achei muito fácil nem muito difícil porque tem alguma palavras que eu não sei o significado.

São apenas histórias do passado que antigas contavam.

É as vezes poderíamos sempre lembrar aquelas coisas do passado.

Produção Textual 3: Paisagem com boiuna.
Aluno do 6º, Turma: 603, Tarde.

PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE O POEMA "GARRAFEIRO", DE PAULO NUNES

TEXTO I

Seu Antônio garrafeiro

O assunto abordado no poema é seu Antônio garrafeiro de modo geral eu descobri porque garrafeiro era seu Antônio ele vendia garrafa. Certamente retrata a infância do autor porque de fato ele tá narrando sua história e a palavra que sugere a esse palavra é contando história pra molecada. onde acontece e no rua ou na casa de tarde. as personagens que fazem parte do poema é seu Antônio garrafeiro, a madame, molecada e o genio de lâmpada em fim é comem termos lembranças do nosso ~~passado~~ infância porque ajudam de forma positivo resolve para gente e pra ser humano porque acho que esses lembranças do passado foram importantes para nosso vida de hoje. Segundo seu Antônio ele contava história pra molecada gostava. Sim hoje em dia a molecada gosta de ouvir histórias porque fazem lembrar sua infância hoje em dia essas histórias ainda têm o mesmo gostinho de antigamente porque essas histórias eram de antigamente elas eram contadas por nossos pais hoje em dia. Sim mas nos dias de hoje agente percebe a presença de garrafeiro pelos ruas vendendo garrafas de vez em quando. Entre outros por ai.

Produção Textual 1: Seu Antonio Garrafeiro.
Aluno do 6º, Turma: 603, Tarde.

TEXTO II

Socialização da leitura interpretativa
 Poema: O Garrafeiro (Autor: Paulo Nunes)

O medo geral é que o garrafeiro vivia, de compra garrafa, e então encontra uma garrafa que tinha um gênio e a sua vida muda. O senhorinho contava história, o poema que foi abordado que o senhorinho empurrava um carrinho com muitos garrafas.

Quando o garrafeiro conta as histórias para as crianças.

Sim. O fato aconteceu em uma loja.

Sim, ele tem um gostinho de antigo.

Sim, de gostava, sim, a molecada gostava muito e as crianças onde gostava.

Sim.

Produção Textual 2: O Garrafeiro.

Aluno do 6º, Turma: 603, Tarde.

TEXTO II

Nome - do Poema - Garrafeiro

Este tema é abordado através dos estrofes que o autor fala. O polareiro segerado e "seu Antônio" "conta histórias", "fez três pedidos", "o relógio tinha virado ano". Contecia de sua rua, ao dia. Os personagens são: Seu Antônio, madame, doutor, molecada. Depende de nos, porque as histórias podem mudar.

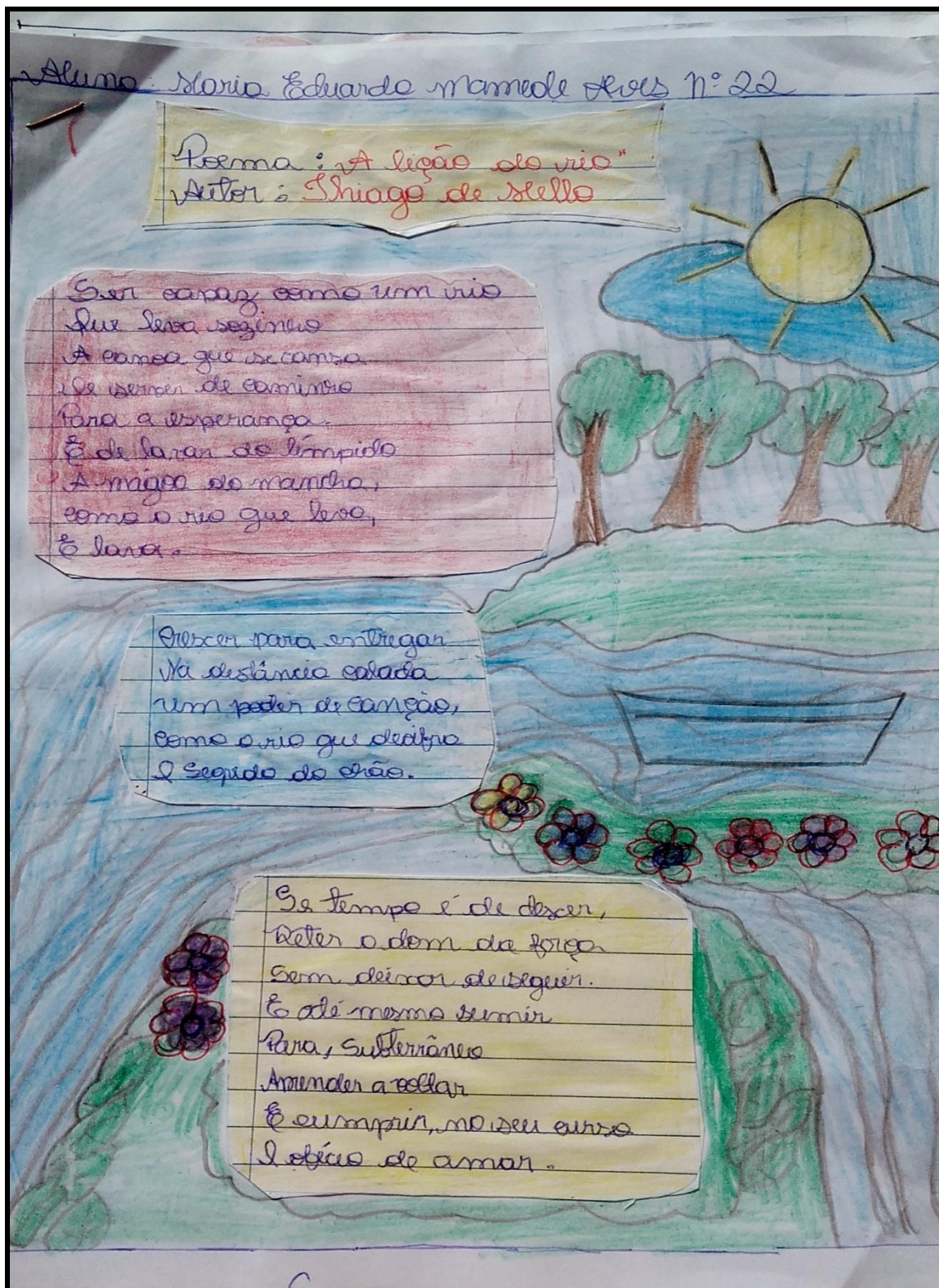
Sim.

Produção Textual 3: Garrafeiro.

Aluno do 6º, Turma: 603, Tarde.

POEMAS SLECIONADOS PELOS ALUNOS PARA FAZER A ILUSTRAÇÃO:

Texto I: A LIÇÃO DO RIO – DE THIAGO DE MELLO



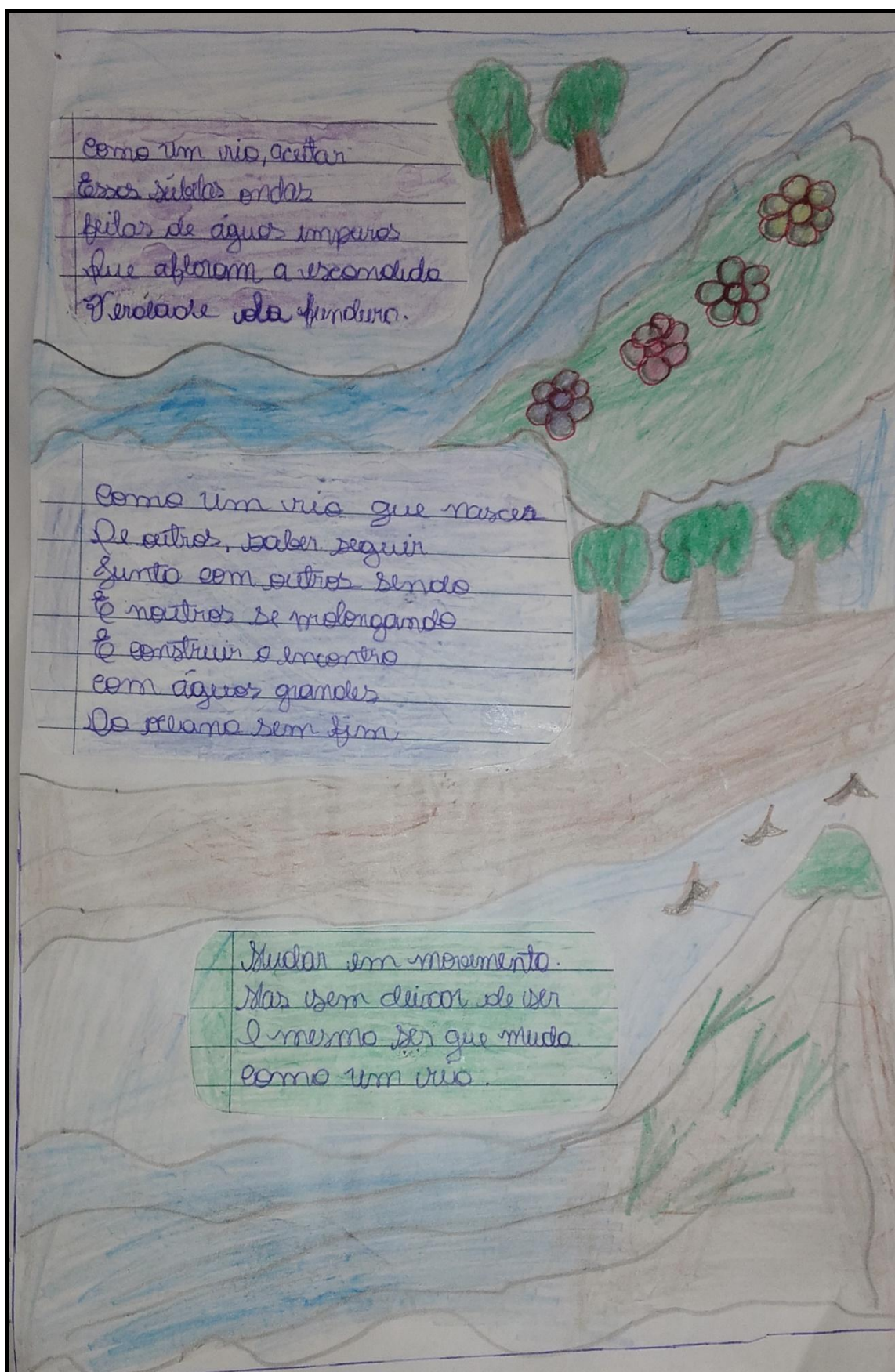


ILUSTRAÇÃO 1: A lição do rio de Thiago De Mello.
 Aluno do 6º, Turma: 603, Tarde.

TEXTO II: GARRAFEIRO – DE PAULO NUNES.

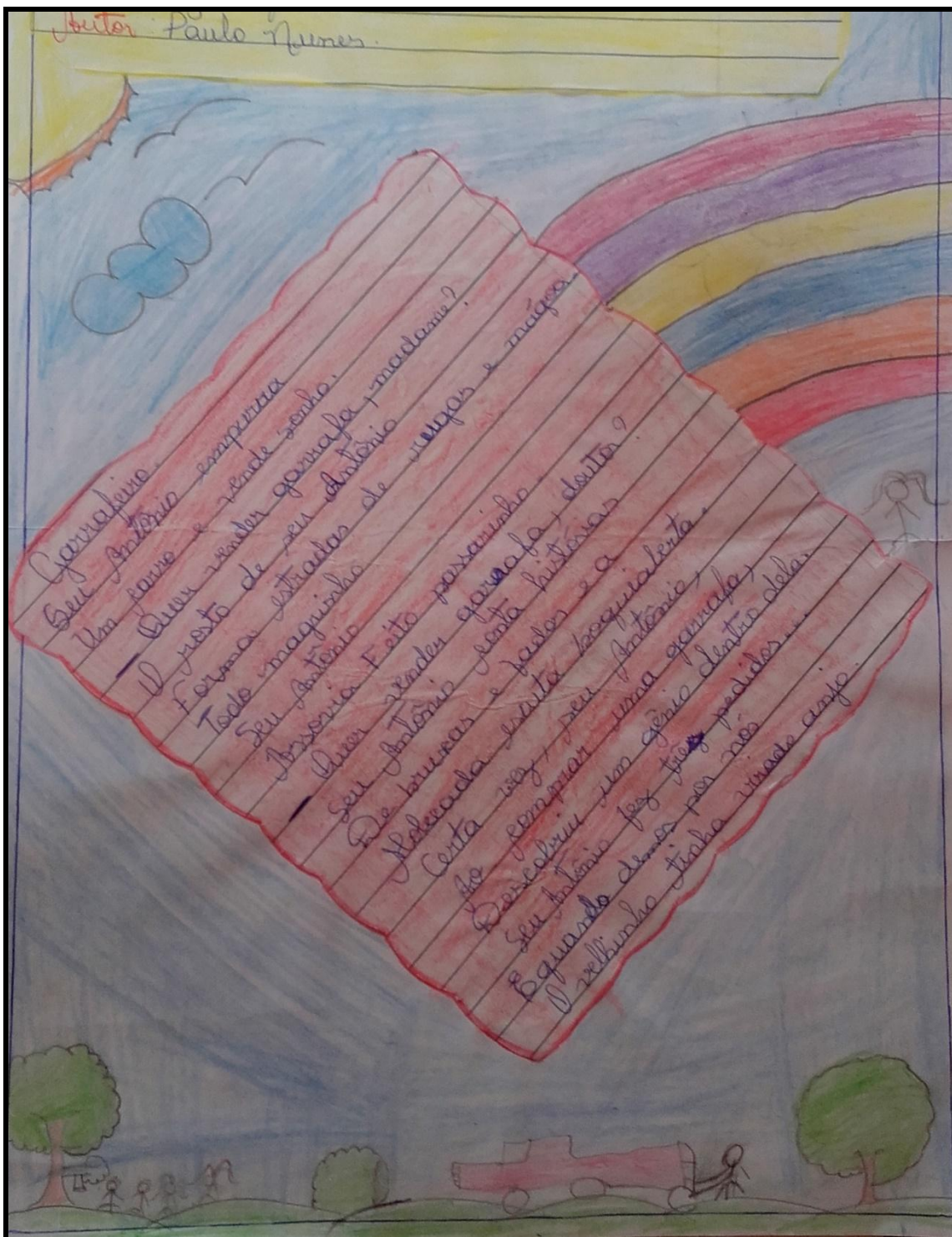


ILUSTRAÇÃO 2: Garrafeira de Paulo Nunes.
 Aluno do 6º, Turma: 603, Tarde.

TEXTO III: PAISAGEM COM BOIÚNA – DE JOÃO DE JESUS PAES LOUREIRO.

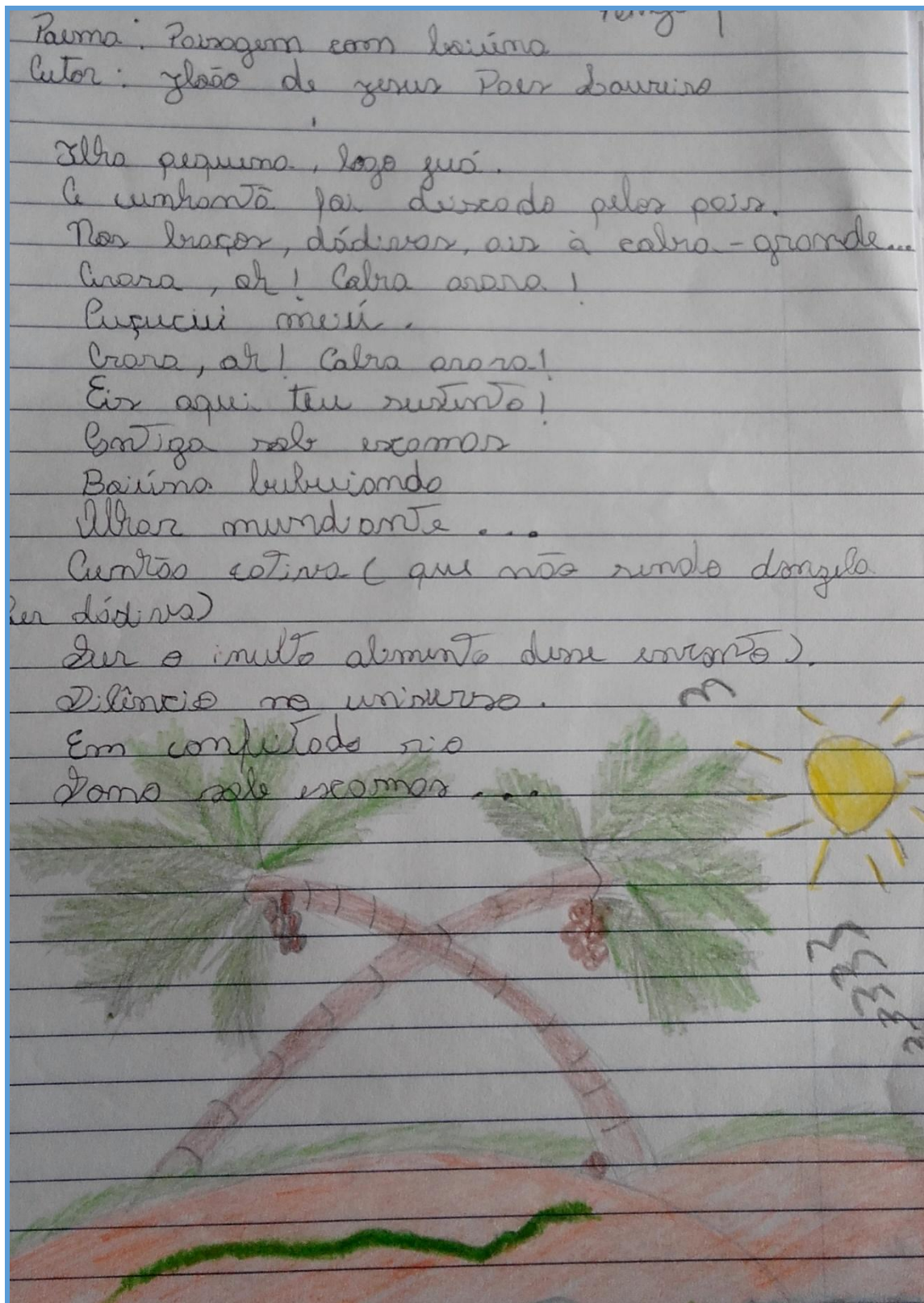


ILUSTRAÇÃO 3: Paisagem com Boiúna de João de Jesus Paes Loureiro.
 Aluno do 6º, Turma: 603, Tarde.

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Processamento Técnico da Divisão de Biblioteca da UFOPA Catalogação de

Publicação na Fonte. UFOPA - Biblioteca Central Ruy Barata

Mota, Maria Ivanilce Silva da. Poemas em sala: um incentivo à valorização da cultura, leitura e produção de textos no ensino fundamental / Maria Ivanilce Silva da Mota. - Santarém, 2019. 157f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Mestrado Profissional em Letras.

Orientador: Ana Maria Vieira Silva.

1. Leitura. 2. Produção de Texto. 3. Poema. 4. Amazônia. I. Silva, Ana Maria Vieira, orient. II. Título.

UFOPA/Sistema Integrado de Bibliotecas CDD 23 ed. 808.81

Elaborado por Bárbara Costa - CRB-15/806